



Universidade Federal De Alagoas - UFAL  
Faculdade De Arquitetura E Urbanismo - FAU  
Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU  
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado - DEHA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**SOL, MAR & CONTRASTES:**  
**Territórios em conflito na orla litorânea, Maceió – AL.**

Mirele Soares da Silva

MACEIÓ  
2024

**Mirele Soares da Silva**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**SOL, MAR & CONTRASTES:**

**Territórios em conflito na orla litorânea, Maceió – AL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo.

**MACEIÓ**  
**2024**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

S586s Silva, Mirele Soares da.

Sol, mar & contrastes : territórios em conflito na orla litorânea, Maceió-AL /  
Mirele Soares da Silva. – 2024.  
145 f. : il. color.

Orientador: Lindemberg Medeiros de Araujo.

Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço  
Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura,  
Urbanismo e Design. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 133-141.

Apêndices: f. 142-145.

1. Sociedade. 2. Direito à cidade. 3. Segregação socioespacial – Maceió (AL).  
4. Lazer. 5. Turismo. I. Título.

CDU: 72:316.285(813.5)

Universidade Federal De Alagoas - UFAL  
Faculdade De Arquitetura E Urbanismo - FAU  
Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU

**Mirele Soares da Silva**  
**SOL, MAR & CONTRASTES:**  
**Territórios em conflito na orla litorânea,**  
**Maceió - AL.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas,  
para a obtenção do grau de Mestre em  
Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA EM 05 / 12 / 2024

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente  
**LINDEMBERG MEDEIROS DE ARAUJO**  
Data: 16/12/2024 20:23:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo.  
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) - UFAL  
(Orientador)

 Documento assinado digitalmente  
**MORGANA MARIA PITTA DUARTE CAVALCANTE**  
Data: 20/12/2024 11:33:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante  
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) - UFAL

 Documento assinado digitalmente  
**ROSELINE VANESSA SANTOS OLIVEIRA**  
Data: 21/12/2024 14:11:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Roseline Vanessa Santos Oliveira  
Programa de Pós Graduação Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)- UFAL

 Documento assinado digitalmente  
**MARIA APARECIDA PONTES DA FONSECA**  
Data: 17/12/2024 08:17:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Pontes da Fonseca  
Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTur) - UFRN

[...] Pedro Bala, que se sente invadido também pela alegria. Assovia com força, bate risonhamente no ombro de Professor. E os dois riem, e logo a risada se transforma em gargalhada. No entanto, não têm mais que uns poucos níqueis no bolso, vão vestidos de farrapos, não sabem o que comerão. Mas estão cheios da beleza do dia e da liberdade de andar pelas ruas da cidade.

**- Jorge Amado, Capitães da Areia**

# AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos em primeira pessoa, mas destaco que nunca estive sozinha e o quanto sou grata por isso. Das forças divinas que me guiam, aos meus pais, Manoel e Helena, que — apesar das adversidades da vida — sempre fizeram o possível para que a minha caminhada fosse tranquila e para que o sonhar não tivesse limites.

Sou imensamente grata ao meu orientador, Lindemberg, por todo apoio, pela paciência, pelos ensinamentos, pela generosidade e pela amizade. Obrigada pelo tempo e dedicação para tornar esta pesquisa realidade, bem como por ter feito com que o processo fosse leve e proveitoso! Levarei todos os ensinamentos compartilhados para a minha vida.

Gratidão ao meu namorado, David, por ter aceitado transformar os nossos domingos em dias de Rua Fechada.

À minha irmã, Mallena, por ser pioneira e desbravar os caminhos.

À Clara, por ser minha dupla e suporte em todas as áreas da vida.

Aos amigos que permaneceram, aos que chegaram e, de alguma forma, colaboraram com este trabalho, em especial Alanna, Dandara, Ianael, Letícia, Maísa e Rodrigo.

À Sophia, por trazer um pontinho de cor para a minha vida.

À Universidade Federal de Alagoas (Ufal), por ser minha segunda casa e um lugar onde amo estar e do qual amo fazer parte. Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), em especial às professoras Débora, Morgana e Roseline, que com generosidade aceitaram participar da banca examinadora.

Gratidão à Maria Aparecida, avaliadora externa, por ter dedicado o seu tempo e empenho para discutir pontos fundamentais que poderiam ser trabalhados para melhorar esta pesquisa, além do compartilhamento de uma incrível lista de referências.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), pela bolsa de estudos que foi essencial durante o processo da pesquisa.

Por fim, aos maceioenses e turistas que voluntariamente colaboraram compartilhando as suas visões e espacialidades do mundo.

Obrigada!

## RESUMO

Maceió se destaca como destino turístico na região Nordeste do Brasil, tendo como atrativo de destaque a paisagem natural composta por praias que se inserem no contexto urbano da cidade. No entanto, nem só de sol e mar é composta a cidade de Maceió, marcada por contrastes sociais e espaciais, que são denunciados pela própria paisagem. Esses contrastes são vistos até mesmo na espacialização de espaços livres voltados para o lazer da população, sendo o trecho central da orla litorânea o principal espaço para essa finalidade. É dentro desse panorama que, nas últimas décadas, o poder público investiu de forma intensa no marketing urbano para a divulgação da cidade como destinação turística, por meio da imagem da orla litorânea, em busca de satisfazer a demanda turística, mas também do mercado imobiliário. Um trecho da orla litorânea de Maceió se destaca, conhecido como “Rua Fechada”, localizado no bairro de Ponta Verde, que aos domingos é fechada aos carros, constituindo espaço livre. Apesar de parecer à primeira vista, um espaço democrático voltado ao lazer, são comumente vistos conflitos socioespaciais nesse recorte espacial, envolvendo diversos atores sociais. O objetivo geral deste estudo é analisar os diferentes usos sociais que ocorrem na Rua Fechada, com base na noção de múltiplos territórios e à luz do direito à cidade. A pesquisa, de natureza qualitativa, se configura como um estudo exploratório e descritivo. A metodologia incluiu entrevistas, questionários com perguntas fechadas e abertas, observação de campo, registro fotográfico e análise documental. O estudo constatou a existência de conflitos socioespaciais na Rua Fechada, particularmente relacionados à forma como determinados atores sociais percebem os residentes que procedem de bairros periféricos da capital alagoana, com a finalidade de usufruir da oportunidade de lazer que a Rua Fechada oferece.

**Palavras-chave:** Sociedade, Lazer, Turismo, Direito à Cidade, Segregação socioespacial.

# ABSTRACT

Maceió stands out as a tourist destination in the Northeast region of Brazil, with the natural landscape made up of beaches that are part of the urban context of the city as its main attraction. However, the city of Maceió is not just made up of sun and sea, it is also marked by social and spatial contrasts, which are revealed by the landscape itself. These contrasts are even seen in the spatialisation of free spaces aimed at the population's leisure, with the central stretch of the coastline being the main space for this purpose. It is within this panorama that, in recent decades, the public authorities have invested heavily in urban marketing to promote the city as a tourist destination, through the image of the coastline, in an attempt to satisfy tourist demand, but also the real estate market. A stretch of Maceió's coastline stands out, known as “Rua Fechada”, located in the Ponta Verde neighborhood, which is closed to cars on Sundays, constituting free space. Despite appearing at first glance to be a democratic space focused on leisure, socio-spatial conflicts are commonly seen in this space, involving various social actors. The general objective of this study is to analyse the different social uses that occur in Rua Fechada, based on the notion of multiple territories and in light of the right to the city notion. The research, of a qualitative nature, is configured as an exploratory and descriptive study. The methodology included interviews, questionnaires with closed and open questions, field observation, photographic records and documentary analysis. The study found the existence of socio-spatial conflicts in Rua Fechada, particularly related to the way in which certain social actors perceive residents who come from peripheral neighborhoods of the capital of Alagoas, with the purpose of taking advantage of the leisure opportunities that Rua Fechada offers.

**Keywords:** Society, Leisure, Tourism, Right to the City, Socio-spatial segregation.

# LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                            |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1. Localização da Rua Fechada – Maceió, AL.....                                                     | 27  |
| Figura 2. Esquema com a classificação dos tipos de espaços livres.....                                     | 36  |
| Figura 3. Mapa Maceió Regiões Administrativas.....                                                         | 40  |
| Figura 4. Orla de Ponta Verde com Língua Negra.....                                                        | 41  |
| Figura 5. Esquema apresenta Principais Vias de Maceió e os pontos de entrada.....                          | 43  |
| Figura 6. Exemplo de Espaços Livres em Maceió – AL.....                                                    | 45  |
| Figura 7. Rank ISS MACEIÓ, indicadores 2021.....                                                           | 55  |
| Figura 8. Mapa Experimente Maceió.....                                                                     | 57  |
| Figura 9. Totem Eu amo Maceió, localizado na orla da Ponta Verde....                                       | 58  |
| Figura 10. Alheios à pandemia, banhistas lotam praias no final de semana.....                              | 60  |
| Figura 11. Chuva de likes: espaços instagramáveis em Maceió.....                                           | 61  |
| Figura 12. Registro aéreo do Marco dos Corais.....                                                         | 63  |
| Figura 13. Megarrevista na Rua Fechada, Orla de Ponta Verde, Maceió – AL, 2016.....                        | 71  |
| Figura 14. Manifestação Maceió Contra o Apartheid 2016.....                                                | 72  |
| Figura 15. Rua Fechada em Maceió, Alagoas em 2023.....                                                     | 73  |
| Figura 16. Rua Fechada com o tráfego de veículos vedado para o acesso livre dos pedestres.....             | 74  |
| Figura 17. Localização da Rua Fechada – Maceió, Alagoas.....                                               | 75  |
| Figura 18. Mapa de Uso e Ocupação do Solo, Bairro Ponta Verde, Maceió, Alagoa.....                         | 76  |
| Figura 19. Ranking dos bairros com o maior metro quadrado no Nordeste.....                                 | 77  |
| Figura 20. Mapa com lista de edificações Rua Fechada .....                                                 | 78  |
| Figura 21. Rua Fechada e edifícios do entorno, 2023.....                                                   | 79  |
| Figura 22. População no Marco dos Corais, em Maceió/AL, 2023.....                                          | 79  |
| Figura 23. Esquema com o mapeamento dos elementos que compõe a Rua Fechada e o entorno.....                | 81  |
| Figura 24. Esquema mobilidade Rua Fechada.....                                                             | 82  |
| Figura 25. Jovens jogando “altinha” na faixa de área da orla da Ponta Verde....                            | 84  |
| Figura 26. Linha do Tempo Pontos Instagramáveis, Estátuas e Monumentos Rua Fechada e entorno imediato..... | 87  |
| Figura 27. Auxílio para subir na cadeira gigante em troca de “gorjeta” virou negócio.....                  | 88  |
| Figura 28. Trecho da Orla de Maceió nos anos de 1980 e 2011.....                                           | 91  |
| Figura 29. Mapa das Territorialidades, múltiplos territórios na Rua Fechada.....                           | 99  |
| Figura 30. Reportagem Fique Alerta pichação no Marco dos Corais.....                                       | 100 |
| Figura 31. Pichações na Rua Fechada.....                                                                   | 102 |
| Figura 32. Escultura de Artista alagoano no Marco dos Corais.....                                          | 103 |
| Figura 33. Grupo de atores sociais da Rua Fechada e entorno imediato.....                                  | 104 |
| Figura 34. Perfil dos turistas entrevistados.....                                                          | 105 |
| Figura 35. Perfil dos moradores de bairros periféricos entrevistados....                                   | 108 |
| Figura 36. Perfil dos moradores do entorno da Rua Fechada entrevistados.....                               | 112 |
| Figura 37. Perfil dos comerciantes formais entrevistados.....                                              | 117 |

Quadro 1. Atividades relacionadas ao Lazer Mapeadas na Rua Fechada, 2023-  
2024.....85

# SUMÁRIO

|                                                                            |     |
|----------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                           | 14  |
| CAMINHOS METODOLÓGICOS .....                                               | 20  |
| 1. SOBRE LAZER, ESPAÇOS LIVRES E DIREITO À CIDADE .....                    | 25  |
| 1.1 Em busca de conceituar o lazer .....                                   | 25  |
| 1.2 Do direito ao lazer ao direito à cidade .....                          | 31  |
| 1.3 O espaço da sociabilidade.....                                         | 34  |
| 1.4 Lazer em Maceió.....                                                   | 39  |
| 2. DE SOL E MAR: O TURISMO E A CIDADE DE MACEIÓ .....                      | 47  |
| 2.1 O turismo de sol e mar .....                                           | 47  |
| 2.2. Do sol e do mar de Maceió .....                                       | 52  |
| 2.3 O super marketing turístico .....                                      | 56  |
| 3. EM BUSCA DO TERRITÓRIO: CONHECENDO A RUA FECHADA .....                  | 66  |
| 3.1 Definição de território .....                                          | 66  |
| 3.2 Experimente a Rua Fechada.....                                         | 71  |
| 3.2.1 Localização.....                                                     | 74  |
| 3.2.2 Análise Espacial.....                                                | 77  |
| 4. TERRITÓRIOS EM CONFLITO: ANÁLISE E DISCUSSÃO .....                      | 93  |
| 4.1 A rua é realmente aberta? .....                                        | 93  |
| 4.2 Territorialidades na Rua Fechada .....                                 | 97  |
| 4.3 Entre vistas: a rua fechada e os atores sociais .....                  | 103 |
| 4.3.1 Turistas.....                                                        | 104 |
| 4.3.2 Moradores de bairros periféricos .....                               | 107 |
| 4.3.3 Moradores do entorno Rua Fechada .....                               | 112 |
| 4.3.4 Comerciantes.....                                                    | 117 |
| 4.4 Discussão dos conflitos à luz do direito à cidade e ao território..... | 122 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                 | 127 |
| REFERÊNCIAS.....                                                           | 127 |
| APÊNDICE.....                                                              | 142 |

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa surge a partir das vivências da autora como moradora de um bairro periférico da cidade de Maceió, Santo Amaro, em que não há espaços livres públicos voltados ao lazer. O que gerou uma inquietação, a partir da necessidade de desde a infância buscar em outros bairros da cidade espaços voltados para o lazer. Esse espaço, por muitas vezes foi o calçadão da orla litorânea, mesmo que por vezes de contragosto, pelas dificuldades encontradas até chegar lá, principalmente em relação ao transporte público, que era escasso aos finais de semana, o que levava a uma superlotação, pois outros moradores da cidade também migravam de bairro em busca de lazer “*vou para a parte baixa da cidade me divertir*”. Durante a graduação em arquitetura e urbanismo, a autora pôde ter um novo olhar sobre a cidade e o sistema de espaços livres, ao observar durante a criação do trabalho final de graduação, que a infraestrutura da cidade se relacionava com os índices socioeconômicos da população, e quanto mais carente era a população, pior eram as condições de habitabilidade dos bairros, fator que também era refletido na espacialização dos espaços de lazer. Enquanto isso, a orla litorânea, morada da população com maior poder aquisitivo da cidade, esbanjava atrativos, que apesar da espacialização em um espaço público nem sempre estavam disponíveis para serem usufruídos por todos, principalmente para os jovens que assim como a autora, migram de bairros periféricos em busca de lazer na orla litorânea. Assim, com o desejo de resolver os problemas da sociedade, que todo trabalho final de graduação carrega, a autora queria de certa forma quebrar esse ciclo, ao propor um projeto que buscasse a democratização do lazer na cidade a partir da proposta paisagística de um parque urbano, localizado na parte alta da cidade, mais especificamente no bairro Tabuleiro do Martins. Enquanto isso, a orla litorânea segue ganhando cada vez mais destaque, principalmente devido à demanda turística que a área comporta, porém, em conjunto, episódios de segregação são vistos na localidade, e também são expostos nas mídias e redes sociais, relacionados à população marginalizada da cidade. Assim, essa pesquisa tem como principal motivação o desejo e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária para todos, independentemente da cor, credo ou classe social.

# INTRODUÇÃO

A cidade e a sociedade estão interligadas, assim, quando a sociedade se transforma, a cidade também muda. E o homem é o principal agente das metamorfoses da cidade, pois a mesma é vista como a sua obra mais bem-sucedida e que ao fazê-la o homem refaz a si mesmo. O que reforça o vínculo entre a cidade e as relações sociais. A cidade é assim considerada o epicentro da vida contemporânea, espaço de uso, mas também de troca (Lefebvre, 2001; Park, 1967).

Lefebvre (2001, p. 13) argumenta que a cidade possui um caráter orgânico de comunidade, mas que esse fator não impede a luta de classes. Assim “os violentos contrastes entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre os poderosos e os oprimidos”, ao revelar que no contexto urbano, esses conflitos e lutas de classes reforçam o sentimento de pertencimento, e com isso “esses grupos rivalizam no amor pela sua cidade”. O autor complementa que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (Lefebvre, 2001, p. 22). Assim, com tantas diferenças, a cidade se torna também um espaço gerador de conflitos.

Desde os seus primórdios as cidades se relacionam com os meios de produção, sendo essenciais para a sua consolidação. Assim, com o capitalismo surge uma conexão direta entre o seu desenvolvimento e a urbanização, sendo essa última classificada como um fenômeno de classe, ao passo que o controle da produção sempre ficou nas mãos de poucos. Esse fator por si só já é essencial para a geração de conflitos, estes que são ainda mais intensificados na cidade durante a sociedade industrial (Duarte et al., 2018; Harvey, 2014).

A cidade, espelho de mutações sociais, econômicas, políticas e culturais, destrói, constrói e reconstrói modelos e paradigmas urbanos num traçado complexo, atendendo às novas necessidades e exigências da sociedade no contexto da diversidade urbana. A cidade enquanto fenômeno social, com uma dinâmica socioeconômica e cultural contínua, permanece em constante mutação num mundo urbano de contradições e conflitos, abraça a modernidade e as mudanças dela provenientes, consolidando novas relações sociais, novos comportamentos e novas mentalidades (Duarte et al., 2018, p. 84).

Bauman (2001) em sua obra “Modernidade líquida”, descreve a sociedade atual como oposta à modernidade sólida, período anterior ao fim da Segunda Guerra Mundial, em que as noções de coletividade eram mais afluídas. Em contraponto, descreve a contemporaneidade como veloz e sempre em movimentação, assim como o estado líquido. Nessa sociedade a noção de comunidade é cada vez mais individualizada, transformando os cidadãos em indivíduos, ao divergir da busca pelo seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade, na busca de satisfazer seus próprios interesses. Além disso, há uma substituição do “ser” por “ter” impulsionado pela força do capitalismo e o consumismo. Esses fatores impactam não apenas as relações sociais, econômicas e tecnológicas, mas também o espaço urbano e a forma como ele é produzido e vivenciado (Bauman, 2001).

Apesar dos incontáveis avanços na sociedade contemporânea, eles não foram suficientes para tornar as condições sociais na cidade mais justas e igualitárias. A globalização não foi capaz de tornar o planeta homogêneo, e o abismo social se expande, ao ser observado em diferentes escalas, seja em relação a diferentes países, estados, ou até mesmo entre bairros e ruas de uma mesma cidade. Pessoas vivem em condições de miséria, enquanto outros acumulam capital suficiente para infinitas gerações usufruírem.

Esse cenário de desigualdades e segregações é agravado em países subdesenvolvidos como o Brasil, em que 29,4% da população vive abaixo da linha da pobreza, enquanto 1% da população do país detém quase metade da riqueza nacional (Belandi, 2022). Essa extrema desigualdade não é percebida apenas nas formas das pessoas consumirem, mas também no modo de habitar a cidade, na garantia dos seus direitos; basta observar a população marginalizada que não é contemplada por direitos básicos para todos do território nacional.

Constata-se nas cidades brasileiras a conformação de ideais higienistas atrelados ao período de modernização urbana do século XX, o que evidenciou práticas que excluem tudo aquilo que não condiz com o que se acreditava ser o padrão que representava a modernidade no país. Apesar de ser uma prática do século anterior, ainda se apresenta na atualidade, basta observar as tentativas de higienização da cidade atual, seja por meio da remoção de favelas, ou até

mesmo com a proibição de acesso a partes da cidade por determinadas classes sociais. Assim, cabe uma reflexão sobre a sociabilidade no Brasil, ao constatar que a mistura de classes, cores e credos, gera uma interação entre os distintos, que muitas vezes parece infringir as regras impostas de convívio social (Duarte, et al., 2018; França; Dornelas, 2014).

É dentro desse contexto de conflitos socioespaciais da cidade, que este estudo aborda o conceito de “Direito à cidade”, descrito pelo sociólogo Henri Lefebvre (2001), como um grito, uma necessidade, não só do acesso a cidade, mas de poder participar, e reinventar a cidade de acordo com os seus desejos. Ao passo que esse direito muitas vezes é negado, principalmente à população que fica à margem da sociedade, se constata que ele fica confinado nas mãos de uma pequena elite política e econômica. Assim, com o poder na mão de poucos, as cidades cada vez mais fragmentadas, ficam propensas à geração de conflitos (Harvey, 2014).

Nesse panorama de conflitos e contrastes, outro fenômeno vem se desenvolvendo nas sociedades contemporâneas: o turismo, que é compreendido como uma prática social, de acordo com Cruz (2003, p. 4) que “envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. Nas últimas décadas o turismo tem se destacado como um negócio em ascensão, ao se observar as promessas de desenvolvimento econômico que essa prática social oferece aos destinos turísticos. Esse fator atrai o investimento público em diversos países, em busca de crescimento econômico, em conjunto com instituições privadas (Rangel, 2010; Vasconcelos, 2017).

No Brasil, cidades como Porto Seguro e Salvador, foram destinações turísticas pioneiras na região Nordeste, e nas últimas décadas, outras cidades como Recife, Natal, Fortaleza e Maceió também se configuraram como destinação turística consolidada. Observa-se que o desenvolvimento dessas destinações ocorre de forma majoritariamente espontânea, o que faz com que sofram diversos impactos da turistificação em massa do espaço (Araujo; Moura, 2007; Vasconcelos, 2017).

É nesse panorama que a cidade de Maceió se destaca como destino de Sol e Mar tendo como principal atrativo os recursos naturais da cidade, mais

especificamente o mar, as piscinas naturais e as praias urbanas, com destaque para as praias inseridas nos bairros considerados “área nobre da cidade”, isto é, Ponta Verde, Pajuçara e Jatiúca (Rangel, 2010). Nas últimas décadas, os investimentos públicos foram intensificados, visando aumentar a oferta turística na capital alagoana, com a implementação de uma espécie de *super marketing*<sup>1</sup>, em busca de aumentar a demanda turística na capital.

As intervenções urbanas são recorrentes nesse trecho da cidade e acabam favorecendo tanto o setor turístico como também o setor imobiliário. Essa intensificação acaba ocasionando um forte contraste entre a área central da orla marítima de Maceió aos demais espaços de lazer da cidade, pois apresentam equipamentos, mobiliários e atrativos que não estão presentes em outras áreas da cidade.

Assim, nem só de sol e mar é composta Maceió, e os contrastes são denunciados na própria paisagem. Esta cidade, com aproximadamente um milhão de habitantes, apresenta diversas variações e desigualdades no seu sítio urbano, configuradas desde o relevo, até a distribuição de infraestrutura e índices socioeconômicos da população. Ao traçar um paralelo, constata-se que os bairros em que a população apresenta maior poder aquisitivo, melhores são as condições de habitabilidade, enquanto isso, os bairros periféricos sofrem com a ausência de infraestruturas básicas, entre elas, espaços livres de lazer de qualidade (Silva, 2021).

Nos últimos anos, o marketing voltado para a área central da orla litorânea foi ainda mais intensificado, o que acabou gerando conflitos com a popularização da área, mais especificamente no recorte que compreende a mencionada “Rua Fechada”, bairro da Ponta Verde. Essa parte da orla marítima de Maceió, tem a via de acesso aos automóveis fechada aos domingos, para que o calçadão da orla possa se estender na avenida, com o intuito da população usufruir de lazer neste espaço.

---

<sup>1</sup> O termo *super marketing* está sendo usado neste trabalho para designar ações desencadeadas pelo poder público no destino Maceió centradas nas Redes Sociais Online (ALVES, 2021), tais como Instagram, Telegram e Facebook.

Entretanto, o uso desse espaço livre público tem gerado diversos conflitos socioespaciais. Esses conflitos de interesse são constatados entre diferentes atores que se relacionam com esse recorte espacial de alguma forma, sejam os moradores do entorno, a população carente de áreas de lazer na cidade, os turistas, comerciantes locais e o poder público municipal e estadual. Mas entre esses conflitos se destacam os de segregação social. Apesar dessa parte da cidade ser um espaço livre público, voltado para o lazer dos residentes e dos turistas, portanto em tese um espaço propício para as diferentes manifestações e relações sociais na cidade, é comum ocorrerem problemas.

É dentro dessa problemática que o conceito de “múltiplos territórios” ganha relevância. De acordo com Haesbaert (2008), esse fenômeno se configura como uma sobreposição de territórios distintos, providos por diferentes agentes e atores, que interagem e se relacionam com o espaço de formas diversas, em diferentes níveis e escalas.

Dessa forma, surgem questionamentos sobre como se manifesta o direito à cidade em Maceió, particularmente na Rua Fechada e suas imediações, parte de um destino turístico que apresenta grandes contrastes sociais. O direito à cidade se torna mais restritivo à medida que um lugar se torna turístico? A turistificação da Rua Fechada e entorno imediato causa conflitos entre os diferentes tipos de usuários?

A partir dessa explanação, esta pesquisa apresenta a hipótese de que em Maceió o direito à cidade para o residente torna-se mais comprometido na medida em que a cidade se turistifica, uma vez que o uso dos espaços valorizados pelo turismo e o mercado imobiliário tornam-se mais restritivos para os residentes de menor poder aquisitivo, particularmente na Rua Fechada, área densamente frequentada por turistas.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os diferentes usos sociais que ocorrem na Rua Fechada, espaço livre em Maceió, com base na noção de múltiplos territórios e à luz do direito à cidade. Busca-se compreender possíveis implicações para o direito à cidade em relação aos múltiplos atores sociais que a frequentam.

A pesquisa é pertinente à área de concentração Dinâmicas do Espaço Habitado, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), por estudar as dinâmicas socioespaciais que ocorrem na cidade de Maceió, a partir de um recorte espacial, assim como por analisar as relações de poder que se configuram num espaço livre público, em conjunto com fenômenos como o turismo e a segregação socioespacial. E se insere na linha de Temporalidades e Apropriações, ao compreender que o espaço é um objeto multifacetado no qual as relações que nele ocorrem representam uma chave para buscar uma compreensão sobre os seus usos sociais.

Entende-se que essa pesquisa é relevante pois o conhecimento que está sendo construído poderá contribuir com a ampliação da percepção e compreensão dos conflitos que ocorrem na cidade, o que pode ser do interesse da formulação de futuras políticas públicas e debates sobre a forma como a cidade vem sendo conduzida, à luz do conceito do direito à cidade.

A pesquisa será estruturada em quatro capítulos:

O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico sobre o lazer, os espaços livres e o conceito de Direito à Cidade, à medida que é visível a relação entre os temas, no qual se transpassam e fazem parte da esfera essencial da democracia, em que os espaços livres são essenciais para as práticas de lazer da população, e também para o convívio e manifestações sociais, e assim, podem ser loco da evocação do próprio Direito à cidade. É também apresentado neste capítulo uma breve contextualização da cidade de Maceió, para que possa ser compreendido as dinâmicas que nela ocorrem.

Já o segundo capítulo aborda o turismo, desde uma breve discussão teórica a compreensão da inserção dele no panorama do lazer e como este vem se configurando como um dos principais fenômenos da atualidade e transformando a produção espacial das destinações turísticas. Em seguida, será apresentado o panorama do turismo em Maceió, dando ênfase ao momento atual, para a compreensão das dinâmicas socioespaciais que ele abarca.

Enquanto isso, o terceiro capítulo traz um recorte teórico sobre o território, fundamental para a compreensão das dinâmicas que ocorrem na área de estudo.

É aqui que será apresentada a caracterização da “Rua Fechada” e do seu entorno imediato, que compreende o Marco dos Corais<sup>2</sup>. Para a realização da análise espacial é utilizada a categorização de Milton Santos.

E por fim, o último capítulo, apresenta a análise e discussão das territorialidades observadas e mapeadas na área de estudo, além do resultado das entrevistas dos atores sociais que compõem esse recorte espacial, em conjunto com pesquisas em portais e sites da internet. Em conexão com os assuntos abordados nos capítulos anteriores, em busca de verificar se a hipótese inicial da pesquisa será confirmada ou não.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os métodos e procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram fundamentais para o desenvolvimento da mesma. Autores como Marconi e Lakatos (2010) evidenciam que não há ciência sem o emprego de métodos científicos, enquanto Dencker (1998) discorre sobre a importância deste para a orientação geral em busca de chegar numa finalidade, o que define o caráter científico da pesquisa sendo justamente os métodos utilizados para a construção.

Inserida num contexto das ciências sociais, é observado que não existe separação do que é externo ao homem, assim, os fenômenos passam a ser compreendidos numa perspectiva em que o próprio pesquisador não é isento (Decker, 1998). Dessa forma, é inegável o posicionamento do pesquisador na construção da pesquisa, pois o mesmo já detém determinados preceitos, e a própria escolha temática da pesquisa científica já se configura como uma forma de intervir no objeto estudado por meio dos conceitos e valores que guiaram a investigação.

É a partir dessa contextualização que esta pesquisa é caracterizada pela natureza de **abordagem qualitativa**, que se trata de um conjunto de práticas que possibilitam a transformação do mundo que vemos em dados representativos,

---

<sup>2</sup> O Marco dos Corais é um espaço livre público sobre o mar, que foi construído no bairro de Ponta Verde, em local onde antes existiam as ruínas de um empreendimento privado, o Alagoinha Iate Clube.

em busca de entender um fenômeno em seu contexto natural (Creswell, 2014), buscando valorizar elementos contextuais e dimensões teóricas que, em seu entendimento, são os mais relevantes para sua pesquisa.

Godoy (1995, p. 21) dispõe que na pesquisa qualitativa o fenômeno é compreendido inserido no contexto em que ocorre, o que acarreta a necessidade de uma análise integrada. Creswell (2014) complementa ao apresentar os pressupostos da pesquisa qualitativa: pesquisa conduzida em ambiente natural; tem o pesquisador como instrumento-chave de coleta; envolve múltiplos métodos; e um raciocínio complexo entre o dedutivo e indutivo; foca na perspectiva dos participantes e; está situado dentro do contexto dos participantes. O que se configura com a forma como esta pesquisa é conduzida.

Enquanto isso, do ponto de vista do objetivo a pesquisa apresenta uma **multiplicidade de caráter**, desde o **descritivo**, ao buscar descrever fenômenos e características socioespaciais a partir de levantamento de dados; e **explicativo**, ao explicar a partir de levantamentos e entrevistas em relação ao objeto da pesquisa (Nascimento, 2016). A partir dessa compreensão, para a obtenção dos objetivos aqui propostos, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos:

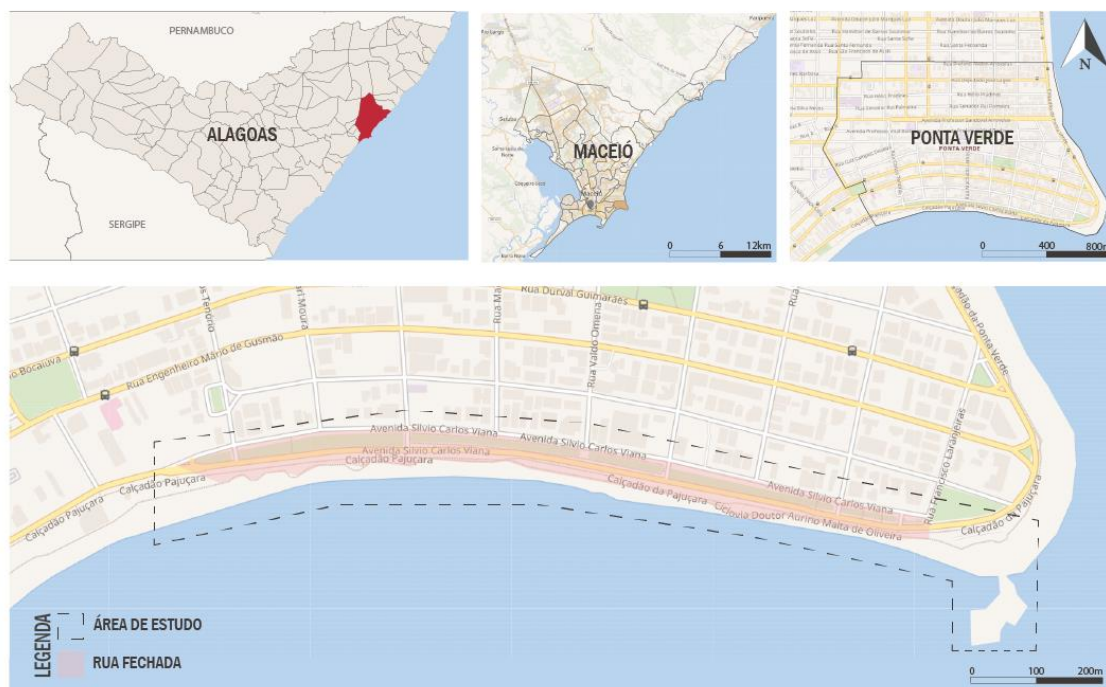
O primeiro procedimento realizado foi a **pesquisa bibliográfica**, em busca da fomentação teórica da pesquisa, por meio da busca de autores que abordam as temáticas do estudo, mais especificamente: lazer, turismo, território e o direito à cidade. Com isso, a pesquisa é ambientada a partir da leitura realizada por meio de fontes bibliográficas, seja em forma de publicações, livros, artigos, teses, dissertações e sites. De modo que é feita a relação da pesquisa com o universo teórico, para o embasamento, mas também para a interpretação de dados e fatos levantados (Marconi; Lakatos, 2010).

Em conjunto com a pesquisa bibliográfica, também foi inserida a **pesquisa documental**, a partir do acesso a documentos específicos, como o Mapa do Turismo do estado, da Secretaria do Turismo Nacional, o DataTur Alagoas, criado pela ABIH – Associação Brasileira de Indústrias e Hotéis de Alagoas. Além da participação em oficinas e audiência pública do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS.

Outro procedimento fundamental foi a **pesquisa de campo**, que teve como principal as observações realizadas in loco, em busca de levantar informações acerca dos objetivos propostos nesta pesquisa, além de mapear os fenômenos enquanto aconteciam de forma espontânea. O que se configura de acordo com Marconi e Lakatos (2014) como o ponto de partida para a investigação social. Foram realizadas anotações, registros fotográficos, mapeamentos e esquemas, com o objetivo de registrar o que foi observado. As idas a campo foram intensificadas no período entre janeiro de 2023 a agosto de 2024.

O recorte espacial de estudo compreende a Rua Fechada, um trecho da Avenida Silvio Carlos Viana, no bairro da Ponta Verde, onde o tráfego de carros é vedado aos domingos, permitindo que a população usufrua da localidade, além do seu entorno imediato, que abrange o Marco dos Corais. Por ser um espaço de lazer de destaque na cidade, inserido num bairro turistificado e atrair diferentes pessoas, foi observado o surgimento de constantes conflitos. Dessa forma, a área foi selecionada como recorte de estudo dessa dissertação.

Figura 1 – Localização da Rua Fechada – Maceió, Alagoas



Fonte: OpenStreet, elaboração própria (2023)

Além disso, foram realizadas **entrevistas**, com o objetivo de obtenção de informações e coleta de dados para a compreensão dos fenômenos aqui propostos. Com isso, foram selecionados para serem entrevistados os atores que territorializam o recorte de estudo, entre eles: os moradores do entorno da Rua Fechada e Marco dos Corais; os moradores de bairros periféricos; comerciantes itinerantes; e os comerciantes formais. Para cada conjunto de atores foi criado um roteiro de entrevista específico, questionários com perguntas abertas e fechadas, disponibilizado no apêndice A.

Apesar da entrevista ter um roteiro a ser seguido, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, e com o objetivo de humanizar as abordagens, as entrevistas ocorreram de forma mista. Em busca justamente de se aproximar de uma conversa, para que o entrevistado se sentisse a vontade de responder as perguntas expondo o seu ponto de vista. Essa entrevista teve como principal objetivo buscar compreender as diferentes experiências das pessoas no recorte espacial da Rua Fechada, recorte.

É importante ressaltar que a seleção dos atores sociais para serem entrevistados foi realizada de forma intencional. O que torna a amostragem desta pesquisa não probabilística. Assim, ocorria a pergunta inicial relacionada à onde eles moram, em busca de classificá-los, ou como moradores do entorno, moradores de outros bairros ou turistas. A partir disso, era selecionado o roteiro para seguir com as demais perguntas propostas. Com isso, foram entrevistados 50 moradores do entorno, 50 moradores de bairros periféricos, 50 turistas e 20 comerciantes.

Já em relação aos comerciantes da área formais e informais, foi mais fácil fazer a identificação devido a espacialização das áreas de trabalho. Dessa forma, inicialmente foi avisado de forma prévia aos comerciantes das barracas, bares, quiosques e barracas de revista sobre as entrevistas na tentativa de agendá-las para atender a disponibilidade de cada comerciante da área. É importante ressaltar que apenas os empreendimentos que estavam na orla fizeram parte desta entrevista, pois foi observado que os que confrontavam os edifícios não se relacionavam diretamente com a Rua Fechada e o Marco dos Corais.

Em relação às entrevistas com os comerciantes itinerantes, foi realizada de forma mais espontânea. No total foram realizadas entrevistas com 8

comerciantes formais, apenas 1 dos empreendimentos não foi entrevistado, por já ter certo conhecimento do que a pesquisa se tratava. Já dos comerciantes informais foram entrevistados no total 12. Totalizando 170 entrevistas no recorte de estudo. As entrevistas foram iniciadas no período de dezembro de 2023 a julho de 2024, ocorrendo majoritariamente aos domingos, quando o recorte espacial estava fechado para os veículos e aberto para as pessoas.

Durante as entrevistas foi observado que houve diferentes níveis de dificuldade para entrevistá-los. Por exemplo, os moradores dos bairros periféricos, em sua maioria jovens, estavam na Rua Fechada em seu momento de lazer, não se sentiam incomodados ao serem abordados para participar da pesquisa. Os turistas se comportaram de modo semelhante, principalmente com o desejo de exprimir o que estavam sentindo ao conhecer este espaço. Já os moradores do entorno, houve um certo desconforto em algumas das abordagens, em que alguns recusaram participar da entrevista, ao observar que a entrevista atrapalhava as atividades que estavam ali sendo desenvolvidas.

E por fim, foi realizada a **análise de dados**, dados esses levantados após os procedimentos identificados nos itens anteriores, os dados foram tabulados, com vista a criar as condições para a realização da sua análise. Assim, os dados relevantes para o exame das questões de pesquisa adotados foram selecionados, incluindo trechos de falas de entrevistados, para serem usados na construção argumentativa do trabalho. A apresentação e análise de dados foi realizada à luz dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico desenvolvido como parte do estudo.

# 1. SOBRE LAZER, ESPAÇOS LIVRES E DIREITO À CIDADE

A forma como as dinâmicas sociais ocorrem se relacionam diretamente com o modelo de produção vigente. Desse modo, para compreender como um fenômeno se dá é importante a contextualização do mesmo dentro do espaço e tempo em que ocorre. Assim, neste capítulo inicial será realizada uma breve discussão teórica sobre o lazer, espaços livres e o direito à cidade, e a espacialização desses na cidade de Maceió.

## 1.1 Em busca de conceituar o lazer

Em relação à conceituação do lazer, o sociólogo francês Joffre Dumazedier recebe certo destaque, ao revelar em sua obra elementos que buscam trazer essa definição. Para Dumazedier (2008) duas condições prévias seriam essenciais na vida social para que o lazer pudesse ocorrer: as atividades sociais não serem mais regradas pelos rituais da comunidade; e o trabalho formal ganhar relevância em relação a outras atividades.

Seguindo essa lógica, Gutierrez (2011, p. 4) complementa que o lazer só é percebido com o advento da Revolução Industrial com a “separação dos espaços familiares, comunitários e profissionais”. É nessa época que para Dumazedier (2008) são produzidas mudanças sociais e culturais, como também os sistemas de valores coletivos, introduzindo assim transformações significativas do lazer e em suas relações com as obrigações básicas da cidade. Assim, Dumazedier (1973, p. 34) define o lazer como sendo:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Ainda de acordo com o autor, o lazer permite ao homem, a possibilidade de se libertar das fadigas físicas ou nervosas que contrariam o ritmo biológico do homem, permitindo a recuperação. Outro aspecto do lazer é a libertação do tédio cotidiano, permitindo a saída da rotina impostas pelos organismos de base. Apesar disso, o autor afirma que o lazer não pode ser considerado sinônimo de

ócio, pois esse era fruto da exploração do trabalho de outros, o que faz com que não tenha a definição relacionada ao trabalho, mas sim como uma substituição deste (Dumazedier, 2008).

Fica explícito a relação do lazer feita por Dumazedier (2008) com o trabalho, e sobretudo, com a sociedade industrial. Um aspecto interessante da sua análise é que apresenta críticas em relação a prática do lazer não ser usufruída por todos de forma democrática desde o que para ele se configurava como princípio do lazer:

Uma parte dos trabalhadores, seja porque o trabalho é para eles fonte de criação cultural ou de responsabilidade social, seja porque as necessidades de consumo são as mais fortes, seja por desinteresse para com as atividades do tempo livre, assumirão jornadas, semanas, longos anos de trabalho como na sociedade anterior. Esquecer de evocar estes fatos, quando se fala da evolução atual e provável para o futuro, é truncar a realidade, é produzir uma representação ideológica do tempo livre ou do lazer; mas tais observações não concernem senão a minorias (Dumazedier, 2008, p. 35).

Desse modo, apesar de ter um marco histórico temporal, o lazer, como apresentado por Dumazedier (2008), já demonstra aspectos de desigualdade na sociedade, no qual há a presença de pessoas que não possuem condições privilegiadas para usufruí-lo. É dentro dos princípios da Revolução Industrial que Paul Lafargue (2000) faz críticas às condições de trabalho da época, ancorado por dogmas da igreja católica, no qual os operários trabalhavam em condições de exploração de forma alienada para o enriquecimento dos burgueses abrindo mão de desejos e características pessoais que tinham anteriormente. Dessa forma, sem tempo livre para se preocupar com outros aspectos como a cultura.

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho. Homens cegos e limitados, quiseram ser mais sábios do que o seu Deus; homens fracos e desprezíveis, quiseram reabilitar aquilo que o seu Deus amaldiçoara. Eu, que não confesso ser cristão, economista e moralista, recuso admitir os seus juízos como os do seu Deus; recuso admitir os sermões da sua moral religiosa, econômica, livre-pensadora, face às terríveis consequências do trabalho na sociedade capitalista (Lafargue, 2000, p. 7).

Assim, é observado que na sociedade capitalista só a atividade produtiva do trabalho é bem vista. Lafargue (2000) questiona essa dinâmica, contemplando que se até o Deus cristão descansou após a construção do mundo, por que os operários não poderiam ter esse direito? O que remonta a indignação com as condições precárias de trabalho. Além disso, o autor relata que enquanto os operários abriram mão da sua liberdade, os burgueses se adaptaram ao novo estilo de vida, no qual enriqueceram ociosos com o trabalho alheio.

Mesmo com as diversas contribuições de Dumazedier, diversos autores contemporâneos divergem do que foi posto pelo sociólogo, ao discordarem da utilização dessa conceituação nos dias de hoje, devido à visão eurocentrista em relação à origem e conceituação do lazer. Além de citarem que a abordagem utilizada pelo autor foi uma abordagem funcionalista e conservadora.

Entre os críticos, Almeida (2021), que destaca que não se pode afirmar que o lazer se opõe ao trabalho, pois está inserido no processo de mercantilização e burocratização da produção capitalista. E critica que essa visão de Dumazedier é focada em como administrar o uso do tempo livre com o lazer de forma harmoniosa, o que se difere da realidade de uma sociedade marcada pelo antagonismo entre classes sociais. Dessa forma, caracteriza mais limites do que avanços na concepção do lazer, de acordo com o mesmo (Almeida, 2021).

Nesse sentido, a concepção funcionalista do lazer desenvolvida por Dumazedier não parte de uma perspectiva crítica. Ela não compreende o lazer como uma categoria construída histórica e socialmente e que é composta por uma série de contradições. Esse autor não se preocupa com o motivo de a sociedade capitalista desenvolver uma forma de lazer para devolver ao trabalhador a sua felicidade que lhe é tomada durante o seu tempo livre fora do ambiente de trabalho. Em outras palavras, assim como o trabalho torna-se alienado na sociedade capitalista, o lazer também o é (Almeida, 2021, p.218).

Além disso, Almeida (2021) alerta para outras falhas na conceituação de lazer de Dumazedier, pois de acordo com o primeiro, não se deve considerar o lazer como uma atividade de repouso e descanso, pois essas, são necessidades vitais do indivíduo. E quando Dumazedier dispõe do lazer como formação ou busca de informação desinteressada, Almeida (2021, p. 216) caracteriza como errônea, pois "toda e qualquer informação buscada pelo indivíduo possui algum interesse" e "todo e qualquer processo de formação é feito com objetivo de obter algum retorno" na sociedade capitalista em que nada é feito em vão.

Ainda entre os críticos, Gomes (2011, 2014) destaca que esse olhar inserido em contextos urbanos e industrializados, é uma forma hegemônica para a compreensão do lazer, mas não é único. E ao perpetuá-las faz com que haja uma lógica evolutiva e linear que busca definir “as histórias, as culturas, os saberes e as práticas de todas as realidades e de todos os povos que, por sua vez, devem almejar o modelo ocidental – urbano, industrial e capitalista – como o ideal de progresso a ser alcançado” (Gomes, 2014, p. 6). Com povos e culturas tão diversas no mundo inteiro, é inegável a importância de buscar compreender as dinâmicas da sociedade além de um modelo hegemônico.

Assim, embora nem sempre exista uma palavra ou um conceito específico, as festas e celebrações, as práticas corporais, os jogos, as músicas, as conversações e outras experiências de sociabilidade podem assumir a feição de lazeres que têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente. Isso não quer dizer que o lazer em contextos minoritários seja ingenuamente representado como algo “puro” ou “autêntico”. Até porque, cada vez mais, ocorrem interações e, conseqüentemente, a assimilação, por parte de grupos outros, de valores, fundamentos e estratégias de ação próprias da lógica hegemônica de produção/consumo que detém grande alcance e poder de penetração pelos meios massivos de comunicação. Essas tensões se fazem presentes em distintos âmbitos e contextos, indicando a relevância de desvelar outras possibilidades para se problematizar o lazer que possam ir além do entendimento convencional – e restrito – que o define como mero apêndice do trabalho (Gomes, 2014, p. 9).

É dentro desse contexto que “o lazer representa a necessidade de fluir, ludicamente, as incontáveis práticas culturais constituídas, socialmente, em cada contexto” (Gomes, 2011, p. 16). Gomes (2011, p. 21) complementa que o lazer enquanto necessidade humana e dimensão da cultura:

(...) é um fenômeno que pode aguçar as sensibilidades (sensibilidade que está relacionada ao plano sensorial, mas que deve ser também sensibilidade afetiva e não somente racional, artística, estética, ética, social, política, ecológica, etc.), estimular as pessoas a pensar sobre as sociedades para transformá-las e refletir sobre aspectos mais amplos.

Dessa forma, essa necessidade humana pode ser satisfeita de diversas formas, de acordo com o interesse e valores dos sujeitos ou de cada grupo, dentro do seu contexto histórico, político, social e cultural, o que faz com que o lazer também seja lido como um fenômeno social, político e cultural. O lazer ainda é constituído de três elementos de destaque: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social (Gomes, 2011). Destaca-se que o lazer é praticado por todos, mas praticado de maneira distinta de acordo com a

realidade de cada ser humano, sofrendo também interferências da classe social em que está inserido (Almeida, 2021).

Brasileiro (2013) faz um destaque sobre as vivências de lazer nas sociedades pós-modernas estarem mais relacionadas com fatores subjetivos. Dessa forma, as “vivências humanas e sociais, experimentadas a partir de novos contornos, e que favorecem ao aparecimento de novos tipos de comunitarismos e de individualismo” (Brasileiro, 2013, p. 105). Como se de certo modo, as dinâmicas sociais contemporâneas permitissem novos contornos e experiências nas vivências dos seres.

Para elucidar o lazer no Brasil, Almeida (2021) destaca que entre os anos de 1950 a 1970, graças a lutas da classe operária e outras classes inferiores, foi possível conquistar um processo de diminuição de jornada do trabalho, aumentando o tempo livre dos trabalhadores. E com a redemocratização do país, após o período da ditadura que atacou as liberdades individuais, ocorreu a expansão de atividades de lazer, relacionadas ao turismo e ao lazer como forma de assistência social.

Só com a Constituição de 1988, que no Brasil, o lazer passa a ser direito de todos os cidadãos, reverberando em leis e outras instâncias estaduais e municipais. E apesar de haver um certo preconceito, que visa o lazer como menos importante que as demais necessidades humanas, ele é apresentado ao lado de outros direitos sociais como à educação, à saúde, à moradia, ao transporte e à alimentação. O parágrafo 3 art. 227, dispõe que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Apesar de se configurar como um dever, num país em desenvolvimento repleto de desigualdades socioeconômicas, os direitos sociais são negados a parcela da população que não possui poder aquisitivo para usufruí-los. É nesse panorama, que entre os direitos dispostos acima, o lazer é colocado em último plano. Enquanto isso, diversos autores discutem a importância do lazer e da recreação para a vida social, como Kliass e Magnoli (2006, p.21), que afirmam que:

A recreação não é um elemento supérfluo na vida urbana, pois dela depende o equilíbrio das outras atividades e “não se trata de luxo, mas de necessidade. Não é simplesmente uma coisa de que a criança gosta, mas algo que precisa para crescer. É mais do que parte essencial de sua Educação: é parte essencial da lei do seu crescimento, do processo que a leva à Maturidade”. ‘A responsabilidade de administrador moderno quanto à saúde pública não se pode considerar cumprida com a construção de hospitais e manicômios, e nem a sua função educativa com a realização de escolas e campos esportivos’, mas deverá antes preocupar-se com a criação de condições de desenvolvimento de uma infância e uma adolescência física e mentalmente sadia, e manter o equilíbrio de toda a população por sistemas recreacionais condizentes com as reais necessidades criadas na vida urbana, deverão ser modificadas as características dos espaços livres.

Marcellino (2001) crítica a ausência de atenção para o lazer, relatando que a política de hierarquização de necessidades, e a falta de sistematização, façam com que tanto o lazer, e também o esporte, careçam de ações que abranjam de modo efetivo os municípios e os Estados do Brasil. Assim, o autor complementa que apesar dos benefícios, o lazer não é de acesso a todos, e que existem barreiras interclasses e intraclasses sociais, que formam um inibidor do acesso ao lazer, quantitativa e qualitativamente. O que acarreta a necessidade de políticas públicas efetivas para democratizar o acesso ao lazer, não apenas para aqueles que podem pagar por eles, mas para todos que necessitam.

Fica evidente que o fator econômico, como dispõem Silva et al. (2011), é determinante para o acesso ao lazer, seja pelo tempo disponível e o acesso à educação, e são atributos para a apropriação desigual do lazer entre as classes sociais. O que resulta no lazer configurado como um privilégio, tendo como exemplo fatores como o sexo também considerados determinantes para o acesso desigual ao lazer, ao passo que as mulheres são desfavorecidas em relação aos homens, numa sociedade, como aponta Silva et al. (2011) machista!

Dessa forma, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, o acesso ao espaço, a questão da violência crescente nos grandes centros urbanos, entre outros fatores, limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se considerarmos a frequência na prática e a sua qualidade (Silva et al. 2011, p. 43).

Marcellino (2001) dispõe que num país como o Brasil, com os problemas socioeconômicos presentes, e um certo preconceito em relação ao ócio, o lazer é desejado pela população, mesmo que não seja verbalizado por motivos diversos. O autor ainda complementa que muitas vezes o lazer não é reivindicado pelas pessoas por vergonha, por considerarem o lazer “coisa de

vagabundo”, havendo a necessidade então da ressonância social do lazer, de acordo com o mesmo. Além disso, muitas vezes, as pessoas fazem lazer, sem ter consciência do que estão fazendo.

Desse modo, torna-se necessário políticas que busquem a democratização cultural, e que de acordo com Silva et al. (2011) possa garantir um lazer que seja crítico e também criativo, que possa trazer contribuições para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, no sentido social, histórico, cultural e político, que gere condições dignas para todos. Marcellino (2001, p. 11) complementa que uma política de lazer, significa:

[...] falar em redução de jornada de trabalho – sem redução de salários, e, portanto, numa política de reordenação de tempo, numa política de transporte urbano etc.; significa, também, falar numa política de reordenação do solo – urbano incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer, o que inclui a moradia e seu entorno; e, finalmente, numa política de formação de quadros, profissionais e voluntários para trabalharem de forma eficiente e atualizada. Resumindo: o lazer tem sua especificidade, inclusive como política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais.

Assim, é importante observar como o lazer se configura como imprescindível para o ser humano, seja do ponto de vista da prática do lazer, a possibilidade da socialização como ser social, mas também, como uma ferramenta de caráter, de certa forma, político. Pois a sua reivindicação não está interligada apenas a ludicidade, direito à brincadeira ou ao tempo livre, mas na percepção da necessidade da garantia de uma qualidade de vida melhor para todos, independentemente de que grupo social estejam inseridos.

## **1.2 Do direito ao lazer ao direito à cidade**

É a partir dessa explanação sobre a importância do lazer conceitualmente e como este vem sendo gerido, e que apesar de ser constitucionalmente direito de todos, na prática é diferente. Assim, são realizados questionamentos de quem de fato tem direito ao lazer, e que este direito se relaciona com o próprio direito à cidade. Ou seja, ao negar o direito ao lazer, de certo modo, o direito à cidade ao cidadão também estará sendo negado.

Pedro Jacobi (2011), cita que todos têm direito à cidade e de se assumirem como cidadãos, mas que na prática, com o modelo em que as cidades são geridas atualmente, não é bem assim que ocorre. A cidade contemporânea apresenta

interesses conflitantes, e para cada um deles, apresenta um significado diferente: “há os interesses dos proprietários de terras, dos construtores, dos banqueiros e dos industriais, para os quais a cidade é, basicamente, um negócio. E há os cidadãos, para os quais a cidade é o lugar do *habitat* e o lugar de habitar” (Jacobi, 2011, s/p). Assim, com a presença de diversos interesses, de diferentes segmentos sociais, a existência de conflitos é quase inevitável.

Rolnik (1988, p. 22) descreve que “ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos”. O que torna necessário a reflexão se o cidadão além da submissão em relação aos seus deveres, também possui participação ativa no usufruto dos seus direitos.

A partir desse panorama, o conceito de Direito à cidade, formulado pelo sociólogo francês Henri Lefebvre, em seu livro de mesmo nome, publicado em 1968, será apresentado. O autor antecede o conceito citando que o direito à cidade se afirma como um apelo, uma exigência, por meio de desvios como a nostalgia, o turismo, o retorno da cidade tradicional – é um direito que caminha lentamente. E complementa que:

O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana transformada, renovada. Pouco importa que o tecido urbano encerre em si o campo e aquilo que sobrevive da vida camponesa conquanto que “o urbano”, lugar de encontro, prioridade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prático-sensível (Lefebvre, 2001, p. 118).

No contexto brasileiro, o pesquisador Pedro Jacobi (2011, s/p) complementa que “o direito à cidade representa acima de tudo a possibilidade de transformar o nosso cotidiano, de forma que cada habitante possa de fato habitar e participar plenamente do espaço onde vive”. Já Harvey (2014), por sua vez, afirma que a ideia do direito à cidade ressurgiu na última década, com isso surge a necessidade de visualizar o que acontece hoje nas ruas, nos movimentos sociais urbanos, sendo mais trivial, do que o retorno à base do conceito em si, caracterizando-o como uma queixa e uma exigência.

A queixa era uma resposta à dor existencial de uma crise devastadora da vida cotidiana na cidade. A exigência era, na verdade, uma ordem para

encarar a crise nos olhos e criar uma vida urbana alternativa que fosse menos alienada, mais significativa e divertida [...] (Harvey, 2014, p.11).

No documentário “O direito à cidade” produzido pelo SESCTV (2009), é feita uma breve linha do tempo sobre esse conceito no Brasil: nos anos 60, o surgimento da expressão “direito à cidade” estava relacionado com uma ideia tributária dos movimentos estudantis. Já nos anos 1990 apresenta uma perspectiva de universalização do que a cidade tem de bom, para ser ofertada e desfrutada por todos.

A estranha convergência de neoliberalização e democratização no Brasil na década de 1990 tenha resultado em artigos na Constituição brasileira de 2001 que garantem o direito à cidade tem de ser atribuído ao poder e a importância dos movimentos sociais urbanos, particularmente no que diz respeito ao direito à moradia, na promoção da democratização (Harvey, 2014, p. 14).

As manifestações de junho de 2013 no Brasil, também podem ilustrar essa busca pelo direito à cidade, pois tinham como objetivo, dentre outros, contestar o aumento das tarifas do transporte público, realizadas pelo Movimento Passe Livre, por meio das redes sociais. As manifestações ganharam muita visibilidade e revelaram outros interesses além do inicial, como o descontentamento da população com problemas relacionados aos campos da educação, saúde, bem como os escândalos de corrupção no país (Harvey, 2014).

No cenário nacional outro movimento que ocorreu na década passada também pode ser citado como uma forma de reivindicação do direito à cidade, mesmo se manifestando em um espaço privado: os rolezinhos nos shoppings centers. Se tratavam de encontros em massa de jovens, em sua maioria moradores de áreas periféricas, encontros esses agendados pelas redes sociais, com o intuito de se divertirem e socializarem, muitos, inspirados pela moda da época que era o “funk ostentação”. Apesar de parecer algo comum, um encontro de jovens em shoppings, por se tratarem de jovens de uma classe social desfavorecida, esses encontros acabaram gerando tensões, sendo chamados por muitos como “baderneiros” e até mesmo de “arrastão”, apenas por contrariar o perfil de classe comum presentes nos shoppings. Sem intenção, esses jovens acabaram gerando discussões políticas e ideológicas sobre a sociabilidade no Brasil, ao ocuparem um espaço que tradicionalmente não é visto como deles, revelando assim a barreira de classes (França; Dornelas, 2014).

Harvey (2014), com base no pensamento de Henri Lefebvre, dispõe que o direito à cidade é, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. Mitchell (2003) complementa que o direito de habitar a cidade, exige mais que residências, é sobre a requalificação da cidade de maneira sensível às necessidades, desejos e prazeres de seus habitantes, principalmente daqueles que já sofrem diversas opressões. O autor cita que a produção do espaço público é uma dialética entre o fim do espaço público e o seu início, configurada como produto da luta por direitos na e para a cidade.

Jan Gehl (2015) discute em seu livro "Cidades para Pessoas" atributos fundamentais para a vida nos espaços urbanos, e dispõe que há uma estreita ligação entre o uso do espaço público e a qualidade do espaço. Assim, o autor enfatiza a necessidade de pensar na qualidade desses espaços, do ponto de vista da proteção, segurança, qualidade visual e a própria escala do local, para que estes sejam convidativos para as pessoas.

Já do ponto de vista da sociabilidade, Gehl (2015, p. 109) apresenta o conceito de "sustentabilidade social" que tem como parte do seu foco "dar aos grupos da sociedade oportunidades iguais de acesso ao espaço público e também de se movimentar pela cidade". O que se relaciona diretamente com o direito à cidade, com a sua importância democrática, prezando pelo "espaço público bem acessível, convidativo, que sirva como cenário atraente para encontros organizados ou informais" (Gehl, 2015, p.109). É importante que esses espaços aprazíveis estejam presente em toda cidade de modo democrático, para todos.

### **1.3 O espaço da sociabilidade**

É aqui que entra a importância de adjetivar o espaço, como defendido por Queiroga (2012), seja ele público, privado, livre, edificado, urbano, agrícola, entre outros, inclusive a sua natureza híbrida deve ser considerada. Assim, os espaços livres são definidos como “todo espaço não ocupado por um volume

edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso)” (Magnoli, 2006, p. 179). Caracterizado como o espaço da vida comunitária por excelência, a sua configuração física é fundamental para a qualidade do espaço urbano e da vida urbana (Magnoli, 2006). E ainda poderíamos complementar, citando a sua importância para a sociabilidade e a prática de atividades como o lazer e o esporte.

Assim, Kliass e Magnoli (2006) descrevem o espaço livre como intimamente ligado à vida das cidades, indispensável para a regularização do clima, amenizar a poluição, além de possibilitar a abertura de áreas de luz e sol. Porém vão além disso, pois são um bem público, que podem promover o encontro do homem com a natureza, além do desenvolvimento da vida urbana em diferentes escalas. É considerado pelas autoras como um órgão vital da vida urbana, e também instrumento de tomada de consciência social.

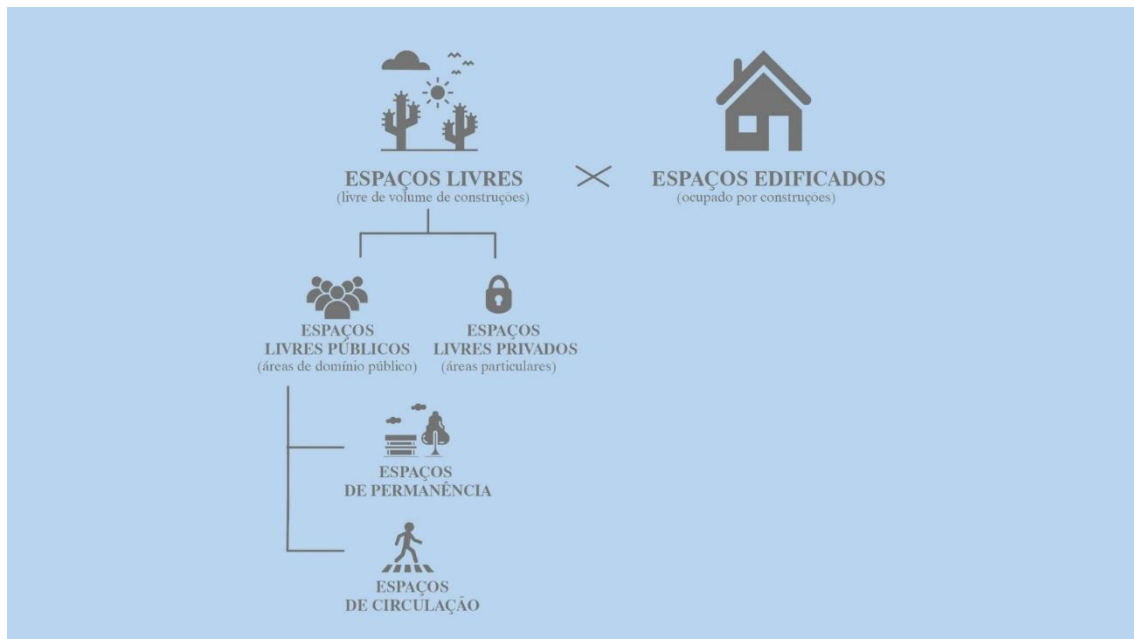
Observa-se que os espaços livres se dividem em duas categorias: os espaços livres privados e os espaços livres públicos. De forma resumida, os espaços livres privados são aqueles inseridos em áreas particulares, nos quais é controlado ou gerido por um grupo ou indivíduo específico. Nesses espaços podem ocorrer diferentes atividades, como exemplo podemos citar os jardins, quintais, estacionamentos, pátio de carga e descarga entre outros (Queiroga, 2011; Silva e Barros, 2015).

Já os espaços livres públicos, de destaque para este trabalho, são caracterizados por Queiroga (2011) como aqueles que são bens de propriedade pública, apresentando diferentes níveis de apropriação. O autor ainda ressalta que sob a luz da definição de propriedade de acordo com o Código Civil, os espaços livres públicos podem ser classificados como bem de uso comum, por exemplo, praça, rua, praia, e os de uso especial, para a realização de atividades específicas, por exemplo, os espaços livres de escolas. Assim, os espaços livres públicos são essenciais para as relações sociais, ao passo que permitem o encontro com o outro, com o diferente, onde ocorrem trocas essenciais para a vida urbana.

Silva e Barros (2015) ainda subdividem os espaços livres públicos entre espaços de circulação e espaços de permanência (figura 2). Os espaços de circulação seriam aqueles cuja principal função seria o deslocamento de pessoas, veículos,

ou de ambos, como por exemplo, calçadas, faixas de rolamento e canteiros centrais. Já os espaços livres públicos de permanência, correspondem ao conjunto dos demais espaços livres públicos da cidade, como praças, parques e jardins, locais de convívio social, usado majoritariamente por pedestres.

Figura 2 – Esquema com a classificação dos tipos de espaços livres



Fonte: elaboração própria (2024)

Os espaços livres públicos são elementos de comunicação, ao ligarem os espaços e a vida pública, promovendo a coesão social, como apresentam Degreas e Ramos (2015). Esses espaços acolhem a esfera da vida pública, dando forma a sociedade e características próprias ao lugar. Observa-se a abrangência conceitual do termo, tendo de acordo com Silva e Barros (2015) valor imprescindível para o exercício da cidadania e para a manifestação da vida pública, no qual podem estar assegurados os direitos do cidadão em relação ao uso da cidade.

Mitchell (2003) descreve o espaço público como material, e que constitui um lugar em que de fato, um terreno sobre o qual e a partir do qual, a atividade política emerge. Ao observar que a paisagem urbana é composta pelos espaços livres e espaços construídos, o autor relata que as paisagens são produzidas, mas também produzem efeitos sobre as pessoas que as habitam.

São nas áreas livres que a vida pública em todas as suas dimensões acontece (Degreas; Ramos, 2015). Habermas (1989, apud Queiroga, 2011, p. 31) relata que os espaços livres públicos são espaços da esfera pública geral, e em determinantes eventos podem constituir espaços da esfera pública política. Por abranger dinâmicas que fogem da esfera privada, algumas vezes o espaço público é visto como um gerador de medos, medos derivados do sentido público, de acordo com Mitchell (2003), como espaço descontrolado, onde a civilidade é mais frágil. Assim, é associado como espaço para a anarquia, apoiado ao discurso de insegurança ancorado principalmente pela mídia. Gehl (2015, p. 28) complementa que:

Jornais e TV representam o oposto dessa inequívoca oportunidade de as pessoas experimentarem em primeira mão a vida cotidiana da cidade. A informação dada por esses meios de comunicação concentra-se, sobretudo, em reportagens de acidentes e assaltos ou outras formas de agressão e apresenta um quadro distorcido do que realmente ocorre na sociedade. Medo e generalizações grosseiras abundam nesse tipo de atmosfera.

Apesar de ficar nítida a importância dos espaços livres para a cidade e para a sociedade como um todo, observa-se que comumente os espaços livres são associados a bens de luxo, assim como o lazer, acessíveis apenas a uma minoria. Enquanto grupos sociais com maior poder aquisitivo têm acesso por meio do consumo a bens individuais que podem aspirar melhorias no padrão de vida, do outro lado, há a necessidade de o poder público intervir, criando condições de utilização dos espaços livres por grupos sociais menos favorecidos (Kliass; Magnoli, 2006), particularmente em áreas subdesenvolvidas, marcadas por grandes desigualdades sociais.

No Brasil a ausência de tratamento paisagístico, em diversos espaços públicos, nos quais, apenas as áreas centrais e bairros morada de população de alta renda apresentam espaços livres qualificados, o que reforça a relação entre a qualidade do espaço livre com os índices socioeconômicos da população do entorno (Queiroga, 2011). Macedo (2014) relata que nos últimos cinquenta anos, no Brasil, os espaços livres que recebem investimentos do poder público são os espaços junto às orlas. Espaços esses que comumente são morada das elites e voltados ao turismo, havendo um grande desequilíbrio entre os espaços livres de orla e os espaços livres periféricos da cidade (Queiroga, 2011).

Gonçalves (2018), constata que quanto mais frágil socioeconomicamente for uma área, menos espaços livres serão vistos, espaços livres são um sinal de poder. Mas por que não há reivindicações populares em relação a esses contrastes? Magnoli e Kliass (2006, p. 86) relatam que a ausência de reivindicação está associada à ausência de consciência do problema em suas reais dimensões, e complementam “não se reivindica o que não se conhece”, ao observarem a ausência de reivindicação da população por espaços livres voltados para a recreação.

Apesar da importância dos espaços livres, não há a necessidade de sobrepô-los em relação a infraestruturas importantes para a vida social, mas entender que o habitar não se configura apenas em morar numa residência, mas sim usufruir do que a cidade tem a oferecer. Enquanto não houver equidade nos espaços públicos de convívio e lazer, a população se relacionará de maneira frágil. A partir disso, Queiroga (2011, p. 35) conclui:

– morar é mais do que possuir uma casa, é conviver, inclusive nos lugares públicos; – educar envolve a cidade, seus espaços públicos, compreendendo a existência do outro, respeitando diferenças, construindo um cotidiano comunicacional político participativo; – um ambiente saneado, com microclima adequado, menos poluído, é item de saúde pública, assim como oportunizar espaços livres voltados ao lazer e atividades físicas contribui para a qualidade de vida da população; – a conservação de várzeas e morros vegetados é garantia de menos enchentes, deslizamentos de terra, perdas materiais e, sobretudo, humanas; – a mobilidade das pessoas não terá solução viável nas grandes metrópoles se baseada no automóvel, a rua é espaço do cidadão e não deste ou daquele veículo. Propor a qualificação dos sistemas de espaços livres é, portanto, contribuir para a educação, saúde, transportes, habitação, saneamento e meio ambiente. É construir uma metrópole melhor, pensando em espaços de cidadania mais do que de consumo.

A partir dessa explanação, torna-se necessário observar que apesar da constituição promover o direito de toda a população, na prática não é funcional. O que faz com que grupos, principalmente os que são marginalizados, sejam a todo momento expulsos do espaço público e tenham seu direito à cidade negado, muitas vezes escamoteados por um discurso de medo e insegurança (Gomes, 2019) da classe dominante que não deseja e detesta o fato de ter que dividir o espaço, e muitas vezes o seu território, com pessoas diferentes do seu ciclo social. Assim, principalmente e muitas vezes, jovens são punidos por usufruírem a cidade, devido a atitudes segregacionistas, como uma forma de higienização

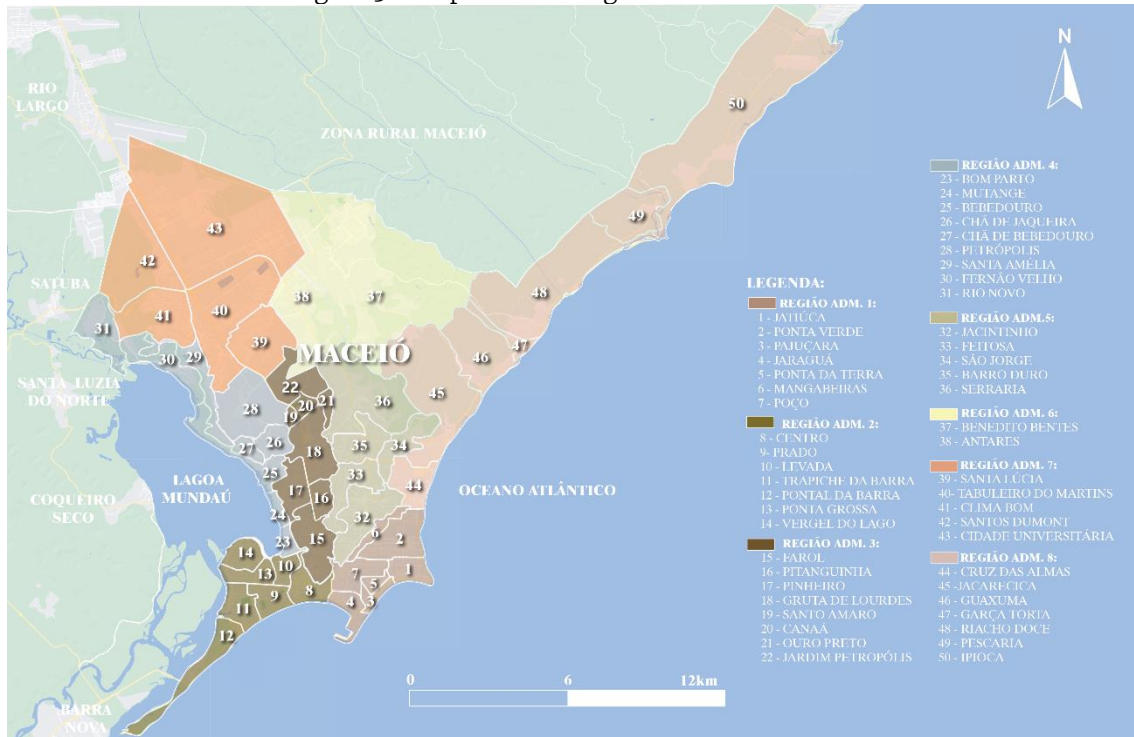
social, ou até mesmo de espaços públicos, apenas como modo de consolidar as diferenças de classe na sociedade.

#### **1.4 Lazer em Maceió**

Em busca de analisar o panorama do lazer na cidade de Maceió, o mesmo não foge do que foi visto no panorama nacional. Apesar disso, existem suas particularidades, a cidade se configura como um destino turístico, tema que será detalhado no próximo capítulo. Contudo, é fundamental buscar compreender como a cidade se configura para que seja possível compreender as dinâmicas que nela ocorrem.

Maceió possui uma área territorial de 509,320km<sup>2</sup>, que abrange 50 bairros na sua totalidade, dividida entre zona urbana e rural, sendo a primeira distribuída em 8 regiões administrativas (figura 3). À leste possui aproximadamente 40km de extensão de litoral, margeando o oceano Atlântico, e a oeste, a laguna Mundaú. Com o bioma de Mata Atlântica, possui um clima quente e úmido, com poucas variações de temperatura entre as estações climáticas. A paisagem da cidade é diversificada, com destaque nas condições geomorfológicas composta por tabuleiros costeiros, planície litorânea e lagunar, além da presença de grotas e encostas que conectam esses diferentes níveis. Essas condições impactaram a ocupação territorial da cidade, assim influenciando a forma e como a cidade se desenvolveu ao longo dos anos.

Figura 3 – Mapa Maceió Regiões Administrativas



Fonte: Google Maps, 2024, elaboração própria.

Com uma população estimada de 957.916 habitantes, composta majoritariamente por mulheres e jovens, de acordo com o último censo do IBGE (2022), a capital alagoana é classificada como a quarta capital mais desigual do país, onde 10% da população mais rica da cidade detém sozinha cerca de 46% da soma da renda de toda população (Maia, 2021).

Essa desigual distribuição de renda explica o fato de Maceió ter o 5º pior índice de Gini (0,638) entre as capitais brasileiras, índice que mede a diferença entre os estratos mais ricos e mais pobres da população. A polarização também é vista no recente estudo sobre as regiões metropolitanas realizado pelo Pnud, em 2015, no qual a capital alagoana apresenta unidades de desenvolvimento humano que refletem as gritantes diferenças de qualidade de vida. Algumas apresentam (como a Ponta Verde e o Aldebaran) o IDH de “alto desenvolvimento humano” (0,898) equivalente ao da Suécia; outras, como o Vale do Benedito Bentes, têm IDH de “muito baixo desenvolvimento humano” (0,522), menor que o de Bangladesh (0,558) (Carvalho, 2015, p. 109).

É importante ressaltar que as desigualdades socioeconômicas, juntamente com as condições geomorfológicas da cidade, definem o tecido urbano e o uso e ocupação do solo da mesma. Consta-se que os bairros e recortes urbanos nos quais a população possui uma condição econômica mais favorável que as demais, melhores são as condições urbanísticas da área. De forma inversa, quanto mais pobre for a população, piores são os índices de habitabilidade (Silva, 2021), o que é mais comum na periferia da cidade.

Desde as suas origens, a capital alagoana tem a economia baseada em comércio e serviços, e mesmo com diversas iniciativas para o desenvolvimento industrial, não geraram grandes proporções. Em conjunto ao comércio e o setor de serviço, a burocracia estatal moldou o perfil urbano da cidade (Carvalho, 2015). Para ilustrar esse cenário, no ano de 2010, cerca de 81,7% dos trabalhadores formais de Maceió estavam no setor terciário, especificamente no comércio, serviço ou administração pública (Pereira; Silva, 2013). Outro fator fundamental para entender a economia da cidade, apresentado por Pereira e Silva (2013), é que a alta taxa de trabalhadores informais, diminui a taxa de desemprego em Maceió.

O modelo de sociedade que se implantou em Alagoas é o mesmo que o Brasil conhece desde o tempo colonial, caracterizado pela concentração das terras e dos espaços urbanos, distribuição desigual da renda e indicadores sociais negativos, traços estes que são mais fortes no Nordeste (Carvalho, 2015, p. 110).

Conhecida como “Paraíso das Águas”, Maceió não apresenta um sistema eficaz de saneamento básico, o que faz com que parte do seu esgoto seja despejado sem tratamento na laguna Mundaú e no mar (figura 4). De acordo com o ranking de saneamento de 2022, a cobertura de água tratada é de 89,61%, porém apenas 43,03% da população tem acesso a coleta de esgoto, e só 50,58% desse esgoto é tratado. E já foi muito pior, ao observar que houve uma movimentação maior de obras de esgotamento sanitário na cidade após a venda da Companhia de Saneamento de Alagoas (Casal) para a empresa BRK Ambiental. Entre os objetivos da empresa, está a despoluição do Riacho Salgadinho (Farias; Batista, 2022), que lança esgoto sem tratamento prévio na Praia da Avenida.

Figura 4 – Orla de Ponta Verde com Língua Negra



Fonte: Wedna Lessa para o G1, 2018

A saúde pública da cidade tem um histórico de problemas no acesso da população, que depende de serviços públicos. Porém, nos últimos anos, houve um avanço na saúde pública do estado de forma geral, com a criação de novos hospitais públicos, criação de Unidades de Pronto Atendimento (Upa) e Unidades Básicas de Saúde (UBS), descentralizando os atendimentos do Hospital Geral do Estado (HGE). Esse avanço foi notável durante a pandemia do COVID-19, que apesar da superlotação dos hospitais e unidades de saúde, poderia ter respondido de forma ainda mais drástica sem esses últimos esforços públicos, juntamente com os hospitais de campanha que funcionaram até a diminuição de casos.

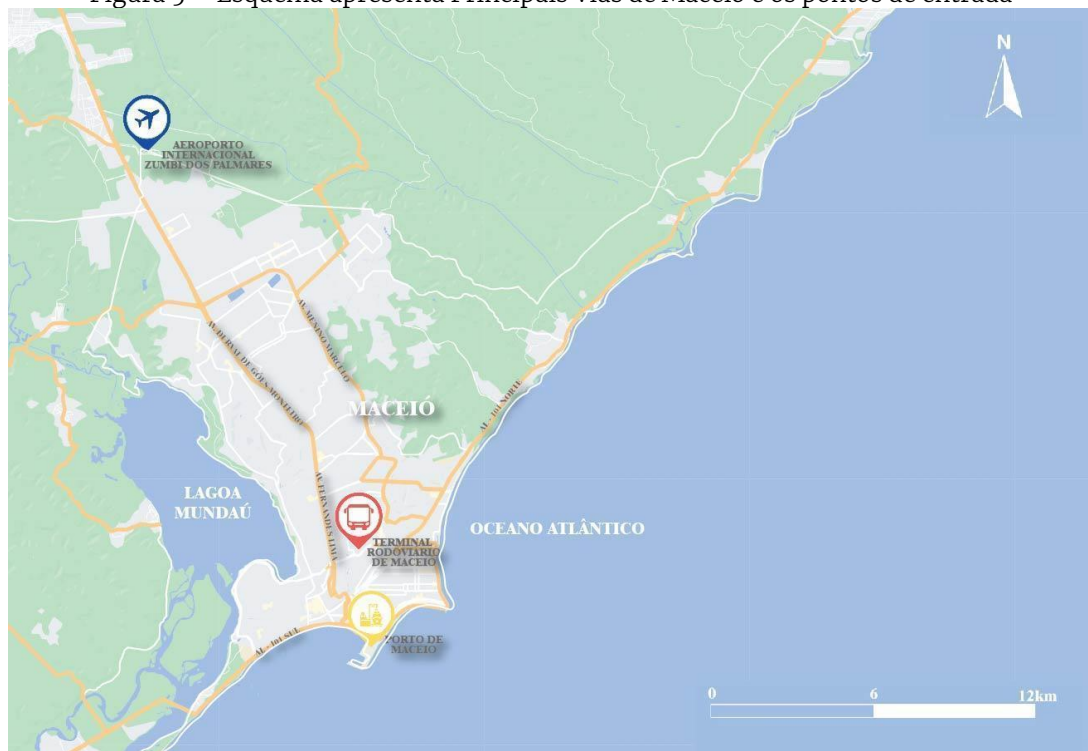
Em relação a educação na cidade, o Atlas do Brasil (2021) apresenta que a taxa de analfabetismo da população com 25 anos ou mais na Região Metropolitana Maceió é de 8,55%; o instituto afirma que esses índices são afetados pela menor taxa de escolaridade das gerações anteriores. A pandemia do COVID-19 foi um agravante para a evasão escolar, ao constatar que a educação online não pode contemplar a população como um todo, pois nem todos os alunos tinham acesso à internet e computadores. Para fortalecer a permanência dos alunos nas instituições públicas está havendo diversos incentivos, como o programa “Escola 10” que remunera mensalmente os alunos e incentiva a finalização do ensino médio.

Já do ponto de vista da segurança pública, após anos liderando o ranking das 100 cidades mais violentas do país, de acordo com o 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021, apud Cada Minuto, 2021), a Secretaria de Segurança Pública (SSP) relata a queda de 46,5% de mortes violentas no estado na última década. Apesar disso, ao comparar os últimos anos, 2022 e 2023, constata-se um aumento de crimes violentos letais intencionais de 1.140 para 1.183 no último ano. Além de um aumento no registro de roubo a transeuntes de 289 em 2022 a 307 em 2023, vale ressaltar que muitas vezes as vítimas não registram o boletim de ocorrência (Gonçalves, 2023), portanto, se entende que os casos seguem subnotificados.

Sobre a mobilidade, a cidade apresenta três principais pontos de chegada e partida. O primeiro é o Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, localizado

entre Maceió e o município de Rio Largo, e no bairro do Feitosa está situado o Terminal Rodoviário de Maceió, enquanto isso, o Porto de Maceió está localizado no bairro do Jaraguá. As principais vias da cidade são a Avenida Fernandes Lima, que liga a parte baixa à parte alta da cidade, e a Avenida Menino Marcelo, que foi criada com o intuito de ligar o Polo Multissetorial, localizado no bairro do Tabuleiro do Martins, ao porto do Jaraguá, principalmente para o transporte de mercadorias por meio dos caminhões (figura 5).

Figura 5 – Esquema apresenta Principais Vias de Maceió e os pontos de entrada

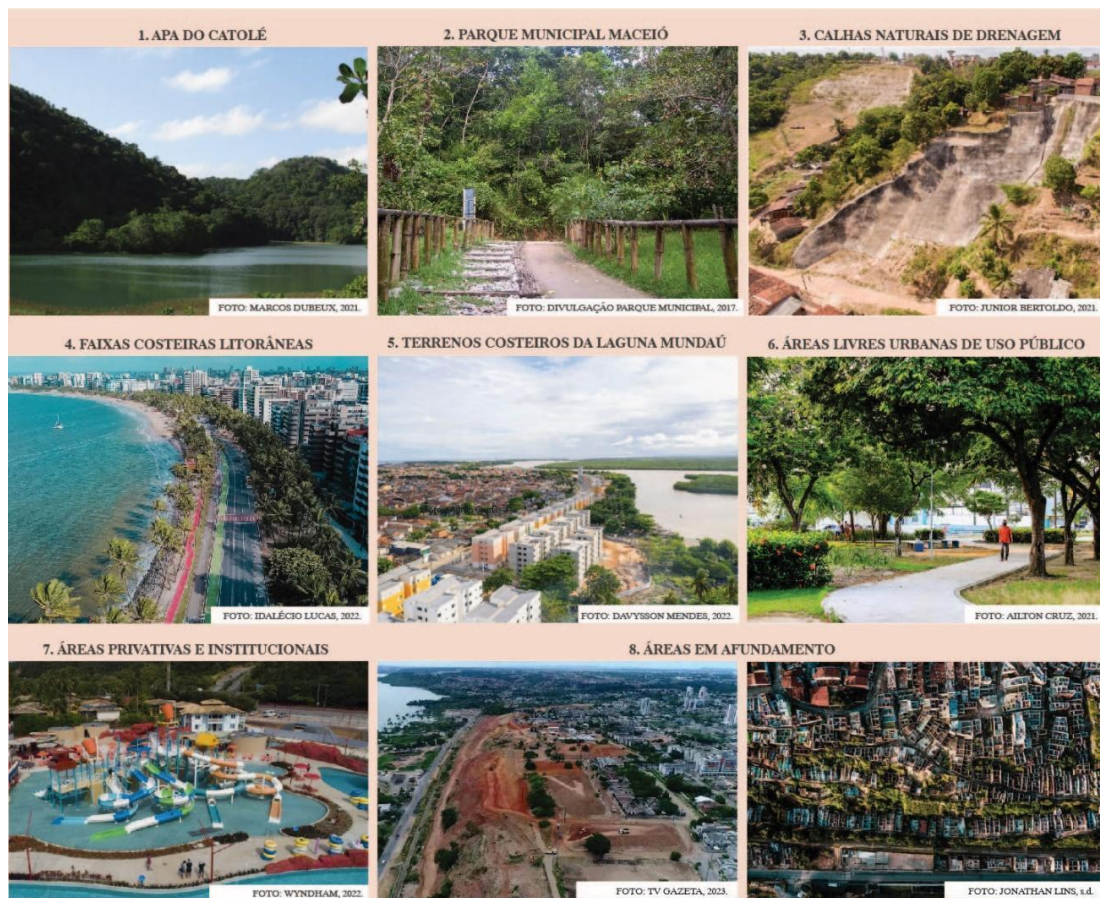


Fonte: Base Google Maps, 2024, elaboração própria.

Atualmente a população da cidade utiliza os seguintes meios de transporte: automóveis particulares, como carros e motos, e o transporte público, ônibus, que apesar de certa precariedade, por não atenderem completamente a demanda que a cidade apresenta, fazem parte da rotina dos maceioenses. Há também na cidade o VLT (veículo leve sobre trilhos), abrangendo os bairros de Jaraguá, Centro e adjacências, ou seja, sua linha viária abrange apenas um pequeno trecho da cidade, não atendendo a principal demanda populacional localizada na parte norte. A subsidência de alguns bairros localizados nas proximidades da laguna Mundaú, devido a mineração por parte da indústria Braskem, levou à desativação de parte da linha do VLT.

Já em relação ao sistema de espaços livres de Maceió, Faria e Cavalcante (2009) classificam os espaços livres não edificadas em 7, entre eles estão: 1. Áreas remanescentes de exploração extrativa, seja agrícola ou pecuária; 2. Áreas de matas e florestas, como os Parque do Horto e o Parque Municipal; 3. Calhas naturais de drenagem, como grotas e encostas; 4. Faixas costeiras litorâneas; 5. Margens da laguna Mundaú; 6. Áreas livres urbanas de uso público: ruas, praças e parques; e por fim, 7. Áreas privadas e institucionais não-edificadas. Apesar de mais de uma década da classificação, essa ainda apresenta a realidade na cidade, tendo em vista até o fato de os autores relatarem a disparidade entre os espaços públicos, tendo uma maior valorização nos bairros centrais da orla, enquanto os bairros, principalmente das áreas periféricas necessitam muitas vezes da própria ação da população local para manter os espaços públicos. Contudo, seria possível a categorização de um novo tipo de espaço livre na cidade de Maceió, tendo em vista os bairros em subsidência, após a exploração da mineradora Braskem, em que as áreas edificadas estão sendo demolidas, e que até o momento não há um consenso sobre a destinação desses espaços, se serão áreas públicas para a população, ou se a própria mineradora que explorou esse solo será proprietária do mesmo. Assim, serão categorizados aqui como: 8. Áreas em afundamento (figura 6).

Figura 6 – Exemplo de Espaços Livres em Maceió – AL



Fonte: montagem e elaboração própria, 2024.

É dentro desse panorama de desigualdades, exploração e expansão do uso do solo, que a capital alagoana, Maceió, destino turístico consolidado a nível nacional, apresenta graves contrastes espaciais e sociais. Conflitos que afetam também a prática do lazer na cidade, podendo ser listados três grandes problemáticas centrais: a primeira, a má distribuição de espaços voltados ao lazer, em que os bairros periféricos, que já apresentam carências de infraestruturas básicas, não possuem espaços de lazer, e quando possuem, esses não apresentam atrativos ou manutenção necessária para a população usufruir, principalmente quando comparado com os localizados na orla central litorânea; em segundo lugar, o péssimo sistema de transporte público da cidade, que tem como principal meio de locomoção os ônibus, que aos finais de semana tem a frota reduzida, e que apesar da gratuidade aos domingos, faz com que o serviço seja insuficiente; e por fim, a visão dos gestores públicos de que a cidade por ser uma destinação turística, precisa antes de tudo, agradar ao visitante externo, ou seja o turista, para que depois as necessidades do cidadão sejam atendidas.

Assim, de modo geral, apesar da cidade apresentar diversos investimentos voltados ao lazer, esses se concentram, principalmente nos espaços junto à orla litorânea, tendo como justificativa a necessidade de investimentos públicos voltados ao desenvolvimento turístico de Maceió. Numa escala geral, é comum observar espaços livres totalmente largados pelo poder público no qual a própria população faz a manutenção, ou até mesmo, quando não há a existência desses espaços, é visível a subversão de locais como calçadas, restos de canteiros e até mesmo a própria rua como espaço para passar os momentos de lazer.

Um fato interessante é que a própria orla litorânea, na sua extensão apresenta diversos contrastes. Por exemplo, no trecho em que estão localizados os bairros centrais: Ponta Verde, Pajuçara e Jatiúca, apresentam mais atrativos e um melhor estado de conservação, enquanto as demais porções do calçadão, tanto ao norte, quanto ao sul, apresentam condições de precariedade (Silva, 2021).

Outro ponto importante a ser observado é que a população cada vez mais busca espaços fechados para o seu momento de lazer. Isso se relaciona diretamente com o fantasma da insegurança que os espaços livres trazem às pessoas, justamente por não serem espaços controlados, como um shopping center, por exemplo. Assim, esses espaços investem com propagandas e serviços para atrair a população no seu tempo livre. Porém, para usufruir desses espaços privados é necessário ter condições econômicas, para praticar esse tipo de recreação paga.

Contudo, por possuir a orla litorânea central repleta de atrativos, esse se torna o espaço de destaque para o lazer da população maceioense, que busca as águas do mar, o sol e as demais atratividades para relaxar das mazelas do cotidiano. Porém, apesar de ser um espaço público, muitas vezes esse não se dispõe de forma democrática para todos. O que nos faz questionar para quem o lazer está sendo planejado em Maceió?

## 2. DE SOL E MAR: O TURISMO E A CIDADE DE MACEIÓ

O turismo faz parte do panorama de ascensão do lazer, como discutido no capítulo inicial. Assim, neste capítulo será realizada uma breve discussão teórica sobre o turismo, e como esse se configurou e vem se desenvolvendo na cidade de Maceió, e de que modo impacta as vivências não só dos visitantes, mas da própria população que vive na cidade.

### 2.1 O turismo de sol e mar

Não há um consenso sobre a fundamentação científica do turismo, no campo das ciências sociais. Apesar disso, diversos autores discutem sobre este conceito. Entre eles, Castañeda (2019, p. 395 – tradução livre) que destaca que ao revisar as diferentes conceituações do turismo é possível observar uma certa lógica evolutiva:

[...] começou com a premissa de ir e voltar de uma viagem motivado pelo prazer; posteriormente, a estatística (economia) entrou em jogo ao analisar quem é turista e quem não é, quanto o turista gasta e como esse gasto se reflete no destino (Panosso Netto, 2010). Nos anos sessenta, De la Torre Padilla (1960) propôs um conceito sociológico, enfatizando que se trata de um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário por motivos de recreação e descanso. Por outro lado, Leiper (1979) aponta o lado empresarial do fenômeno, prestando atenção à oferta e à indústria do turismo. Para a OMT (1994), são antes as atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens.

Enquanto Castañeda (2019) traz essa linha evolutiva, Pérez e Villa (2011) relacionam o turismo a duas vertentes, a primeira, se refere a prática do turismo no qual o turista ou os turistas se deslocam para locais diferentes de sua residência, havendo um tempo de estadia maior que 24 horas e inferior a 180 dias, sem relação com atividades laborais no local visitado. A segunda, destaca o turismo como objeto de análise econômica, sendo necessário compreender bens e serviços turísticos como todos aqueles que são necessários ou diretamente vinculados a viagem e estadia. A própria atividade turística é multidimensional e complexa, ao envolver diversas atividades e pessoas, o que reforça a dificuldade de encontrar-se uma definição em uníssono para essa importante atividade.

Já Sampaio (2022), aponta que o turismo é abordado indiscriminadamente, seja como indústria, fenômeno, atividade, setor entre outros. A autora reforça que é justamente a sua complexidade que faz com que haja uma dificuldade no desenvolvimento da sua base conceitual, por ser tratado como multi-inter-trans disciplinar. E por fim, ressalta que “ter um corpo teórico ancorado em outras ciências traz uma fragmentação aos estudos do turismo, o que acaba por gerar uma interferência em seu avanço enquanto ciência autônoma” (Sampaio, 2022, p. 584). Assim, enfatiza a dificuldade em encontrar um consenso para um fenômeno complexo.

Beni e Mosh (2017) relatam o turismo como processo humano, que ultrapassa o entendimento como sistema econômico, que necessita de uma ressignificação às imposições do capitalismo e os valores colocados como patrimônio cultural. Assim, o saber do turismo não apresenta uma cronologia linear, contradizendo a lógica de Castañeda (2019), não se trata de uma evolução, mas uma revolução, que marcha em busca do saber mais objetivável, mas que nunca será objetivo.

A tradição dos estudos monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme, como uma banalização em suas conceituações e conseqüentemente sua denominação ora como indústria, negócio, atividade, setor, entre outras, devido à falta de diálogo entre as disciplinas e a apropriação metodológica de cada campo disciplinar de forma interdisciplinar ao delinear seu objeto e método (Beni; Mosh, 2017, p. 441).

Os autores complementam discutindo que o turismo como realidade humana é diverso, no qual “tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão, ideologia e hospitalidade, são categorias fundantes de um fenômeno social contemporâneo” e que o protagonista é o sujeito, produtor ou consumidor dessa prática. Não é negada a expressão econômica, porém esta ocorre em espaços tempos diferenciados, e são movidos pelo desejo do homem, nômade em sua essência (Beni; Mosh, 2017, p. 446).

Assim, as categorias como tempo, espaço, tecnologia, economia, comunicação, ideologia, imaginário, hospitalidade, diversão, entre outras, constituem-se na sua práxis. Práxis turística não disjuntiva, nem linear, mas sim uma construção dinâmica, permanente, na qual o sujeito turístico em sua transumância se move, constrói de forma imaginal, comunica seus desejos mais íntimos, em processos objetivos de fluxos (deslocamento/viagem/transportes), de fixos (estadia, hospedagem, alimentação, acolhimento e segurança) e de prazer (o encontro cultural, a diversão), que só se estabelece se houver o encontro possibilitado pela hospitalidade (Beni; Mosh, 2017, p. 454).

É importante observar o turismo não apenas do ponto de vista das viagens, mas também como produtor de espaço, pois impacta diretamente as dinâmicas espaciais, seja do local onde há a emissão turística, mais e principalmente, nas cidades receptoras. Cruz (2003, p. 4) que considera o turismo uma prática social, descreve que esse “envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. O que torna necessário refletir esse impacto nas diferentes esferas, espaciais, mas também pessoais, pensar no turista, mas também na população moradora da cidade receptora e como ambas se relacionam nessa atividade.

Urry (1996), em seu influente livro “O olhar do turista”, descreve que os turistas escolhem os locais para serem contemplados por existir uma certa expectativa, relacionada aos devaneios, fantasias e prazeres, em diferentes escalas. Esse desejo é criado devido aos meios de comunicação, que propagam a imagem dos lugares turísticos, que constroem e reforçam o olhar.

É entre os séculos XVIII e XIX que começam as viagens de prazer e descanso, com o intuito de contemplação da paisagem, em busca de *fugere urbem* (Barretto, 1995). É nesse mesmo período que a admiração das paisagens litorâneas é contemplada. Corbin (1989) afirma que o desejo das praias em busca de aliviar a angústia da vida moderna da sociedade dominante da Europa, era recomendado pelos médicos e higienistas.

A ida à praia no século XIX preconizou novos hábitos de lazer, elegendo-se o beira-mar como espaço de deleite da sociedade nos tempos livres e posteriormente quando as férias remuneradas passaram a fazer parte da rotina de determinadas camadas de trabalhadores, também eles passaram a usufruir dessa prática (Casado, 2022, p. 65).

Barretto (1995) cita que é a partir deste panorama que o turismo começa a se transformar em fenômeno mundial de massas. Cruz (2003, p. 6) descreve o turismo de massa como uma “modalidade de turismo que mobiliza grandes contingentes de viajantes”. A autora comenta que não há um número exato para esse contingente ser considerado um turismo de massa, e que o turismo é de massa, mas não das massas, pois as massas não fazem turismo pelo simples fato de não possuírem condições necessárias para fazer viagens.

Turismo de massa é uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade bem como a interligação entre

agenciamento, transporte e hospedagem, de modo a proporcionar o barateamento dos custos da viagem e permitir, conseqüentemente, que um grande número de pessoas viaje. Faz-se necessário lembrar, entretanto, que essa quantidade de pessoas que viaja está muito longe de corresponder ao total da população mundial e muito longe, portanto, de corresponder à massa da população do planeta (Cruz, 2003, p. 6).

O turismo até a década de 1970 era visto pelos teóricos do ponto de vista dos efeitos benéficos para as comunidades. Porém nos anos 1990, há uma visão mais realista, pela qual observam-se as desigualdades sociais. Os benefícios pregados pelos teóricos dos anos 1970 não foram vistos nos países subdesenvolvidos, sendo necessário um redirecionamento deste planejamento político. São observados os efeitos negativos do turismo em populações que viviam de economia de subsistência, por exemplo, graves impactos ao meio ambiente, e a frustração que surge a partir do contato com uma sociedade de consumo na qual o nativo não poderá usufruir. Outros problemas como o turismo sexual também são citados. Dessa forma, ao invés dos benefícios previstos com a atividade turística no local, o que se vê é a segregação (Barretto, 1995).

Eis o quadro de horror no qual o turismo provavelmente representou um papel neutro, mesmo porque o turismo de massas não tem permitido precisamente uma convivência entre o turista e o núcleo receptor. Pelo contrário, o turista isola-se visita apenas lugares “pasteurizados” para ele, tira fotografias, filma e retorna ao seu lar sem ter experimentado um modo de vida diferente, sem ter efetivamente conhecido o “outro” cujo país visitou (Barretto, 1995, p. 97).

É dentro desse panorama que surge a necessidade de se pensar no turismo para que ele possa gerar melhorias nas condições de vida da população residente dos lugares turísticos, pois, como no caso dos países subdesenvolvidos, a população não seja ainda mais sacrificada e explorada (Paiva, 1995). Krippendorf (2009) alerta que os habitantes das destinações turísticas começam a sentir o impacto negativo que o turismo de massa traz para o seu local de residência, e com isso, se sentem invadidos, contrariando a falácia do desenvolvimento que o turismo traz, mas ao contrário, os excluindo.

Rangel (2010) chama a atenção para o fato de o turismo ser visto como um negócio em ascensão, ocupando destaque no crescimento econômico de uma destinação turística. E essa percepção faz com que os governos de diferentes países invistam em políticas públicas que fomentem essa atividade. Com destaque, os países em desenvolvimento, em que não apenas o poder público,

mas também instituições privadas exploram as possibilidades ligadas às dinâmicas espaço-territorial do turismo (Vasconcelos, 2017).

Com isso, surge a reflexão sobre como essa atividade turística está sendo desenvolvida nas destinações, para que essa não tenha só o viés exploratório capitalista, mas para que possa se desenvolver de forma sustentável visando não apenas o presente, mas a preservação das paisagens e do impacto que as intervenções turísticas terão para o futuro das cidades. Além disso, para que o turismo seja visto não apenas como uma atividade para o crescimento econômico de uma destinação, mas sim para o desenvolvimento sustentável da mesma. Pois como cita Yázigi (2003), o turismo precisa ser bom para os residentes primeiramente, para que assim possa ser eticamente aceitável.

Melo (2017) afirma que o turismo provoca impactos nas dinâmicas do espaço, contribuindo com o crescimento urbano por meio de um aceleração no fenômeno da urbanização nas cidades que despontam como destino turístico. E no Brasil, um marco importante do turismo foi a criação, em 1923, da Sociedade Brasileira de Turismo. Diferenciando-se do turismo europeu que tinha um cunho educativo e de aventura, no Brasil, o turismo surge vinculado ao lazer. Mas é só a partir da década de 1950, que grandes contingentes passam a viajar, viagens domésticas e caracterizadas como turismo de massa (Barretto, 1995). Já na década de 1960, é criada a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e o Fundo Gestor do Turismo (FUNGETUR), juntamente com a chegada de redes hoteleiras internacionais no país (Lima et al., 2010).

A partir desses incentivos e da criação de órgãos fomentadores do turismo no país, no ano de 1980 o turismo se consolida no litoral do Nordeste brasileiro, tendo como atrativo as atividades de sol e praia. As cidades de Porto Seguro e Salvador foram destinos pioneiros, e posteriormente as cidades de Recife, Natal, Fortaleza e Maceió (Vasconcelos, 2017).

Apesar de pesquisas mais recentes terem demonstrado que o crescimento turístico na região Nordeste do Brasil vem ocorrendo de forma predominantemente espontânea (Araujo; Moura, 2007), esse fenômeno é responsável por significativas mudanças na produção do espaço e no consumo de áreas litorâneas. Ao apropriar-se dessas áreas, com a construção de novos objetos espaciais, como hotéis, pousadas, bares, restaurantes, centros de lazer, etc., a dinâmica das atividades turísticas tem se tornado relevante dentre os vetores de produção do espaço litorâneo nordestino, principalmente no viés de um turismo

massificado, com influências na sua oferta essencial de atrativos (Vasconcelos, 2017, p. 13)

Entretanto, Paiva (1995, p. 39), alerta que para o turismo no litoral da região nordeste ser proveitoso é necessário pensar em condições diferenciadas. “Evasão de divisas, enclaves estrangeiros, periferização dos antigos moradores e desarticulação de atividades tradicionais são filmes que já assistimos e não gostamos”. A autora ainda destaca que apesar dos problemas que o turismo pode trazer às destinações turísticas, este não deve ser suprimido e sim repensado, para que possa ser favorável primordialmente às populações nativas, ter comprometimento com as gerações futuras, além de vir a ser um polo gerador de empregos.

## 2.2. Do sol e do mar de Maceió

Pegue um extenso coqueiral paralelo a 40 km de praias de mares turquesas, acrescente rios de água doce ao norte e lagoas douradas ao sul se misturando ao atlântico. Aqueça o oceano até atingir cerca de 27 graus.

Entre o mar e os coqueiros, distribua areias macias. Na enseada principal, espalhe arrecifes com piscinas naturais formadas por águas que avançam e recuam obedecendo ao capricho da lua. É exatamente essa cena paradisíaca e tipicamente nordestina que se redesenha todos os dias em meio à orla urbana mais bonita do Brasil. (Prefeitura de Maceió, s.d)

E é com essa descrição nada simplória, que a cidade de Maceió é apresentada para os turistas. A cidade possui uma diversificação de atributos naturais, e antrópicos, com capacidade de atração turística, como por exemplo, a Laguna Mundaú, as áreas de conservação ambiental, como o Parque Municipal e do Horto, além de mirantes e o bairro histórico do Jaraguá. Apesar disso, são as praias urbanas que se destacam como principal atrativo turístico da capital alagoana, classificando assim a capital alagoana como destino de sol e mar (Rangel, 2010).

Vale destacar que apesar dos 40km de extensão de orla litorânea, são os bairros localizados na área central do litoral do município de Maceió que são classificados como território mais turistificado, mais especificamente os bairros da Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca. Já os demais bairros localizados ao norte da cidade, vem ganhando atenção do mercado imobiliário e do setor turístico, ao

ser observada a implantação de novas edificações residenciais e meios de hospedagem.

É inegável o impacto do turismo nas dinâmicas socioespaciais de Maceió. Apesar do período da pandemia do covid-19 ter impactado negativamente no turismo da cidade, e mundial, o período pós pandêmico é de otimismo em Maceió. A cidade vem ganhando destaque, nacional e internacional.

Do ponto de vista econômico, segundo o último Datatur divulgado pela ABIH-AL (2021), em que o próximo será divulgado apenas no final de 2024, existiam em média 33.062 empresas na capital, entre hospedagem, transporte, produtos turísticos, culturais, esportivos e desportivos, e alimentação, o que gerava aproximadamente 25 mil empregos diretos. Além disso, no mesmo ano, foram arrecadados R\$560 milhões de ISS para o município de Maceió, e mais de R\$ 1 bilhão de ICMS pelas atividades turísticas, no qual o maior contribuinte foi a hotelaria.

Maceió, a capital de Alagoas, encerrou o ano de 2023 e abriu a alta estação de 2024 com o maior retorno turístico da história da cidade. Houve um aumento impressionante de 350% no fluxo de turistas, considerando apenas os primeiros sete meses do ano. Espera-se que até março, cerca de 1,5 milhão de turistas visitem a cidade, levando a uma ocupação hoteleira próxima aos 100% (SECOM, 2024).

Ainda de acordo com a Secretaria Municipal de Comunicação Maceió (2024) o setor turístico é responsável por 20% da movimentação financeira da cidade, e impacta cerca de 50 atividades econômicas, com destaque para as micros e pequenas empresas. Além disso, investimentos históricos foram realizados para a promoção do destino Maceió, nacional e internacionalmente. Isso possibilitou o crescimento, inclusive, da malha aérea em 85%, liderando o ranking do Nordeste de embarques pela Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa).

Em busca de dados oficiais mais recentes sobre o turismo na cidade de Maceió, utilizou-se plataformas como o Mapa do Turismo, do Governo Federal (2023) e o Datatur, realizado pela ABIH-AL (2021). A primeira, relata que apesar do conselho municipal de turismo na cidade estar ativo, não possui dados estatísticos sobre a demanda turística da capital, assim, dispõe de informações relacionadas as atratividades presentes na cidade, entre elas estão: os mirantes,

o bairro Pontal da Barra, as praias de Pajuçara, Ponta Verde, destacando o segmento de sol e praia como predominante, tendo nos atrativos naturais o gerador de maior fluxo turístico no destino (Mapa do Turismo, 2023).

O relatório do Mapa do Turismo (2023) ainda relata que a cidade apresenta também espaços voltados para o turismo de eventos e negócios, posicionado em segundo lugar, seguidos de turismo cultural, ecoturismo e turismo de aventura, de acordo com dados dos anos de 2021 e 2022. Apesar de ter como principais atividades econômicas municipais o comércio e o turismo, não há um fundo municipal de Turismo, e nem um plano de marketing do Turismo, em conjunto com o Plano Diretor da Cidade, que se apresenta em defasagem e não contempla o setor turístico, tendo em vista que a última revisão foi realizada em 2007.

Contudo, o relatório apresenta alguns programas e projetos relacionados a atividade turística na capital alagoana, como a construção de banheiros na orla marítima, criação do Polo de Turismo de Base Comunitária na Orla Lagunar, a Criação e a implementação do Plano Municipal do Turismo (PMT), e a criação do Turistando em Maceió.

Ainda de acordo com o mesmo, a receita tributária das atividades turísticas em Maceió nos anos de 2019 e 2020 foram de R\$16.785.995,54 e R\$8.338.838,46 respectivamente. A redução quase à metade se refere a pandemia do covid-19. Porém, nos últimos anos observa-se um certo otimismo, seja em relação às taxas de ocupação hoteleiras, com a chegada de novos voos nacionais e internacionais na cidade, movimentando a economia local, de acordo com os órgãos municipais e agências de viagens.

São nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março que ocorre o maior fluxo turístico, a cidade possui 200 meios de hospedagem cadastrados no CADASTUR, variando entre hotéis e pousadas. Que de acordo com o Relatório de Atividade Turística, geram cerca de 3.000 empregos. Além disso, é importante observar as crescentes plataformas de aluguéis de imóveis para turista, como o Booking e o AIRBNB, que não são contabilizados, mas que devido a sua abrangência podem apresentar números significativos. Um fato interessante é que no Ranking dos maiores contribuintes de ISS pela Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) em Maceió no ano de 2021, os Hotéis se configuraram como

a atividade que gerou maior faturamento, de acordo com o último DATATUR-AL (2021) divulgado (figura 7).

Figura 7 – Rank ISS MACEIÓ – indicadores 2021

| Rank dos 12 Maiores Contribuintes de ISS Por CNAE em Maceió 2021 |         |                                                                                                     |                 |               |           |
|------------------------------------------------------------------|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------|-----------|
| Rank                                                             | CNAE    | Atividade                                                                                           | Faturamento ISS | ISS           | Part% ISS |
| 1                                                                | 5510801 | Hotéis                                                                                              | 430.446.033,15  | 15.969.399,83 | 7,0%      |
| 2                                                                | 6550200 | Planos De Saúde                                                                                     | 548.525.675,71  | 8.669.684,31  | 3,8%      |
| 3                                                                | 4120400 | Construção De Edifícios                                                                             | 528.419.337,46  | 8.068.953,98  | 3,5%      |
| 4                                                                | 4211101 | Construção De Rodovias E Ferrovias                                                                  | 610.357.881,34  | 7.382.729,56  | 3,2%      |
| 5                                                                | 9999999 | Diversas Atividades Não Identificadas Pela Prefeitura                                               | 240.345.294,10  | 7.238.949,89  | 3,2%      |
| 6                                                                | 8532500 | Educação Superior - Graduação E Pós-Graduação                                                       | 650.738.377,60  | 6.600.584,46  | 2,9%      |
| 7                                                                | 8129000 | Atividades De Limpeza Não Especificadas Anteriormente                                               | 253.643.880,09  | 5.915.738,53  | 2,6%      |
| 8                                                                | 8011101 | Atividades De Vigilância E Segurança Privada                                                        | 200.407.404,57  | 5.146.999,83  | 2,3%      |
| 9                                                                | 7490104 | Atividades De Intermediação E Agenciamento De Serviços E Negócios Em Geral, Exceto Imobiliários     | 126.947.112,64  | 5.040.385,87  | 2,2%      |
| 10                                                               | 8610101 | Atividades De Atendimento Hospitalar, Exceto Pronto-Socorro E Unidades Para Atendimento A Urgências | 355.449.912,94  | 4.638.313,53  | 2,0%      |
| 11                                                               | 8121400 | Limpeza Em Prédios E Em Domicílios                                                                  | 155.141.040,54  | 4.323.673,22  | 1,9%      |
| 12                                                               | 5231102 | Atividades Do Operador Portuário                                                                    | 106.404.538,97  | 3.816.012,39  | 1,7%      |

Os dados fornecidos pela prefeitura de Maceió, conforme processo número 2700.15536.2023, solicitado pelo Trading Turístico, no sistema eSIC

| 2018 | 2019 | 2020 | 2021 |
|------|------|------|------|
| 1    | 1    | 4    | 1    |

Histórico Rank CNAE HOTÉIS (5510801) de Maiores Pagadores de ISS em Maceió

Fonte: DATATURAL (2021)

Assim, é frequente a veiculação de notícias comemorando os avanços no turismo da cidade, empresas como a Decola, de acordo com a ASCOM (2024) divulgou que Maceió foi a cidade mais buscada no primeiro semestre de 2023, e ficou em segundo lugar em buscas no ano, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro. Já a CVC, em relato para Redação M&E (2023) dispõe que Maceió, juntamente com Porto Seguro, Recife, Fortaleza e Salvador lideraram a procura no verão. Enquanto isso, o AIRBNB (2023) colocou Maceió entre os 24 principais destinos em alta no mundo!

De acordo com a Secretária Municipal de Comunicação (2024), a prefeitura da cidade faz investimentos que ultrapassam R\$25 milhões, o maior volume já destinado para o mercado turístico na capital. Além disso, ainda em janeiro de 2024 a cidade está em plena alta estação, com a ocupação hoteleira em quase 100%, no qual houve um aumento no fluxo turístico de 350% em relação aos primeiros sete meses de 2023. O que, de acordo com a Secretaria Municipal de Comunicação de Maceió (SECOM), até março de 2024 teria cerca de 1,5 milhão de visitantes.

Dessa forma, é inegável o destaque e a consolidação da cidade de Maceió como destinação turística. Autores como Rangel (2010), Vasconcelos (2017) e Melo (2017) foram fundamentais para o estudo da consolidação de Maceió como destino turístico, os primeiros, utilizando o modelo do Butler para estudar o

Ciclo de Vida da Área turística, compreendendo como a consolidação dos hotéis na cidade influenciou a urbanização turística.

### **2.3 O super marketing turístico**

Uma mudança significativa nas duas últimas décadas no mundo em geral foi a forma como o ambiente digital tornou-se parte integrante da vida das pessoas. O que acarretou mudanças nas relações interpessoais, na comunicação em geral e também nas formas de acesso a informações. Além dos sites, blogs e portais de informação, destacam-se as redes sociais, que permitem com que as pessoas consumam conteúdo dos seus “amigos”, também chamados de “seguidores”, mas também passem a criar conteúdo, ao passo que compartilhem suas fotografias, pensamentos, vídeos e outros tipos de mídia, dependendo de qual rede social que se utilize. Constata-se que essas mudanças impactaram também o setor turístico, principalmente na forma como os destinos turísticos são divulgados. Antes, havia uma dependência a certos tipos de mídia, como cartões postais, jornais, revistas e até mesmo telenovelas.

“Quem não é visto não é lembrado” é uma frase popular que ilustra esse novo mundo que mistura o virtual com a realidade. Esse fator trouxe mudanças também para empresas do mundo todo, pois tiveram que migrar suas marcas para o mundo digital, buscando serem vistas. Mas com a ascensão das redes sociais nas últimas décadas, as pessoas também fizeram essa mesma movimentação. Logo, o marketing digital virou algo imprescindível no mundo de hoje, impactando a vida das pessoas e também na divulgação dos destinos turísticos (Santos; Araujo, 2023).

E em Maceió não seria diferente, em 2015 foi criado o primeiro programa de marketing digital da cidade, no bicentenário da capital durante a gestão do prefeito Rui Palmeira, intitulado de “Experimente Maceió”. O programa, que existe até os dias atuais, conta com diferentes plataformas, com o intuito de aproximar os turistas das atratividades da cidade. Entre as mídias presentes nas plataformas do Experimente Maceió, destaca-se o mapa da cidade apresentando os pontos com atividades turísticas na cidade (figura 8).

Figura 8 – Mapa Experimente Maceió



Fonte: Prefeitura Maceió, s.d.

Ao observar o mapa “Experimente Maceió”, destaca-se que este não apresenta a cidade de Maceió como um todo, nem mesmo é possível observar a localização do Aeroporto, que é um dos principais pontos de desembarque dos turistas que vem à cidade. Além disso, observa-se que grande parte das atrações de recreação estão localizadas nos bairros da orla litorânea.

Ainda em comemoração aos 200 anos da cidade, foi instalado o totem “Eu amo Maceió” na orla da Ponta Verde, com uma simbologia que lembra o famoso “I ♥ NY”, esse se apresenta como o primeiro “Ponto Instagrâmavel” da nossa cidade, mesmo antes da popularização do termo (figura 9). Essa intervenção ganhou destaque nas páginas das agências de viagens, além de agradar os turistas que

visitavam Maceió. Com a repercussão do totem, outras áreas da cidade também ganharam essa instalação, como o Parque Municipal e a Praia de Ipioca.

Figura 9 – Totem Eu amo Maceió, localizado na orla da Ponta Verde



Fonte: Elaboração própria, 2023

A Prefeitura de Maceió destaca a importância das ações de marketing digital para a divulgação da cidade como destinação turística. O gestor da SEMTEL (Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Lazer) na época, Jair Galvão (2020) explana que:

Nos últimos oito anos, a Prefeitura de Maceió realizou um trabalho consistente de divulgação dos nossos atrativos turísticos com foco em projetos digitais inovadores e acessíveis, que promovessem o destino tanto no mercado nacional quanto no internacional. Tour em realidade virtual, plataformas digitais, campanhas promocionais, press trips e uma série de outras ações foram determinantes para que Maceió alcançasse lugar de destaque e se mantivesse nas vitrines comerciais como um dos melhores destinos turísticos do Brasil (SEMTEL, 2020)

Entre 2014 e 2018, anualmente era realizado na cidade no mês de janeiro o festival “Maceió Verão”, com apresentações de atrações musicais nacionais e locais. O evento era realizado na orla da Pajuçara, mais especificamente na Praça Multieventos, e movimentava ainda mais esse trecho da orla, durante os dias do evento. Apesar do sucesso do evento, e de certa adesão da população, em 2019 o

evento foi encerrado, como uma medida de suspensão de gastos da prefeitura, de acordo com o G1 Alagoas (2018).

Vasconcelos et al. (2023), relatam que o período que antecedeu a crise da Pandemia do Covid-19, foi um período promissor em relação a expansão espacial do turismo de massa, ao ser constatada a crescente oferta de novos meios de hospedagem, ofertas gastronômicas e agências de turismo na cidade. Contabilizando cerca de 2 milhões de visitantes em 2019 (Alagoas, s.d., apud Vasconcelos et al., 2023).

Nos anos seguintes, 2020 e 2021, ocorreu a pandemia do COVID-19, o que gerou uma crise mundial, impactando diretamente o turismo em todo o mundo. As restrições impostas com o objetivo de diminuir a contaminação das pessoas pelo Coronavírus, afetou a forma como as pessoas vivem na cidade, a campanha “Fique em Casa” se contrapõe com o desejo do turista de sair do seu lar e conhecer diferentes lugares, o que fez com que o número de viajantes no mundo caísse drasticamente. Entre as mudanças que ocorreram em decorrência da pandemia, foi a crescente inserção das redes sociais na vida das pessoas, tornando-se uma espécie de janela para ver o mundo, durante o período de quarentena.

Porém, mesmo com as restrições, Vasconcelos et al. (2023), relatam que Alagoas foi o estado, no Brasil, líder em vendas de pacotes turísticos pela CVC, mesmo nos meses de Julho e Agosto de 2020, com o ápice do contágio do COVID-19 na cidade. Ao considerar que as campanhas veiculadas para a divulgação de Maceió, continuaram atraindo visitantes, mesmo nesse período conturbado no mundo (figura 10).

Apesar da relevância econômica que essas iniciativas fomentaram, o que se observou, em muitos momentos, foram práticas irresponsáveis de lazer e turismo, com constantes desrespeitos às orientações de distanciamento social e uso de máscaras respiratórias, dentre outras, em diversos pontos e estabelecimentos que servem ao turismo. Tudo isso ilustra práticas de consumo de lazer e de turismo massificado, de forma desordenada, em plena situação pandêmica, potencializando riscos sanitários para visitantes e residentes, atestando que o lucro continua sendo colocado acima de interesses coletivos, que nesse caso seria a proteção da população contra a disseminação do coronavírus (Vasconcelos et al., 2023, p. 17).

Figura 10 – Alheios à pandemia, banhistas lotam praias no final de semana



Fonte: Gazeta de Alagoas, 2020. Registro: Ailton Cruz

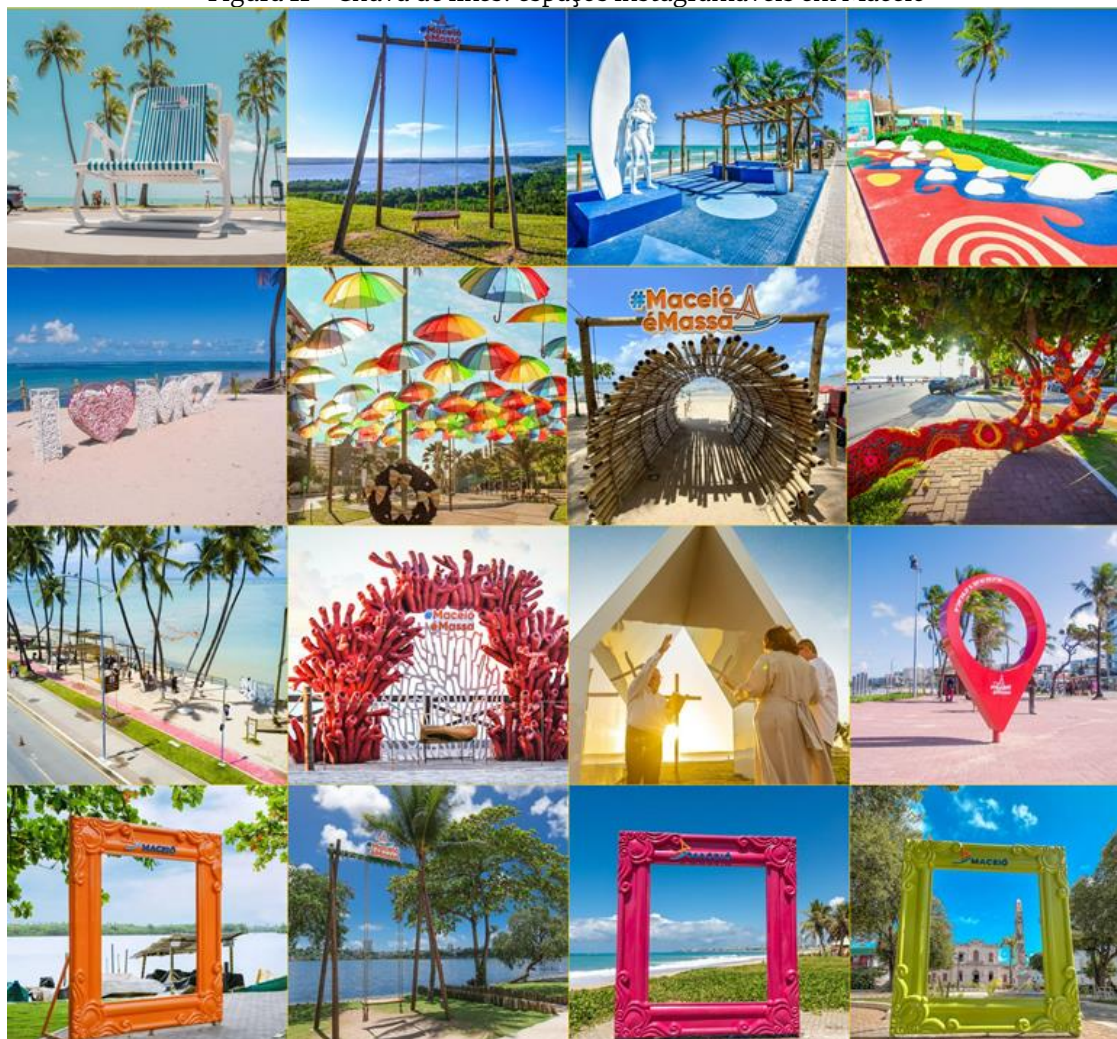
Os autores ainda relatam que a pandemia gerou impactos econômicos na cidade, como o aumento das taxas de desemprego, aumentando a informalidade, e consolidando ainda mais o cenário de desigualdades e pobreza na capital. Apesar de ser um destino turístico que apresenta certa estabilidade há décadas, a cidade de Maceió não conseguiu diminuir as desigualdades sociais da população (Vasconcelos et al., 2023).

Em meio a esse cenário, ocorre a troca de gestão da prefeitura de Maceió, iniciando a gestão do prefeito JHC (João Henrique Holanda Caldas) em 2021. É nesse momento que há um aumento de investimentos voltados ao marketing turístico da cidade. A principal campanha criada para a divulgação do turismo na cidade foi a “Maceió é Massa”, com certas semelhanças da anterior, “Experimente Maceió”, ao também fazer essa aproximação do destino turístico com os visitantes, além da divulgação das atrações relacionadas ao turismo de sol e praia, mas também da gastronomia da cidade. Porém, a novidade é a implantação de diversos pontos instagramáveis na cidade, que de acordo com o dicionário Priberam (2023), instagramável é o “objetivo do que se pode publicar na rede social Instagram, ou o que tem características próprias ou ideias para a publicação nessa rede social”.

Foram instalados cerca de 15 pontos instagramáveis em Maceió, porém a maioria está localizada na área central da orla litorânea (figura 11), tendo como o principal intuito a divulgação do destino turístico por meio dos próprios visitantes. Santos e Araujo (2023), discorrem sobre essa intenção dos gestores públicos em utilizarem os visitantes da cidade, como parte desse marketing do destino turístico, e sobre a adesão dos visitantes em relação a esse tipo de estratégia:

Uma selfie feita em um lugar ou objeto instagramável parece ter o poder de alçar o evento a certo nível de glamour, particularmente porque ela circulará, por vontade única do seu protagonista, no palco ampliado para muito além das fronteiras espaciais imediatas do lugar, mesmo que, para os potenciais viewers, de maneira transitória, embora menos para si própria, a pessoa que posta (Santos et al., 2023).

Figura 11 – Chuva de likes: espaços instagramáveis em Maceió



Fonte: Prefeitura de Maceió, s.d

Entre os pontos instagramáveis, destaca-se a Cadeira Gigante da Praia, localizada no bairro da Ponta Verde. O uso pelo poder público desse objeto

instagramável obteve êxito no seu intuito de marketing turístico para a cidade, pois de acordo com a SECOM (2022) em apenas 3 dias após a sua instalação, a Cadeira Gigante da Praia alcançou mais de 10 milhões de visualizações nas redes sociais. O secretário de comunicação da época, Lininho Novais em entrevista para a SECOM (2022), destaca a intenção da inserção dos pontos instagramáveis na cidade:

Nós criamos uma força tarefa para deixar nossa orla, que já conta com elementos espetaculares, ainda mais bonita e atrativa. Muitos pontos turísticos são conhecidos pela experiência que gera para o usuário, ou seja, por elementos em que as pessoas se sentem mais integradas e podem levar de lembrança para as suas casas. Aqui temos visto isso e o retorno do público está sendo gigantesco.

Apesar de certa aderência do público, muitas críticas surgiram em relação aos pontos instagramáveis da cidade, principalmente em relação a valorização de elementos na cidade que não se relacionam com os seus aspectos culturais e do seu cotidiano, em sua maioria. E que a orla litorânea já apresenta atrativos naturais por si só, e que essa tentativa de embelezar a cidade, não traz aspectos significativos para o panorama da cidade. Destaca-se ainda a inserção dos pontos instagramáveis próximo um dos outros, em curtas distâncias, predominantemente na orla litorânea dos mencionados bairros centrais.

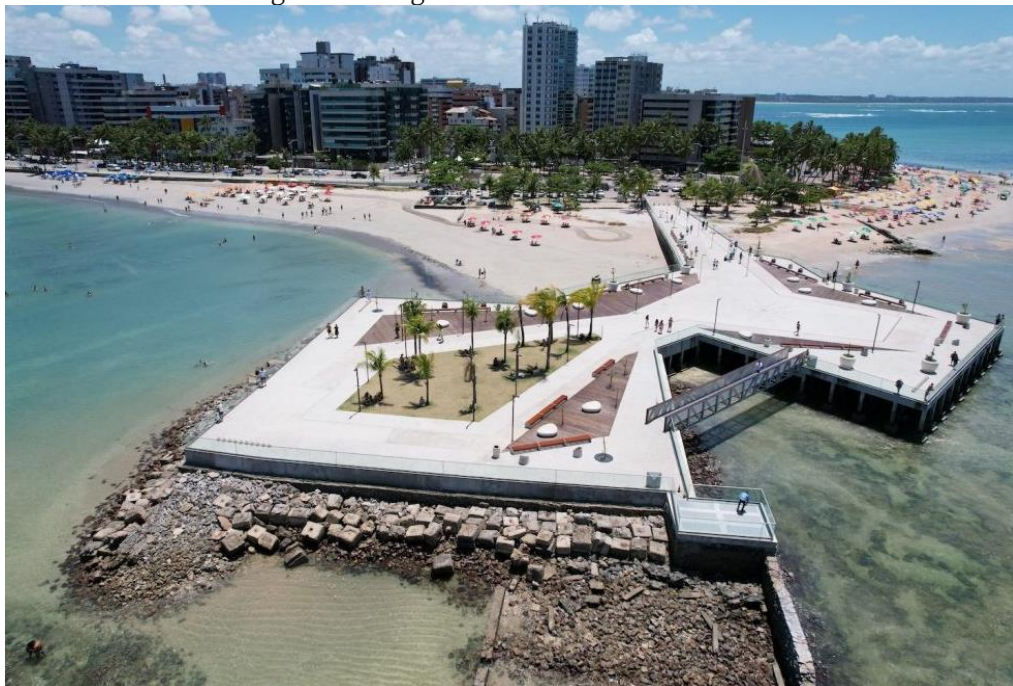
Ao pensar nesses pontos instagramáveis da cidade, pode-se criar um paralelo com o que é discutido por Urry (1996) em seu livro intitulado “O olhar do turista” no qual cita um exemplo relacionado a Bali, citado por Turner e Ash (1975, apud Urry, 1996) em que muitos aspectos da cultura balinesa são simplificados à produção em massa, que converte a pluralidade e complexidade destes, em kitsch para turista. Essa estética kitsch é caracterizada pelo exagero e de um gosto muitas vezes duvidosos. O que se relaciona com os monumentos gigantes que são inseridos nos atrativos turísticos da cidade de Maceió.

Outras atitudes em relação ao turismo e a cidade de Maceió nos últimos anos foram os festivais musicais, entre eles, a retomada do Festival Maceió Verão agora intitulado de “Festival Verão Massayo” que acontece também durante o mês de janeiro, mas agora conta com uma estrutura maior, e a predominância de artistas nacionais. E o outro, “Massayo. Sol... Mar & Forró” buscando tornar a capital alagoana referência nas festividades juninas, ao apresentar durante o

mês de junho diversos shows musicais, com o slogan de “O maior são João do Litoral do Brasil”. O evento atraiu multidões de pessoas, e além do polo principal localizado no bairro do Jaraguá, também contou com outros pontos em outros bairros da cidade. Com orçamento milionário, e a presença de diversos artistas nacionais, destaca-se na última edição no ano de 2023, conflitos entre a prefeitura e os artistas locais que não conseguiram se apresentar durante o evento.

Observa-se na extensão da orla litorânea diversas obras importantes. Entre elas, a revitalização do antigo Alagoas Iate Clube “Alagoinha”, atual Marco dos Corais, inaugurado em 2022, após diversas suposições de projetos para o espaço que se encontrava anteriormente em ruínas. Planejado pelo Governo Estadual, o projeto foi assinado pelo escritório de arquitetura local Angeli e Leão. O novo espaço de lazer da cidade se configura como uma espécie de “praça” dentro do mar, um verdadeiro espaço livre, com um visual de linhas contemporâneas, que respeita a paisagem natural do entorno (figura 12).

Figura 12 – Registro aéreo do Marco dos Corais



Fonte: Maceió Dicas, 2023. Foto: Andy Spinelli

A inauguração do Marco dos Corais foi um verdadeiro sucesso, o espaço funciona como uma extensão da orla litorânea, atraindo diversas pessoas, inclusive muitos turistas ao local, sendo divulgado como um dos atrativos do destino

Maceió. Outras obras se destacam nessa parte da cidade, como a ampliação do calçadão da orla, e a criação de uma faixa verde, para a prática de atividades físicas e circulação de pessoas. Além desses, observa-se obras relacionadas a contenção marítima, com a criação de barreiras de blocos de concreto, escalonados para impedir o avanço do mar.

A Prefeitura de Maceió criou o Plano de Gestão Integrada (PGI) da Orla Marítima em 2023, que visa a gestão integrada das pastas municipais em detrimento da orla da cidade, baseado no programa do governo federal participativo Projeto Orla que busca o ordenamento e a utilização sustentável dos espaços costeiros. Enquanto isso, o governo do estado desenvolve o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável em Maceió, e outras cidades turísticas do estado, visando dispor sobre o planejamento do turismo na cidade, buscando os princípios da sustentabilidade. Durante as oficinas e audiência pública que ocorreram, foi apresentado aos gestores que querem tornar a cidade de Maceió um destino turístico de Bem-Estar, visando as tendências mundiais e as características que a cidade oferece.

Assim, por meio dessa explanação, é constatado o quanto o turismo, principalmente a partir da década de 1980, foi um dos fatores que guiou o desenvolvimento e a ocupação do solo da cidade de Maceió. Visto como um fator de desenvolvimento econômico para a cidade, este não foi suficiente para diminuir as desigualdades que assolam o território de Maceió. Porém, é um dos setores que mais geram influências econômicas na capital alagoana.

Como abordado neste capítulo, diversas ações públicas na cidade foram feitas com a intenção de fortalecer a imagem turística na capital. O que nos últimos anos, em conjunto com o as redes sociais, observa-se o fenômeno que aqui chamaremos de super marketing devido a intensificação de esforços para a divulgação da imagem como destinação turística. Esforços esses que não são vistos em nenhum outro setor da cidade nos últimos anos, principalmente onde a população mais carece, como saúde e educação, e que podem até mesmo serem considerados agressivos, devido a sua intensificação.

E não para por aí; apesar do super marketing já estar em voga na cidade de Maceió, nos últimos meses novas ações foram divulgadas pela Prefeitura de Maceió. Entre eles, a cidade de Maceió foi tema de uma das mais famosas escolas de samba do Brasil: a Beija-Flor de Nilópolis, a partir do enredo que contava "Um delírio de Carnaval na Maceió de Rás Gonguila". Esse intuito, também visa divulgar a cidade nacional e internacionalmente, tendo em vista que o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro atrai os olhos de todo o mundo.

Outro fato que ganhou destaque nos últimos meses e diversos debates entre os moradores da cidade, é a inserção de uma roda gigante na orla de Maceió, espaço que já apresenta diversos atrativos, e que a população e os turistas já usufruem comumente. Revelando ainda mais aspectos de um super marketing na cidade, a partir da inserção de elementos que visam atrair o olhar do turista (Urry, 1996) na cidade.

A partir desse panorama, observa-se que o super marketing turístico, acaba sendo um gerador de conflitos, principalmente pela ausência de discussão e consulta sobre os mesmos com a população da cidade antes de serem inseridos. Os conflitos na cidade se apresentam em diversas escalas e espacialidades, tendo em vista a desigualdade socioespacial que assola a capital alagoana, interferindo no direito da população à cidade.

Ao passo que o acesso ao lazer se configura como uma forma de manifestação do direito à cidade. E que em Maceió, um destino turístico, essa dinâmica não é vista de forma prioritária, de modo que o lazer dos turistas, como consumidores do espaço, é levado em primeiro plano em relação ao lazer do residente. Em especial, daqueles que vivem em áreas que já carecem de elementos essenciais para a habitabilidade.

Com isso, um espaço se destaca em Maceió, mais especificamente na orla litorânea dos bairros turistificados, a Rua Fechada. Que se trata de um espaço livre voltado para o lazer da população, mas que, apesar de se configurar como um espaço público, por vezes, são vistas atitudes segregacionistas para com a população moradora de bairros periféricos que já sofrem diariamente com diversas problemáticas.

### 3. EM BUSCA DO TERRITÓRIO: CONHECENDO A RUA FECHADA

Neste capítulo será apresentada uma breve discussão sobre o conceito de território, que se configura como termo fundamental para o entendimento das dinâmicas que ocorrem no recorte espacial deste estudo. A partir disso, será apresentada a Rua Fechada e o entorno imediato, utilizando a categorização de Milton Santos para a análise espacial.

#### 3.1 Definição de território

O território é um dos termos chave das ciências sociais, presente nas tentativas de explicar as diferentes formas como a sociedade se apropria e produz o espaço, de acordo com Fuini (2014). Apesar de erroneamente serem empregados como termos equivalentes, o espaço é anterior ao território, como explica Raffestin (1993, p. 144):

O espaço é, de certa forma, 'dado' como se fosse uma matéria-prima. Preexistente a qualquer ação. 'Local' de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar.

O que demonstra a importância da compreensão do que é o espaço, sendo o território parte dele. Harvey (2013) apresenta o espaço por meio de uma tripartite do espaço. O primeiro, o espaço absoluto é imóvel, e representado como uma moldura pré-existente, correspondendo a fenômenos delimitados, sendo o espaço da propriedade privada e de entidades territoriais. Já o espaço relativo é fundamentado pelo argumento de que as formas de medição variam de acordo com quem as observa, sendo necessário também compreender o espaço em relação ao tempo, assim, esse espaço é compreendido a partir da relação entre objetos que existem por se relacionarem. A terceira forma, seria o espaço relacional, considerado como parte do espaço relativo, a partir da compreensão que o conceito de espaço está atrelado ao processo, sendo necessário focar no espaço-tempo, e não no espaço isolado, ao entender que algo situado no espaço depende de tudo o que acontece ao redor dele (Harvey, 2013).

Porém Harvey (2013) dispõe que o espaço não é nenhuma das categorias classificadas acima, mas que ele pode se tornar um ou outro, seja de forma separada ou ao mesmo tempo em relação às circunstâncias. É a partir do espaço, retomando a compreensão de Raffestin (1993, p. 143), que o território se forma, resultado de uma ação conduzida por um ator, que se apropria de um espaço, de forma concreta ou abstrata e assim “territorializa o espaço”. Desse modo, o espaço se configura como essencial para a formação do território em conjunto com o autor que nele pratica a apropriação.

Gottman (2012, p. 523) enfatiza a importância dos atores no território ao citar que esse é “gerado por indivíduos organizando o espaço segundo seus próprios objetivos”. Além disso, destaca a necessidade de compreender o território como uma porção do espaço geográfico, pois de acordo com o mesmo “uma teoria política que ignora as características e a diferenciação do espaço geográfico opera no vácuo” (Gottmann, 2012, p. 525). O que retoma a importância de uma leitura situada histórica e geograficamente, em busca de fugir do modelo hegemônico, para a compreensão do território.

É a partir de uma visão latino-americana, que Santos (2005, p. 255) comenta que “vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados” dessa forma, “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social”. O autor ainda destaca a necessidade de uma constante revisão histórica, pois a permanência do território é ser o nosso quadro de vida.

Por seu lado, Haesbaert (2021) dispõe que o território é o espaço imerso em relações de poder, o que se assemelha com Souza (1995) que o conceitua como definido e delimitado por e a partir dessas relações. Esse poder pode ser do tipo mais funcional ou simbólico. Que para Haesbaert (2008), se refere tanto ao poder no sentido mais concreto de dominação, político-econômica e funcional, como no mais simbólico e subjetivo de apropriação, cultural-simbólica.

[...] tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a

identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (Haesbaert, 2008. p. 19-20).

Assim, Haesbaert (2020, p. 76) complementa que dentro do nosso contexto, o território “vai muito além da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal e se expande, transitando por diversas escalas, mas com um eixo na questão da defesa da própria vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial”. O que gera a necessidade de refletir sobre as relações de poder, advindas das relações sociais e que formam o território.

Foucault (1987), alerta que as relações de poder não são atreladas às relações do Estado com os cidadãos ou nas fronteiras das classes sociais, mas se aprofundam dentro da sociedade, ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei e dos indivíduos, se articulando de acordo com uma série de engrenagens. Ao definir diversos pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um os seus riscos de conflitos, de lutas e de invasão pelo menos transitória das relações de forças.

Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (Raffestin, 1993. p. 158-159).

Arendt (1985) traz uma importante reflexão ao analisar que o poder nunca é individual, e que pertence a um grupo e existe enquanto o grupo estiver em uníssono. E quando o grupo não mais existir, o poder também desaparecerá. Assim, fica ainda mais evidente a relação do poder com as relações sociais, que para exercer esse poder é necessário que aconteça uma ação conjunta, seja ela de dominação ou de apropriação, como foi visto anteriormente.

Quando observada essa relação de poder ao nível dos corpos, como demonstrado por Foucault (1987), essa visão se relaciona com Haesbaert (2021) ao definir que o território implica o distanciamento ou a aproximação no arranjo espacial, o que acaba gerando interferências nas relações de poder. Desde distâncias físicas, ou na configuração de barreiras mais ou menos permeáveis, que podem ser apresentadas como constrangimentos sensoriais ou afetivos, e ligados à violência e medo (Haesbaert, 2021). Com essa definição, fica mais fácil visualizar

na sociedade os territórios, e como as relações nele se dão, não mais só de forma teórica, mas empiricamente a partir dos corpos e dos nossos próprios corpos.

Desse modo, fica palpável a relação do território com o controle aos acessos, que aqui vamos ilustrar como fronteiras que moldam e influenciam as dinâmicas que ocorrem no espaço, o que torna o território passível para conter e excluir pessoas e relacionamentos (Haesbaert, 1997). É dentro desse contexto, que os recortes espaciais proporcionados pelas fronteiras podem reforçar identidades territoriais específicas justamente pela separação de grupos e indivíduos, como afirma Haesbaert (1997).

Já Souza (1995, p. 78), dispõe que o motivo condutor na compreensão do território é o questionamento de “quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço?”, em busca de gerar luz sobre os conflitos e contradições sociais, ao observar as dinâmicas de poder que se inserem no território. À medida que deixa em segundo plano as características físicas e as relações identitárias de um grupo social e seu espaço, Haesbaert (2008) destaca a necessidade de distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, e que o controle socioespacial varia de acordo com a sociedade e cultura. Além disso, a necessidade de dar voz aos grupos invisibilizados e subalternos e suas formas de saber (Haesbaert, 2020).

Souza (1995), apresenta uma visão um pouco diferente:

Aqui, o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders) (Souza, 1995, p. 86).

É dentro desse contexto que Santos (2000, p. 12) discorre que para os atores hegemônicos o território “usado” é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares, porém, os atores distintos não possuem esse mesmo poder de comando “levando a uma multiplicidade de ações, fruto do convívio dos atores hegemônicos com os hegemonzados”.

Assim, a territorialização se apresenta como a apropriação e controle espacial, no qual o ator territorializa o espaço, num campo de poder, no sentido mais

concreto da fisicalidade até mesmo no imaterial e simbólico, como afirma Haesbaert (1997). Já a territorialidade “se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas” e “se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder” (Raffestin, 1993, p. 161). A partir desse raciocínio, Souza (1995, p. 99) descreve a territorialidade como:

[...] no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que se disse há pouco, relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua. Seja como for, é óbvio que, ao falar de territorialidade, o que o autor deste artigo tem em mente é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço.

Haesbaert (2008, p. 20) evidencia que o território “é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica”. Para identificar essas multiplicidades do território, Haesbaert (2008) apresenta algumas modalidades, que vão desde a territorialização que não admite a pluralidade territorial, a uma territorialização mais flexível que permite a sobreposição de territórios. O autor complementa citando que o território manifesta um sentido multiescalar e multidimensional.

[...] ou se trabalha como a multiplicidade de nossos territórios, ou não se alcançará nenhuma mudança positivamente inovadora. Os movimentos antiglobalização e antineoliberalismo que o digam, zapatistas à frente. Pensar multiterritorialmente é a única perspectiva para construir uma outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecedora das diferenças humanas (Haesbaert, 2008, p. 34).

É dentro desse panorama que a compreensão do território, e dos múltiplos territórios se configura como essencial para a discussão que essa pesquisa se propõe. Pois se trata de uma análise socioespacial de um recorte urbano, com diferentes dinâmicas, onde as pessoas se relacionam, e dentro dessas relações sociais se configuram também as relações de poder. O que ocasiona a visualização do território como múltiplos e não apenas como uma unidade.

### 3.2 Experimente a Rua Fechada

Dia 28 de agosto de 2016, “Operação ‘Área de Lazer’ faz megarrevista e apreende 150 pessoas na Rua Fechada, em Ponta Verde” diz o título da matéria de um dos principais portais de notícia do estado, o TNH1. Que segue descrevendo que os apreendidos para averiguação estavam sem documentos e foram levados para a delegacia. De todos os 150 abordados, apenas um adolescente portava drogas e uma quantia de dinheiro (Redação TNH1, 2016) (figura 13).

Ainda de acordo com a reportagem, o responsável pela ação, afirmava que tinha como o intuito inibir a ação de “delinquentes” nessa área da cidade, para aumentar a sensação de segurança para a população. Pois comumente foram registradas reclamações de comerciantes e moradores da área, em relação a badernas, uso de entorpecentes e confusões na “Rua Fechada”, além da “mudança de público nos últimos meses” com a presença de “pessoas que só vão para a orla para a prática de delitos” (Redação TNH1, 2016).

Figura 13 – Megarrevista na Rua Fechada, Orla de Ponta Verde, Maceió – AL, 2016



Fonte: TNH1, 2016

O critério utilizado para as abordagens teria sido a aparência das pessoas, ora por aparentarem estar usando entorpecentes, ora por possuírem tatuagens, ou vestirem camisas de torcidas organizadas (Redação TNH1, 2016). De modo que na figura acima, é possível observar que em sua maioria foram abordados jovens,

pretos, e muitos destes moradores de bairros periféricos, que como constatado pela própria ação, dos 150, apenas um portava drogas.

Em resposta a essa ação, movimentos sociais se mobilizaram em manifestação chamada “Rolezinho contra o apartheid”, (Figura 13) com a justificativa de que apenas negros e pobres estavam sendo abordados nessa área, como uma forma de negar o acesso deles nesse recorte espacial. Assim, denunciam as abordagens policiais que ocorreram na área, com o objetivo de criar uma discussão mais profunda sobre essas ações (G1 AL, 2016) (figura 14).

Figura 14 – Manifestação Maceió Contra o Apartheid 2016



Fonte: Lenilda Luna (2016)

“Durante a alta temporada em Maceió, os órgãos só atendem aos turistas. É feito uma limpeza étnica na parte nobre da cidade”, afirmou o organizador do ato, Magno Francisco. Ele explica que além da megarrevista, houve também o cancelamento de um luau de jovens e por fim, uma reunião da PM, que queria proibir “pessoas suspeitas de irem à praia” (G1 AL, 2016). Geraldo Majella (G1 AL, 2016), relata a vivência dos jovens:

Muitos deles sofrem, das mais diversas formas, quando são abordados. Muitos deles já foram humilhados e são segregados diariamente devido às suas classes sociais, ou cor. Crianças de 13 e 14 anos estão sendo

molestadas diariamente pela PM, porque estão com a camisa de torcida. A polícia não tem um planejamento estratégico, apenas obedecem aos pedidos da elite e dos comerciantes da região.

É por meio desse contexto conflituoso que a Rua Fechada (Figura 15) e o entorno imediato, que compreende o trecho que vai até o Marco dos Corais, serão apresentados. Em busca de compreender as dinâmicas e espacialidades que comportam esse território que é considerado como um importante espaço de lazer da cidade, território turistificado, mas ao mesmo tempo, loco de conflitos socioespaciais.

Figura 15 – Rua Fechada em Maceió, Alagoas em 2023



Fonte: elaboração própria (2023)

O trecho de aproximadamente 1km da Avenida Silvio Carlos Viana, das 8h às 17h, aos domingos, tem o trânsito de veículos vedado, para que a via seja utilizada como espaço de lazer para a população (figura 16). Desse modo, a orla litorânea da Ponta Verde, que já é um atrativo de lazer e turístico por si só, ao ser aberta para o convívio social, se transforma num verdadeiro parque urbano linear. Ele é classificado como espaço livre público, por ser um espaço aberto da cidade, que possibilita o convívio social e a manifestação da vida coletiva.

Figura 16 – Rua Fechada com o tráfego de veículos vedado para o acesso livre dos pedestres em 2023



Fonte: elaboração própria, 2023

A diversidade de atrativos presentes na Rua Fechada e no entorno acabam atraindo diferentes atores em busca de territorializar essa área, desde os moradores do entorno, a pessoas de outros bairros, principalmente dos que mais carecem de áreas de lazer. Há também a presença de turistas, em conjunto com comerciantes, formais e informais.

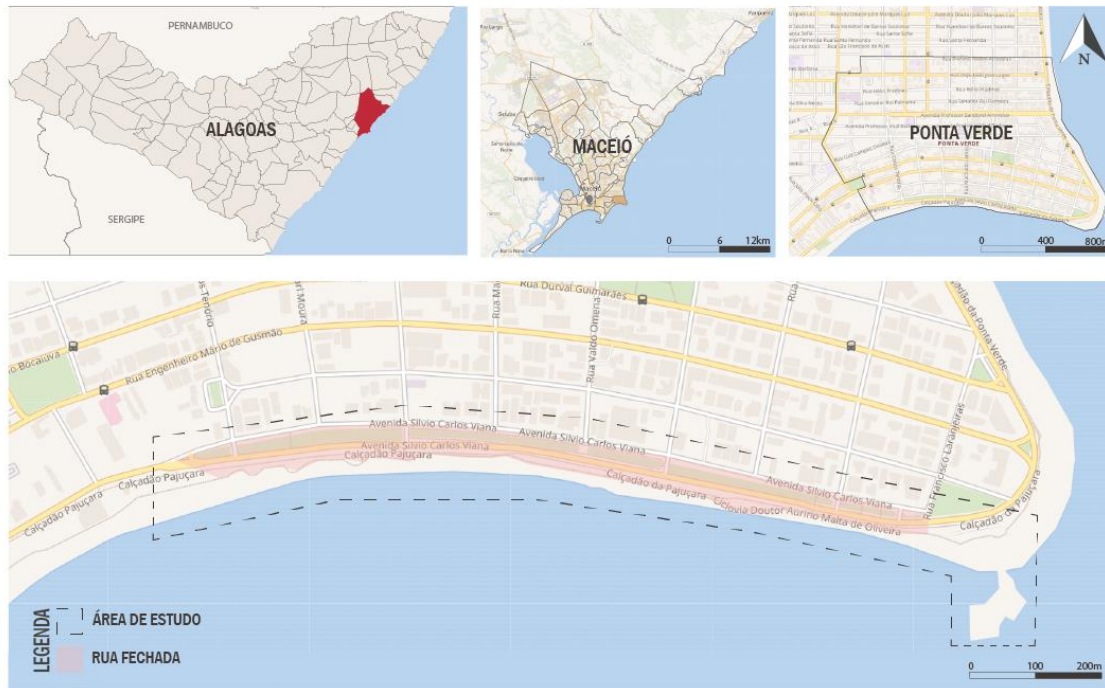
Assim, com tantos atributos e um “super marketing” turístico, como vimos anteriormente, em um único recorte espacial, são observados diferentes territórios de acordo com os atores que os compõem, podendo ocasionar conflitos, como visto acima. Dessa forma, nesse capítulo, buscaremos apresentar uma análise dessa Rua Fechada, do ponto de vista espacial, com o objetivo de entender o que torna esse espaço atrativo para os diferentes atores.

### 3.2.1 Localização

Em busca de apresentar o contexto em que a Rua Fechada e o entorno imediato estão inseridos, será apresentada uma breve contextualização do Bairro da Ponta Verde (figura 17). Bairro este que é conhecido por apresentar um dos

melhores índices socioeconômicos da cidade, e que são refletidos na própria paisagem. Junto com os bairros da Pajuçara e Jatiúca, são considerados bairros “nobres” na cidade.

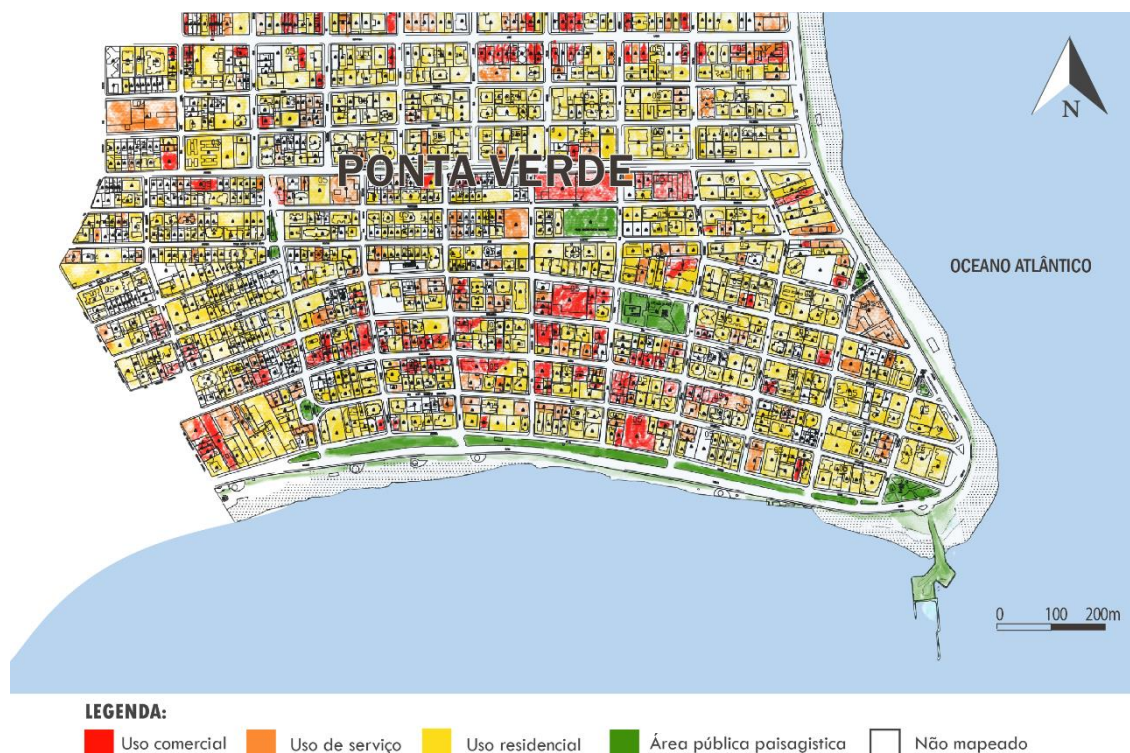
Figura 17 – Localização da Rua Fechada – Maceió, Alagoas



Fonte: OpenStreet, elaboração própria (2023)

A paisagem do bairro é marcada por edifícios verticais, em grande parte, essas edificações são residenciais, apesar disso, a partir da criação do mapa de uso e ocupação do solo, foi possível observar que essa ocupação é bem variada. Há uma predominância de edifícios residenciais, mas são bem distribuídos entre os edifícios comerciais e de serviços, como pode ser visto no mapa de uso e ocupação abaixo (ver figura 18), o que demarca um bairro bem estruturado em relação a esses setores, se destacando também edificações de uso misto, sejam elas residenciais e de serviço, ou residenciais e comércio, e até mesmo de serviço e comércio.

Figura 18 – Mapa de Uso e Ocupação do Solo, Bairro Ponta Verde, Maceió, Alagoas



Fonte: Base Prefeitura de Maceió, elaboração própria (2023)

Diversas obras estão ocorrendo atualmente no bairro, apesar da quase inexistência de vazios urbanos. Dessa forma, edificações antigas são demolidas para a construção de novas, como por exemplo, prédios com poucos pavimentos e pontos comerciais, para a construção de edifícios com mais pavimentos e diversificação de uso. Basta caminhar no bairro para notar que este se destaca como uma zona de alto investimento imobiliário.

Um ponto de destaque é que a Ponta Verde está no ranking dos 10 bairros com o metro quadrado mais caro do Nordeste, ocupando a quinta posição com o valor de R\$9.345, seguido pela Jatiúca R\$9.292 e Jacarecica R\$9.209, de acordo com uma pesquisa realizada pelo FIPEZAP divulgada pelo portal Diário do Nordeste (2024). O portal ainda destaca que o bairro mais caro do Nordeste é o vizinho da Ponta Verde, a Pajuçara custando R\$10.294 por metro quadrado, ocupando o primeiro lugar, conforme informado abaixo (figura 19):

Figura 19 – Ranking dos bairros com o maior metro quadrado no Nordeste

### **VEJA O RANKING DOS DEZ BAIRROS MAIS CAROS DO NORDESTE**

1. Pajuçara (Maceió): R\$ 10.789 /m<sup>2</sup>
2. Meireles (Fortaleza): R\$ 10.116 /m<sup>2</sup>
3. Cabo Branco (João Pessoa): R\$ 9.784 /m<sup>2</sup>
4. Mucuripe (Fortaleza): R\$ 9.715 /m<sup>2</sup>
5. Ponta Verde (Maceió): R\$ 9.435 /m<sup>2</sup>
6. Jatiuca (Maceió): R\$ 9.405 /m<sup>2</sup>
7. Jacarecica (Maceió): R\$ 9.221 /m<sup>2</sup>
8. Barra (Salvador): R\$ 9.133 /m<sup>2</sup>
9. Engenheiro Luciano Cavalcante (Fortaleza): R\$ 9.080 /m<sup>2</sup>
10. Boa Viagem (Recife): R\$ 8.673 /m<sup>2</sup>

Fonte: Fipezap, 2024

Poderíamos citar como principais motivadores dessa alta valorização imobiliária alguns pontos, desde a localização desses bairros num território turistificado que segue em ascensão em primeiro plano. E em segundo, a tragédia urbana com os bairros em afundamento devido a exploração de Salgema pela empresa Braskem, com a necessidade da realocação dos antigos moradores da área atingida em outros pontos da cidade, aquecendo o mercado imobiliário, que respondeu à demanda com aumento dos valores dos imóveis na capital alagoana, como brevemente mencionado no capítulo anterior.

Além disso, o bairro possui no seu sistema de espaços livres a presença de praças, ruas, canteiros, além do calçadão da orla litorânea, que se destaca em relação ao restante da cidade, com destaque para o recorte espacial que é o objeto deste estudo, isto é, a Rua Fechada e entorno imediato.

#### **3.2.2 Análise Espacial**

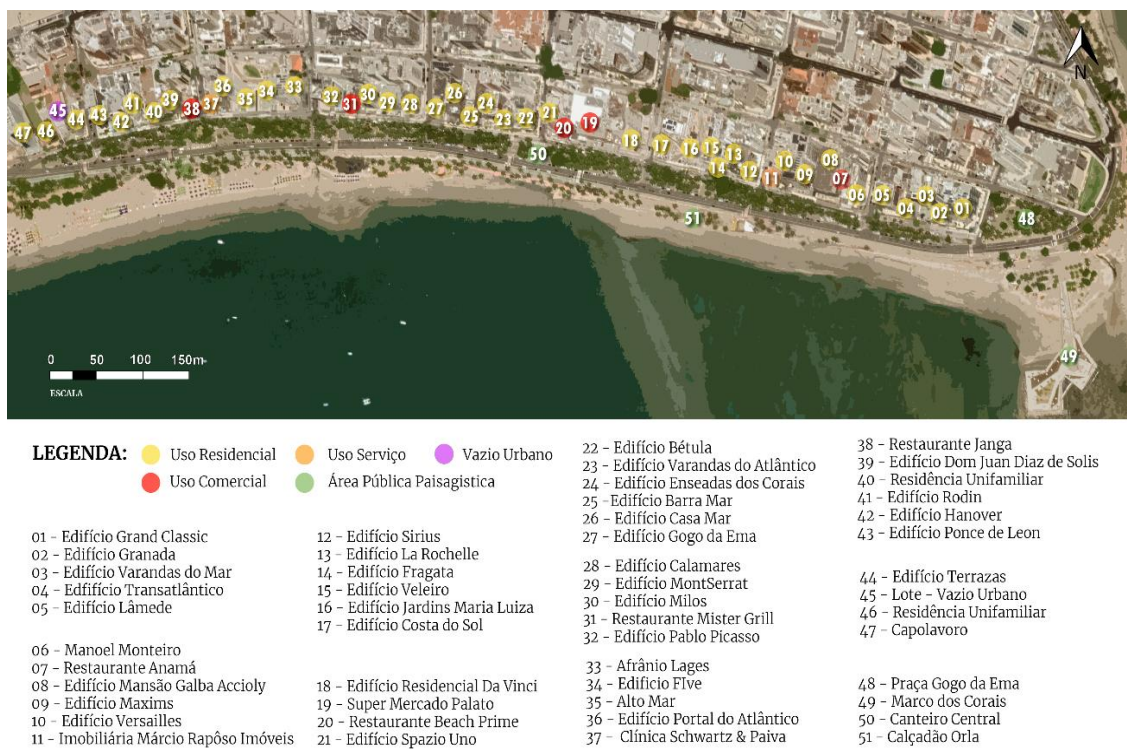
Para a análise espacial da Rua Fechada e o entorno imediato, será utilizada a categorização de Milton Santos (2014), que define como itens essenciais: estrutura, processo, função e forma. O autor ressalta a importância de observar em conjunto essas categorias para a discussão dos fenômenos espaciais em

totalidade. A partir disso, será apresentado item por item dessa definição buscando analisar a espacialidade da área de estudo.

### 3.2.2.1 Forma

O primeiro item a ser analisado será a **forma**, levando em consideração que essa compreende tudo aquilo que a nossa visão abarca, se relacionando de certo modo, com o conceito de paisagem, e não podendo ser considerada de forma isolada (Santos, 2014). Assim, observa-se a composição da Rua Fechada e do seu entorno imediato, de um lado o mar, com a sua faixa de areia, do outro lado, edifícios, em sua maioria de até 8 (oito) pavimentos e residenciais (figura 20), entre os dois, há a presença de calçadas, vias, canteiros centrais, faixa de coqueirais, além de equipamentos como barracas, playground, mobiliários e equipamentos urbanos (figura 21).

Figura 20 – Mapa com lista de edificações Rua Fechada



Fonte: elaboração própria, 2024

Figura 21 – Rua Fechada e edifícios do entorno, 2023



Fonte: elaboração própria, 2023

Já no entorno imediato, é possível observar o Marco dos Corais, com destaque para o seu traçado paisagístico contemporâneo, mas que apesar disso, respeita as ruínas do que outrora era o antigo clube Alagoinha, como citado anteriormente. O Marco dos Corais adentra o mar, sem inviabilizar a visão da paisagem natural (figura 22).

Figura 22 – População no Marco dos Corais, em Maceió/AL, 2023



Fonte: Lindemberg Medeiros de Araújo, 2023

Do ponto de vista do traçado da Rua Fechada, essa apresenta uma certa curvatura, que privilegia a apreciação da paisagem do seu entorno. Enquanto isso, o Marco dos Corais se posiciona no final dessa curvatura, para o início de uma curva mais fechada que segue o bairro da Ponta Verde. Assim, o Marco dos Corais possui um traçado mais geometrizado, que vai desde a sua estrutura até o traçado dos agenciamentos presentes.

Desse modo, essa paisagem que junta elementos físicos naturais, como o mar, os coqueirais, a areia, a visão aberta do céu, com elementos antrópicos, como os edifícios, barracas e mobiliários voltados ao lazer, realmente se configura como uma atratividade especial na cidade. Pois é inegável o potencial dessa área como atrativo turístico, devido a aprovação e desejo tanto dos maceioenses em frequentá-la, mas também de turistas. É considerada por muitos como uma das orlas mais bonitas do Brasil.

#### **3.2.2.2 Função**

Mas como Santos (2014) apresenta, a forma não pode ser analisada por si só, com isso há a necessidade de alinhá-la com a **função** que condiz com a atividade ou papel desempenhado pelos objetos distribuídos no espaço. Quais as funções que esse recorte espacial apresenta? Após a análise formal, é possível classificar diferentes funções que a Rua Fechada e o entorno imediato apresentam, que são: turística, mobilidade, comercialização e lazer (figura 23).

Figura 23 – Esquema com o mapeamento dos elementos que compõe a Rua Fechada e o entorno



Fonte: base Google Maps (2023), elaboração própria (2023)

*Mobilidade:* uma das principais funções do espaço livre, pois compreende a circulação, fundamental para as demais dinâmicas locais. Na Rua Fechada e no entorno imediato, é observada a presença de calçadas, canteiro central, vias para veículos, calçadão da orla, ciclovia e faixa verde, cada uma com a sua função no contexto da área de estudo (figura 24).

Figura 24 – Esquema mobilidade Rua Fechada



Fonte: elaboração própria, 2014. Base: STREETMIX

As calçadas ligam os edifícios verticais presentes na área com as vias, apresentam certa acessibilidade para a circulação dos pedestres, principalmente em comparação com as demais calçadas da cidade, por não apresentarem grandes desníveis e um bom estado de conservação. A presença de vegetação nas calçadas é incipiente, destacando a presença de postes de energia elétrica.

Logo em seguida, situa-se a via secundária, de mão única, da Avenida Silvio Carlos Viana; essa tem a função de circulação de automóveis, mas também para o estacionamento, com a presença de diversas placas que demarcam a passagem de pedestres na região, e as áreas onde são permitidos ou não estacionar. Esse trecho da avenida, não é fechado aos domingos, sendo muitas vezes utilizado como ponto de acesso. Na lateral, há um canteiro central que acompanha todo o perímetro da Rua Fechada, esse se configura também como elemento de circulação, ao permitir a movimentação dos pedestres, com o benefício de

proporcionar um percurso sombreado, pela presença de coqueiros no local, o que melhora a caminhabilidade na área.

Entre o canteiro e o calçadão da orla litorânea, localiza-se a principal via da Avenida Silvio Carlos Viana, apresentando 1 faixa de rolamento no sentido norte, e 2 para o sul, além de uma faixa para o estacionamento de veículos. Essa área é a que tem o tráfego de veículos vedado aos domingos, para que a população possa usufruí-la para o lazer. Há também uma faixa verde, que foi criada com o intuito de aumentar a área para circulação de pedestres, pessoas com carrinho de bebê, andando de patins, entre outros. E ao lado, o calçadão, utilizado para a circulação de pedestres; nesse calçadão se insere uma ciclovia, que permite a circulação de bicicletas na localidade.

Apesar desses elementos citados anteriormente estarem categorizados como elementos de “mobilidade”, não são unifuncionais, e apresentam também outros usos como será apresentado a seguir. Um fato interessante a ser observado é a ausência de pontos de ônibus no perímetro de estudo.

*Lazer:* esse recorte espacial se configura como principal espaço de lazer da cidade. Dessa forma, a área apresenta diversos atrativos e possibilidades de desenvolvimento de atividades. Aqui, iremos destacar que o fechamento da Avenida Silvio Carlos Viana aos domingos é fundamental para que essas dinâmicas ocorram. Assim, é caracterizado como loco essencial das práticas de lazer, permitindo diferentes apropriações. Como exemplo podemos citar as atividades recreativas, mas também de contemplação, pois é comum ver pessoas andando de patins, bicicletas, carrinhos, pessoas passeando com bebês, e cachorros, mas também sentadas em cadeiras, observando a movimentação da área e a própria paisagem. Além desses, há a presença de playgrounds, como citados anteriormente, e também de intervenções recreativas, seja do poder público ou privado em relação a campanhas ou com outros fins.

Constata-se que o canteiro também ganha a função de lazer, basta observar a população utilizando esse espaço para crianças brincarem, ou para os idosos confraternizarem, seja nos pontos de “churrasquinhos”, ou em cadeiras de praia, aproveitando o sombreamento que os coqueiros fazem na área. Ainda nesse canteiro, está localizado o principal ponto instagramável da região: a

cadeira de praia gigante, que ao ser inserida, mudou toda a dinâmica local, pois anteriormente a sua instalação, se tratava de um trecho de retorno da Avenida Silvio Carlos Viana. Apesar disso, a cadeira até os dias atuais se configura como um espaço atrativo para os turistas que visitam a cidade de Maceió, utilizando a cadeira para fazer fotos na área, como uma forma de divertimento.

Já o calçadão da orla, mesmo quando a avenida está aberta para o tráfego dos veículos, por exemplo, de segunda a sábado, a população a utiliza, principalmente os moradores do entorno, para a execução de exercícios físicos, devido à presença tanto do passeio que serve para caminhada, mas também da ciclovia.

Enquanto isso, a faixa de areia, compreende principalmente os banhistas, embaixo de guarda-sóis, sentados em cadeiras de praia, aproveitam, principalmente os dias de sol na cidade, de frente para o mar, com águas mornas de cor turquesa. Assim, esse trecho da orla atrai não só a população local, mas também turistas, pois, como visto anteriormente, a cidade se configura como destino de sol e mar. A faixa de areia é utilizada também para práticas esportivas, sendo comum a presença de jovens jogando a famosa “altinha” na área (figura 25).

Figura 25 – Jovens jogando “altinha” na faixa de área da orla da Ponta Verde



Fonte: elaboração própria, 2024

Mas é principalmente aos domingos, quando a rua é fecha aos carros, e se abre para as pessoas, que fica ainda mais evidente a importância da mesma para o lazer da cidade, já não são vistos apenas os moradores do entorno, nem tão só os turistas, mas pessoas de todas as partes interagindo com os objetos presentes no local. Uma diversidade de atores usufruindo desse espaço no seu momento de lazer, cada um com o seu interesse e motivação.

Entre esses objetos estão os demais pontos instagramáveis, que tanto a população, como principalmente os turistas utilizam para registrar o momento de lazer na cidade. Há também a presença de um playground infantil ecológico localizado entre o calçadão e a faixa de areia da orla.

Um destaque importante vai para o Marco dos Corais, um espaço que foi revitalizado e trouxe ainda mais vida para o recorte espacial da Rua Fechada e do entorno imediato. Assim, permitindo com que as pessoas possam visualizar o mar, sem muita interferência física, podendo interagir com o mobiliário presente e realizar as suas próprias atividades, por ser um espaço livre aberto, se configurando como uma praça que adentra o mar.

A seguir, serão listadas as atividades relacionadas ao lazer, observadas na Rua Fechada e no seu entorno imediato durante as visitas no local (Quadro 01):

Quadro 01 – Atividades relacionadas ao Lazer Mapeadas na Rua Fechada, 2023–2024

| <b>ATIVIDADES RELACIONADAS AO LAZER RUA FECHADA</b>                                 |                                                                                     |                                                                                      |                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  |  |
| Banho de Mar/Sol                                                                    | Contemplação Paisagem                                                               | Dançar/Ouvir Música                                                                  | Corrida/Caminhada                                                                     |
|  |  |  |  |
| Ciclismo                                                                            | Exercícios com bola                                                                 | Compra/Consumo produtos/Alimentos                                                    | Registros fotográficos                                                                |

|                                                                                   |                                                                                   |                                                                                    |                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  |  |
| Relações sociais                                                                  | Manifestações culturais                                                           | Brincadeiras                                                                       | Skate/Patins                                                                        |
|  |  |  |  |
| Passeio com animais                                                               | Passeio com carrinho de bebe/crianças                                             | Massagem                                                                           | Interagir com pontos instagramáveis                                                 |

Fonte: Elaboração própria (2024)

Dessa forma, é possível observar algumas das diversas possibilidades que a Rua Fechada apresenta para as práticas de lazer dos seus frequentadores. Isso a torna tão atrativa para pessoas de diferentes idades e grupos sociais a quererem frequentá-la, e se apropriar desse recorte espacial.

*Turística:* a beleza natural proporcionada pela paisagem do recorte espacial com a presença do mar, o sol, os coqueirais, são alguns dos aspectos que fazem com que a área tenha o uso pelo turismo. Mas alinhado a isso, outros elementos são adicionados com o objetivo de firmar o trecho central da orla litorânea como atrativo para o turismo. Entre eles, está a implementação de elementos como o próprio paisagismo, com a escolha de espécies de vegetais que são alocadas, a paginação do piso e o próprio mobiliário urbano.

Os pontos instagramáveis, como foi visto anteriormente, tem como principal função a cenografia, para que as pessoas tenham vontade e desejo de fotografarem na localidade. Nesse recorte de estudo são encontrados os seguintes pontos instagramáveis: o Totem Eu amo Maceió, a Cadeira de Praia Gigante, o Trono de Corais, balanços e lounge, Portal Azul para o mar e a própria Jangada Independência também pode ser lida como um deles. Esses pontos instagramáveis fazem parte de uma dinâmica maior, que busca intensificar o marketing urbano na região, como visto no capítulo anterior. Além disso, há

também a presença do Memorial Gogó da Ema, que até os dias de hoje faz parte da imagem veiculada da cidade de Maceió. Há também nesse trecho a estátua em homenagem ao escritor Graciliano Ramos e do Almirante Tamandaré, além do monumento Colibri e uma obra de arte do artesão Reinaldo Lessa, no Marco dos Corais, e a revitalização do Cavalo Marinho (figura 26).

Figura 26 – Linha do Tempo Pontos Instagramáveis, Estátuas e Monumentos Rua Fechada e entorno imediato



Fonte: elaboração própria (2024)

O próprio Marco dos Corais se configura dentro dessa categoria, pois além de complementar a paisagem da orla litorânea, também permite a partir dele, a visualização da paisagem do seu entorno. Em épocas comemorativas, como a Páscoa e o Natal, é comum que o espaço ganhe outros elementos decorativos, por exemplo, árvores de natal gigante, iluminação especial de natal, entre outros atrativos, que chamam a atenção de quem passa por lá.

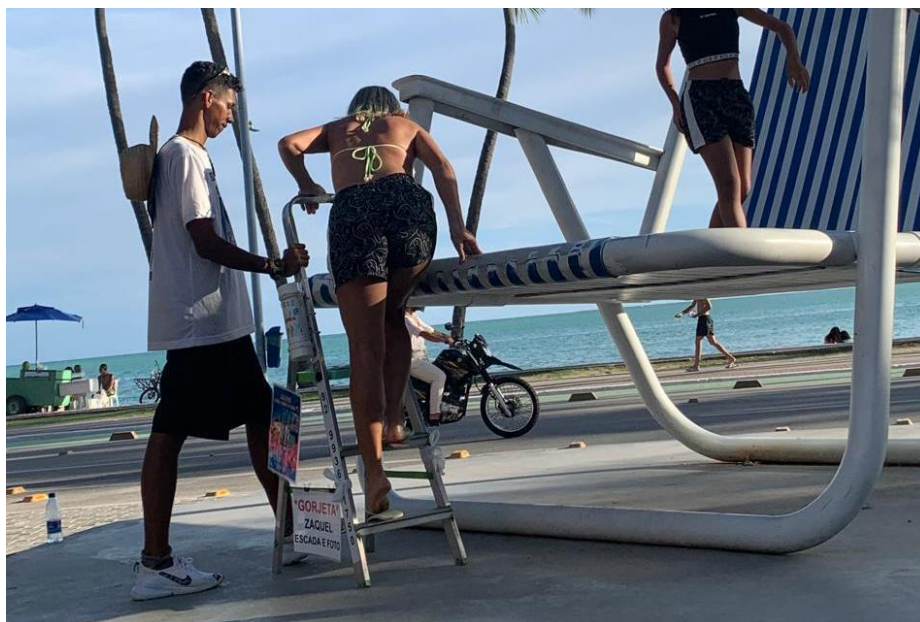
O destaque vai para a concentração desses itens na década atual, em relação aos anos anteriores. É importante ressaltar que o poder público tem um cuidado especial com essa área, juntamente com o mercado privado, pois ao manter essa área atrativa, visualmente, de certo modo, estará valorizando todo o seu entorno, o que faz com que haja a valorização do mercado imobiliário da região, mas também do comércio e do setor de turismo.

*Comercialização:* apesar de se configurar como um espaço livre público, observam-se atividades e especializações relacionadas ao comércio nesse recorte espacial. Do ponto de vista da comercialização formal, destaca-se a presença de barracas de bares, restaurantes e bancas de revista ou sorveterias na

extensão do calçadão da orla litorânea. Já do outro lado da Avenida Silvio Carlos Viana, há a presença de restaurantes e supermercado.

Enquanto isso, em todo o perímetro da Rua Fechada e do seu entorno imediato, há também a presença do comércio informal, configurado pela presença de diversos carrinhos de comerciantes itinerantes, esses muitas vezes comercializam alimentos como água de coco, milho, churros, ou brinquedos infantis. Há também a comercialização do acesso a playgrounds na extensão dessa orla, e do aluguel de bicicletas, patins e outros elementos. Destaca-se a criatividade nas formas encontradas de empreender na região, buscando aproveitar a movimentação e procura populacional na área para a geração de renda, um aspecto característico de países subdesenvolvidos (ver figura 27).

Figura 27 – Auxílio para subir na cadeira gigante em troca de “gorjeta” virou negócio.



Fonte: elaboração própria (2024)

Essas são as principais funções presentes na Rua Fechada e no seu entorno imediato, que foram mapeadas a partir das diversas visitas in loco. Com tantos atributos, é possível compreender a motivação da área ser tão atrativa para públicos diversos.

### 3.2.2.3 Estrutura

Já do ponto de vista da **estrutura**, é importante ressaltar, que estamos inseridos numa sociedade capitalista, em que a luta de classes existe e que os diferentes

conflitos sociais fazem parte. E que apesar do recorte espacial estar inserido numa cidade que apresenta contrastes socioeconômicos, e que o bairro em que está localizado é um dos que apresenta melhores condições de habitabilidade. Há a presença de atores sociais de diversos segmentos.

Desse modo, a população que vive no entorno do recorte de estudo possui alto poder aquisitivo, vivendo, majoritariamente, nos edifícios de médio e alto padrão. E que as formas de habitar essa área se relacionam diretamente ao padrão socioeconômico dessa população, onde há a presença de comércios e serviços voltados para estes. Além disso, por se tratar de uma área turistificada, a localidade também é voltada para esse público, tendo em vista a atenção e a presença de elementos para atendê-los como hotéis, pousadas e restaurantes.

Enquanto isso, a população moradora de outras áreas da cidade, busca na Rua Fechada e no seu entorno imediato, principalmente aos finais de semana um espaço para realizar as atividades de lazer. Ao observar que durante os dias úteis se torna algo muitas vezes inviável. Além dos jovens, que tanto pela ausência de espaços voltados ao lazer onde moram, mas também pelas atrações, buscam nesse local um espaço para socializar. E muitas vezes, utilizam como meio de transporte público o ônibus que não oferece as melhores condições para a baldeação, ao ser constatado a superlotação e a ausência de outras alternativas para o transporte.

Já para os comerciantes, veem que o espaço se torna loco de produção de capital, devido às atrações existentes, que acabam acarretando a movimentação de pessoas, que acabam consumindo os produtos e até mesmo serviços oferecidos por estes. Assim, enquanto os comerciantes formais fixos possuem abrigo para realizar as suas atividades, os informais itinerantes não possuem, e muito menos infraestrutura para se manter durante o dia de trabalho.

É dentro desse contexto que o poder público investe na manutenção da área, ao visualizar que essa se configura como um dos principais cartões postais da cidade. Essa postura acaba gerando uma intensificação de intervenções, em comparação a outros pontos da cidade. Dessa forma, se cria uma supervalorização dessa área, que traz benefícios tanto para o setor turístico, mas também para o setor imobiliário e para o comércio do entorno.

Com tantos atrativos, a Rua Fechada e o seu entorno imediato, acaba atraindo uma demanda expressiva de pessoas, principalmente aos domingos quando a rua realmente é fechada para os veículos e aberta para as pessoas. A alta demanda de pessoas num mesmo recorte espacial, com diferentes idades, localidades, classes sociais e cores, é quase inviável a presença de conflitos.

Esses conflitos que serão aprofundados a seguir, e são justificados a partir da visão de que os acessos são priorizados para aqueles que detém maior poder aquisitivo. E que os conflitos fazem parte do cotidiano da população, principalmente de cidades como Maceió, que apresentam altos índices de desigualdades sociais, que são refletidas nos espaços e na forma de se apropriar deles.

#### 3.2.2.4 Processos

Já do ponto de vista dos **processos**, podemos observar ao longo do tempo, dos anos iniciais aos dias de hoje, como se configurou esse trecho da cidade. Apesar da importância das águas litorâneas na atualidade, anteriormente não havia uma boa relação com as paisagens aquáticas e apesar das atividades portuárias terem sido essenciais para a conformação da cidade, foi só a partir de 1902 que iniciou esse processo de apreciação do mar (Casado, 2002).

Assim, a Praia da Ponta Verde, que margeia a Rua Fechada, era conhecida como “Praia das Acanhadas” justamente por ser um espaço pouco utilizado pelas pessoas para banho e permanência. Não havia residências no entorno, e se destacava a presença de coqueirais na localidade. As notícias dos primeiros banhos de mar são datadas em 1938 como se tornando hábitos da população, e um fato interessante é que naquela época a população já ia aos domingos às praias (Normande, 2000 apud Casado, 2022; Alagoas, 1938 apud Ticianeli, 2017, s/p).

As primeiras edificações da área eram casarões, e foi só na década de 1970 que surgiram os primeiros hotéis na região e edifícios verticais, com a decadência da praia da Avenida, as praias Ponta Verde, Pajuçara e Jatiúca ganharam destaque. Juntamente com a implantação do Iate Clube Alagoinhas (atual Marco dos Corais), que possuía diversos atrativos, e ocorriam festas e desfiles, além de abrigar na sua estrutura física piscinas, quadra e salão de festa (Casado, 2022;

Ticianeli, 2017). É nesse período que o turismo inicia o seu processo de desenvolvimento na cidade, de acordo com Rangel (2010) (figura 28).

Figura 28 – Trecho da Orla de Maceió nos anos de 1980 e 2011



Fonte: RITZ Lagoa da Anta, 2012

Nos anos 2000 já é possível observar o adensamento populacional nessa área central da orla litorânea, além da valorização fundiária, se configurando como morada principal de grupos sociais de alta e média renda na cidade. Além disso, se constata a revitalização das praias que margeiam esses bairros, em 2007, se consolidando como um verdadeiro parque linear na cidade, com a presença de passeios, ciclovias, quiosques de alimentos, quadras esportivas e áreas de eventos, como afirma Vasconcelos (2017). Assim, podemos considerar a década de 2010 como uma fase de consolidação dos bairros centrais da orla litorânea, incluindo assim o Bairro da Ponta Verde, onde está situada a chamada Rua Fechada.

O trecho da Orla da Ponta Verde, atualmente renomeado para Rua Aberta pela nova gestão da prefeitura da cidade, mas popularmente conhecido como “Rua Fechada” há aproximadamente duas décadas, têm o tráfego de veículos vedado para a população usufruírem da área. O que inicialmente começou devido ao costume da população do entorno de usar essa área nos seus momentos de lazer, acabou ao longo dos anos fazendo parte dos roteiros dos turistas que visitam a cidade, e também atraindo moradores de outros bairros da cidade, principalmente devido a carência de áreas de lazer com tais atributos.

Por se tratar de uma área com uma multiplicidade tanto de atrativos, como de usuários, é possível observar uma multiplicidade de territórios num mesmo recorte espacial: território dos moradores do entorno da Rua Fechada, território dos moradores de outros bairros da cidade, território dos turistas, território dos comerciantes ambulantes e o território dos comerciantes locais. O que torna o espaço passível a ocorrência de conflitos, devido aos diferentes interesses e territorialidades que são vistas na Rua Fechada.

É importante ressaltar que na cidade de Maceió, ocorreram outras iniciativas de “Rua Fechada”, como exemplo, podemos citar tanto a via lateral à praça Centenário, como a que ocorria na parte alta da cidade no conjunto Graciliano Ramos. Contudo, com o passar do tempo a atividade foi finalizada, e também não apresentava a quantidade de atrativos que a Rua Fechada da orla litorânea apresenta.

A partir disso, será apresentado um mapeamento das territorialidades na Rua Fechada, e a relação desses com o Direito à Cidade, considerando que a cidade de Maceió, apesar de ser um destino turístico a nível de destaque nacional, é também marcada por contrastes socioespaciais que também se especializam no lazer da população local, como visto nos capítulos anteriores.

## 4. TERRITÓRIOS EM CONFLITO: ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir da análise espacial da Rua Fechada e do entorno imediato, neste capítulo, serão apresentadas e discutidas as territorialidades presentes. Por meio das observações realizadas in loco, e entrevistas com os principais atores sociais que compõem esse território. Além disso, serão apresentados alguns conflitos mapeados para a discussão dos conflitos que ocorrem nessa área, com o objetivo de demonstrar como as relações se manifestam na atualidade.

### 4.1 A rua é realmente aberta?

Em busca de registros sobre possíveis conflitos sociais que ocorreram nessa área, em pesquisas realizadas em sites e portais, foi possível mapear diferentes tipos de conflitos. Entre eles estavam: 1. conflitos em relação a eventos e manifestações culturais que ocorriam na área ou no entorno da mesma, em que os moradores do entorno relataram o incômodo nas vivências dos seus lares; 2. conflitos em relação a mudanças que ocorriam no trânsito da área sem consulta prévia à população, pelo mesmo motivo do anterior; 3. conflitos entre os moradores de diferentes áreas da cidade; 4. conflitos entre comerciantes itinerantes e gestão local, entre outros.

Sobre os conflitos relacionados a eventos, podemos citar o saudoso “Maceió Fest”, evento que ocorria no carnaval fora de época, entre os anos de 1994 a 2006, em que trios elétricos arrastando multidões passavam na Orla da Ponta Verde e de Pajuçara. Mas que de acordo com o empresário responsável, o evento acabou “por causa da reclamação de meia dúzia de pessoas”, ainda de acordo com o mesmo, pesquisas na época apontavam que 75% da população aprovava a ocorrência do evento na localidade. Ou seja, um evento que fazia parte da rotina dos alagoanos, foi vedado, devido ao incômodo da população do entorno que, devido ao barulho e aos transtornos causados pelo evento, teve sua rota mudada de local (Cada Minuto, 2011).

Na localidade, ainda ocorrem as prévias carnavalescas. No início de 2023, foi bastante veiculado que moradores de um dos edifícios do recorte espacial jogaram água e garrafas nos foliões que passavam, que revidaram jogando

pedras no edifício (Jornal de Alagoas, 2023). O que demonstra o descontentamento da população local com os eventos que ocorrem próximos às suas residências.

Outro ponto recorrente nas buscas em sites e portais da internet sobre os conflitos da área, foram relacionadas à mobilidade no local. Esses conflitos surgem quando os órgãos públicos fazem modificações no trajeto usual da área, ou na disposição dos elementos de trânsito. Nos últimos anos, se destacam as denúncias ao Ministério Público do Estado em relação a Cadeira Gigante, em que a sua implantação ocasionou o fechamento de um dos retornos da Avenida Silvio Carlos Viana, o que fez com que a população moradora do entorno passasse a reportar ao Ministério Público, contra a implantação da mesma (Madeiro, 2022).

Porém, portais de notícias informam que a motivação para as denúncias advém justamente pela desaprovação dos moradores do entorno com o tumulto e o barulho provocado no espaço, devido à grande demanda de pessoas, que não são moradoras da localidade, presentes no local para contemplar a Cadeira Gigante (“Sem Curtir... 2022). O que aponta um confronto entre os diferentes atores do espaço, os que já dominam a localidade por estar inserida próxima à sua moradia, o que poderíamos chamar de insiders, de acordo com Souza (1995), versus os moradores de outras partes da cidade, ou até mesmo os turistas, que querem se apropriar do local, estes, outsiders.

Apesar dessa última reclamação ter sido levada ao Ministério Público do Estado, nada foi feito referente ao fechamento da rua e da locação da cadeira, mesmo com a Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT) tendo sido notificada. Porém o histórico de ações movidas pelos moradores dessa área, demonstram que essa tem voz e poder de mobilização para alcançar os seus objetivos, mesmo quando estes estão atrelados ao espaço livre público da cidade. O que demonstra que a população moradora do entorno da orla litorânea, conhece os seus direitos, e conhecimento também é poder, então quando denunciam ao Ministério Público suas insatisfações, de certo modo, contrasta com o que Kliass e Magnolis (2006) descrevem sobre a população carente que não busca os seus direitos justamente por não os reconhecerem.

Além disso, outra mudança incomodou parte da população, a criação de uma faixa verde, onde outrora se tratava de uma via exclusiva para veículos, com o intuito de ser utilizada pela população, numa tentativa de organizar os fluxos no calçadão da orla. Porém, a população do entorno, relata que a iniciativa fez com que o trânsito piorasse na região, inclusive um dos comerciantes da área, durante as entrevistas, relatou que já viu acidentes ocorrendo nela, que não é segura para os pedestres. Apesar disso, é possível observar que a implantação da faixa verde, se configura como uma tentativa de organizar os fluxos do calçadão da orla, porém pode trazer problemas ao fluxo dos veículos, como mencionado pelos moradores da área.

Outro ponto de destaque entre os conflitos no recorte espacial, são os conflitos formados contra os moradores de outras áreas da cidade, como brevemente abordado no capítulo anterior, em que, a população moradora de áreas periféricas na cidade, ao buscarem por um espaço para práticas de lazer, sofrem preconceitos, e são abordados de forma que possam ocasionar constrangimentos. Muitos desses conflitos são gerados, devido a associação que é feita frequentemente entre a presença de jovens e o uso de drogas e insegurança no local, mesmo que haja a presença constante da polícia na área.

Em um estudo anterior sobre a Rua Fechada, antes mesmo da inauguração do Marco dos Corais, Gomes (2019) observou que é utilizado um discurso de insegurança e medo justamente com a intenção de produzir exclusão e segregação, mesmo se tratando de um espaço urbano, e que se perpetuam por outras esferas da cidade. É evidente que após a grande repercussão midiática da mega revista que ocorreu em 2016 nesse recorte espacial, as abordagens acabaram ocorrendo de forma mais velada, mas continuam ocorrendo. E o mais interessante acima de tudo é observar que apesar das barreiras criadas a Rua Fechada, em conjunto com o Marco dos Corais, os jovens de diferentes bairros da cidade continuam frequentando.

Em novembro de 2020, o Instituto do Negro de Alagoas (INEG) mostrou descontentamento em relação as reações negativas, sobre os “luaus” que estavam ocorrendo no recorte espacial. De acordo com o Instituto, um espaço que sempre foi utilizado por pessoas que fazem parte da elite, e também, da

periferia, mas os últimos estavam sendo alvos de críticas, devido as aglomerações nesse espaço público, enquanto outros tipos de aglomerações acontecem em outras partes da cidade (Gazeta Web, 2020). A representante do INEG explicou que:

Essa abordagem foi travestida de uma ação para evitar aglomerações por conta da pandemia, porém, o curioso é que outras formas de aglomeração não têm causado esse tipo de ação tão enérgica por parte da polícia e instituições. Pode aglomerar nos ônibus, bares, nas casas de show e, atualmente, nas campanhas eleitorais (Gazeta Web, 2020)

A representante do INEG, destaca que o incômodo gerado não é em relação a aglomeração, mas sim, o fato dos jovens da periferia acessarem um espaço “nobre” da cidade. E complementa defendendo a necessidade da ocupação dos espaços públicos por todos, independentemente de classe social ou cor da pele

No domingo 21 de julho de 2024, houve mais um luau organizado por jovens de outros bairros da cidade, sem pandemia, desta vez o evento reuniu uma multidão próximo ao Marco dos Corais. Com a divulgação de vídeos nas redes sociais, foi possível observar diversos comentários negativos sobre a ocupação de jovens nessa área. Em post feito por Maceió Ordinário (2024) com o título de: “Multidão faz encontro no Marco dos Corais e chama atenção”, são vistos diversos comentários da população maceioense contra esse tipo de ocupação, enquanto outros defendem que o espaço público deve ser de todos.

Alguns dos comentários citavam que “Ir à praia aos finais de semana ficou insuportável” “Que absurdo, é essa galera que acaba com Maceió”, “Maloqueiragem estraga tudo”, do outro lado, outros defendiam a ocupação dos jovens no local “Quando a periferia se aproxima não chama atenção. Usaram o pleonismo! Na verdade assusta, né? Só olhar os comentários e vcs terão a noção básica quando o ‘terreno’ da Elite é ‘invadido’”. O que deixa evidente as contradições em relação à opinião pública sobre o uso desse espaço por moradores de áreas periféricas.

Porém, os conflitos não são apenas entre a população de diferentes bairros da cidade, a própria prefeitura e governo do estado, disputam poder na área, quando observados os conflitos para ocupar determinados espaços, como o Marco dos Corais, que teve a obra de revitalização realizada pelo Governo

Estadual, e que proibiu que a prefeitura colocasse a árvore gigante de natal, por exemplo, nas festividades de final de ano.

O que permite que seja levantado o questionamento de que apesar da Rua Fechada ser aberta para o público, os conflitos que ocorrem nela nos fazem rever se realmente ela é aberta para todos, ou apenas para uma parte da população. E tudo aquilo que se difere da população local, moradora do entorno, é, de certo modo, repreendido.

Assim, é no embate entre os diferentes atores que a Rua Fechada, repleta de atratividades, acaba se tornando também um local de conflitos, tendo em vista a realidade social da cidade de Maceió, como foi abordado nos capítulos anteriores. Desse modo, este capítulo apresentará as territorialidades na Rua Fechada, pelos diferentes atores, em busca de compreender as dinâmicas territoriais que se manifestam nesse recorte espacial.

## **4.2 Territorialidades na Rua Fechada**

Um fato em destaque ao analisar a rua fechada a partir das observações in loco, é que a mesma possui como principal característica o movimento. Seja do ponto de vista, da própria mudança de usos, quando os carros param, e as pessoas podem permanecer no local, transitando livremente. Ou até mesmo do fato de se tratar de um elemento essencialmente de mobilidade, uma rua.

Assim, apesar dos atores sociais presentes estarem muitas vezes em movimento, é possível observar a existência de certas “bolhas”. O que poderíamos chamar de diferentes apropriações de territórios distintos no mesmo recorte espacial. Por exemplo, nos espaços instagramáveis há uma probabilidade maior da presença de turistas, fato reforçado durante as entrevistas realizadas. Pois, por serem elementos atrativos para esse público alvo, acaba gerando a atração dos mesmos até esses pontos.

Enquanto isso, os moradores do entorno da Rua Fechada, se apropriam e se espacializam principalmente nas calçadas dos prédios e nos canteiros centrais, aproveitando o sombreamento proporcionado pelos coqueiros, além do mobiliário urbano existente e da proximidade das suas residências. Seja para passear com os cachorros, ou levar as crianças para brincarem na área, ou

simplesmente levar cadeiras de praia até o local para observar a paisagem e as pessoas.

Já moradores de outras áreas da cidade, principalmente grupos de jovens, moradores de bairros periféricos, costumam estar presentes em sua maioria no Marco dos Corais e proximidades, o local oferece mobiliário urbano, como bancos, que permitem a permanência dos mesmos no local. Outro ponto também em que há uma aglomeração maior de jovens, é entre as barracas Lopana e Kanoa, que já foi pejorativamente chamado de “Faixa de Gaza” justamente pela presença de jovens de bairros periféricos na localidade, de acordo com Soares (2016) que complementa comentando que:

Por ali, o conflito é social. Só bem nascidos e amigos do poder frequentam a área. O Estado ajuda na “limpeza” com abordagens seletivas, em que “suspeitos” são sempre os mesmos, na maioria negros e pobres, mesmo que sejam responsáveis apenas por agredir a paisagem que a elite de Alagoas idealiza para aquela orla (Soares, 2016).

O que acaba reforçando mais uma vez os conflitos entre classes sociais distintas nesse recorte espacial. Apesar dessas ações, os jovens não se intimidam, e como visto anteriormente, continuam ocupando, e se apropriando desse espaço livre público da cidade, com ênfase no Marco dos Corais.

Em relação ao comércio itinerante informal, é observado que estes estão presentes em diversos pontos da Rua Fechada. No antigo estacionamento do Marco dos Corais, no próprio calçadão da orla, e também na praça Gogó da Ema. Alguns deles, por exemplo, com carrinhos de sorvete, de fácil locomoção, costumam transitar por toda rua. Dentro do Marco dos Corais, é proibida a comercialização de produtos pela gestão pública do local, com o objetivo de manter a “ordem”. Enquanto isso, na pista de rolamento é possível ver uma mistura de usos, principalmente por ser o espaço utilizado majoritariamente para os ciclistas, carrinhos com crianças e até mesmo jovens jogando bola.

Por meio dessas observações foi possível realizar um mapa, que demonstra a multiplicidade de territórios presentes na Rua Fechada e entorno imediato, a partir das territorialidades desses diferentes atores sociais. Apesar do caráter estático do mapa, é importante ressaltar que é uma representação de um recorte também temporal, mas que se encontra sempre em movimento, como falado no começo desse item (figura 29).

Figura 29 – Mapa das Territorialidades, múltiplos territórios na Rua Fechada



Fonte: elaboração própria, base Google Earth (2024)

Um fato importante a ser observado é que essa dinâmica só é dada, a partir do momento em que a Rua é fechada para os veículos e abertas para as pessoas. Foram realizadas visitas durante os dias da semana, em diferentes horários, e as dinâmicas eram totalmente diferentes, se assemelhando a outros pontos da orla litorânea dos bairros turistificados centrais. Já durante os momentos em que a Rua Fechada se fechava para os carros, a sensação era de festividade na área, devido a quantidade elevada de pessoas presentes. E durante os dias da semana, apenas nos finais de tarde e noite, que havia uma presença maior de pessoas, principalmente praticando esportes.

Diversas visitas foram realizadas no recorte espacial durante a elaboração dessa pesquisa, com isso, alguns conflitos e tensões foram observados entre os diferentes atores sociais. Como exemplo, alguns comentários pejorativos, que tratam de maneira negativa o uso da Rua Fechada por pessoas que diferem do que é visto comumente na área.

“Antes tinha assim uns maloqueiros que sabiam conviver com a pessoa, agora tá assim, uma badernagem da p\*\*\*\*\*!” comentário realizado por homem que passava pela Rua Fechada no domingo, 21 de julho de 2024. Comentário discriminatório, em relação ao uso desse espaço por jovens de bairros periféricos. Em contraponto, quase como uma espécie de resposta, de certo modo, foi possível observar o surgimento de pichações no local, que de certo modo, revela essas tensões que ocorrem neste território (figura 30).

Figura 30 – Reportagem Fique Alerta pichação no Marco dos Corais



Fonte: Fique Alerta (2024)

Um trecho, que se assemelha a uma música do Racionais MC's, rasga a mureta do Marco dos Corais, ao falar que: Da ponte pra cá é bem diferente. A música relata o extremo abismo entre as diferentes realidades sociais, dos moradores do centro, privilegiados, versus os moradores da periferia, marginalizados pela própria ponte que os liga, mas também os separa. Desse modo, a música que relata as desigualdades sociais e segregação urbana, risca os muros de um dos principais pontos turísticos da cidade.

Mas no rolê com nós, cê não vai  
Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar  
Entendeu, se a vida é assim, tem culpa eu?  
Se é o crime ou o creme, se não deves, não teme  
As perversa se ouriça e os inimigo treme  
E a neblina cobre a estrada de Itapecerica  
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica

Não adianta querer, tem que ser, tem que pá  
O mundo é diferente da ponte pra cá  
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar  
O mundo é diferente da ponte pra cá

[...] (Mano Brown, 2002).

Acompanhado de siglas que não se sabe ao certo o significado, outro trecho conhecido se destaca, dessa vez, da música Burguesia de Cazuza (1990) “A burguesia fede”. Música que demonstra uma aversão à classe dominante, relatando a opinião do autor, que apesar de se reconhecer como parte desta, não deixa de lado as críticas.

Além desses, um outro trecho da Rua Fechada também apresentava pichações que aparentavam ser dos mesmos autores, devido a forma de grafia e cores utilizadas. Dessa vez, a pichação estava presente nos bancos localizados no canteiro central, não mais músicas foram encontradas, e sim ofensas como: bando de playboys, filhas da p\*\*\*! (figura 31).

Figura 31 – Pichações na Rua Fechada



Fonte: elaboração própria (2024)

As vozes dos muros de certo modo, parecem expressar insatisfação, um protesto, mas não se sabe ao certo a motivação dos autores, pois não foi possível identificá-los. Apesar disso, numa reportagem da TV Pajuçara (2024), foi noticiado que o possível pichador do Marco dos Corais, postou nas redes sociais que havia cometido o delito, mas logo em seguida deletou a postagem. Observa-se que a estrutura do Marco dos Corais, parte inferior, se apresenta repleta de pichações, e que esse tipo de ato é crime, pois se enquadra como depredação de patrimônio público.

Ainda sobre a depredação de patrimônio público, vale ressaltar que dentro do Marco dos Corais, havia uma faixa de grama, que era comumente utilizada pelos frequentadores, tanto como local de descanso, mas também para piqueniques entre outras atividades. Logo, foi inserida uma escultura do artista alagoano Reinaldo Lessa, o que fez com que a dinâmica da área fosse mudada, e agora, ao invés de abrigar pessoas, o espaço apresenta placas que limitam o acesso, para que não haja a depredação da escultura no local (figura 32).

Figura 32 – Antes e depois da implantação de Escultura no Marco dos Corais



Fonte: Elaboração própria (2024)

Além dessas manifestações, outras tensões foram observadas no recorte de estudo, por exemplo, a revista de jovens pela Polícia Militar, não se sabe ao certo a motivação, mas foi observado que os policiais estavam em busca da ficha dos mesmos, enquanto estes, constrangidos, erguiam as mãos para o alto. Outro fato semelhante ocorreu, enquanto as entrevistas desta pesquisa ocorriam, jovens correm para as ruas transversais, próximo a cadeira gigante, enquanto são perseguidos por viaturas da polícia, o que gera assombro nos turistas que estavam na área. Os mesmos, observaram que ocorria um “baculejo” na localidade.

É possível observar que a Ronda do Bairro é presente de forma intensiva na área. E apesar da remoção da Base da OPLIT ao lado do Marco dos Corais, o policiamento continua de forma constante, de modo que não é visto em outras partes da cidade. O que por um lado demonstra o cuidado redobrado que esse espaço recebe, justamente por ser um local turístico, mas também, demonstra que a área é um foco de tensões constantes, entre os atores que fazem parte desse território.

#### **4.3 Entre vistas: a rua fechada e os atores sociais**

Em busca da compreensão de como se dão as relações, conflitos, tensões e territorialidades nesse recorte espacial, que como visto anteriormente apresenta uma multiplicidade de territórios, foram realizadas entrevistas com

cada um dos grupos de atores sociais, tendo como principal objetivo compreender a visão de cada ator social, em relação à área, como ele se apropria e como cada um se sente no local.

É importante destacar que as entrevistas realizadas no recorte de estudo para obtenção de dados, serão analisadas apenas de forma qualitativa, tendo em vista a pluralidade das pessoas entrevistadas, em que cada participante condiz com a sua própria realidade e disponibilidade no momento das perguntas, e não representa uma totalidade.

Como visto na metodologia, para cada segmento, foi realizado um tipo específico de roteiro de perguntas, para que cada um, dentro da sua visão de mundo, pudesse colaborar com a pesquisa (apêndice A). A partir disso, esse item será exibido dividido entre os diferentes grupos dos atores sociais para que se possa ser realizada a análise e a discussão dos dados obtidos nas entrevistas realizadas (figura 33).

Figura 33 – Grupo de atores sociais da Rua Fechada e entorno imediato



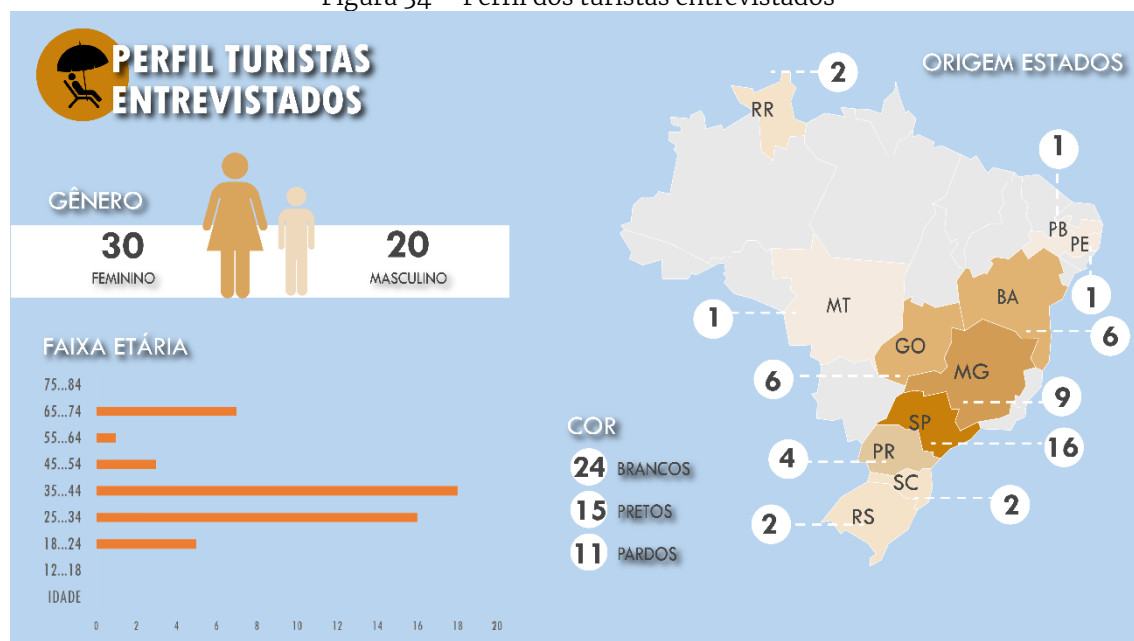
Fonte: elaboração própria (2024)

#### 4.3.1 Turistas

Em relação aos turistas entrevistados, é importante ressaltar que a maior parte deles foi abordado nas filas dos pontos instagramáveis, o que demonstra a adesão desse público ao que foi inserido na cidade. Entre os 50 entrevistados, em

sua maioria, casais, ou grupos em família. Contabilizando no geral 30 mulheres e 20 homens, em relação à cor, 24 deles eram brancos, 15 pretos e 11 pardos. Sobre o local de origem houve uma grande diversidade de estados, como pode ser visto no esquema a seguir, sendo a presença de paulistas predominante. A faixa etária dos entrevistados foi bem variável, mas com predominância entre 25 a 44 anos de idade (figura 34).

Figura 34 – Perfil dos turistas entrevistados



Fonte: elaboração própria (2024)

A partir dessa contextualização do perfil dos entrevistados, serão apresentados os dados colhidos nas entrevistas. Inicialmente, os turistas foram questionados sobre se esse espaço de lazer supriu as expectativas dos mesmos, 48 dos 50 turistas responderam que sim, apenas 2 não souberam responder por terem acabado de chegar na cidade. Além disso, alguns deles elogiaram a área “gostei, espaço bem cuidado, não tem bagunça”, enquanto outros responderam que “achei lindo, um espaço bem familiar, para todas as idades”. O que torna evidente a aprovação dos turistas numa área que tem esse cuidado para recebê-los.

Já quando questionados sobre as motivações que os trouxeram a visitar a cidade de Maceió, os mesmos responderam oito motivações diferentes. A maioria, contabilizando 20 pessoas, informaram que os anúncios na mídia tiveram grande influência para motivar a visita deles, o que ressalta o efeito do super

marketing que vem sendo veiculado nos últimos anos para o crescimento do turismo na cidade. Além disso, oito informaram que as belezas naturais foram os motivadores, enquanto outros oito receberam indicações para conhecer a cidade, e outros oito estiveram na cidade para visitar amigos e familiares. Por fim, dois dos entrevistados já moraram em Maceió, outros dois passaram por acaso e dois simplesmente por vontade própria.

Sobre o enfrentamento de problemas no recorte espacial, 49 dos entrevistados responderam que não, e apenas um relatou que sim, que estava a caminho da Rua Fechada e presenciou a polícia fazendo um “baculejo” e que isso a deixou assustada. Esse último fato, pode acarretar uma imagem negativa da cidade para os turistas, causando a sensação de insegurança e medo, destruindo a experiência do turista no local a partir da quebra da expectativa, como é apresentado por Urry (1996).

A partir disso, os turistas foram questionados sobre se sentiram seguros na Rua Fechada, e as respostas foram diversas. Apesar da grande maioria ter relatado que sim, cerca de 40 dos entrevistados, quatro afirmaram que não, por motivos diversos, desde a cena do “baculejo” até mesmo pela presença de muita gente no local, de acordo com eles. Outros quatro, sentiram-se seguros na Rua Fechada, mas dois deles não na Pajuçara, e outros dois não no Marco dos Corais. E por fim, dois não tiveram tempo de analisar. Apesar de relatos de sensação de insegurança na localidade, apenas um dos entrevistados presenciou uma cena de violência.

Já em relação à opinião dos turistas sobre as instalações presentes, todos responderam de forma positiva com entusiasmo que gostaram, ou acharam lindo, legal e satisfatório. Alguns dos comentários citou que “a cidade é preparada para o turismo” e “bom para tirar fotos!”, ressaltando as instalações instagráveis na área. Outros comentaram sobre a iluminação especial de natal, que deveria ser utilizada durante o ano todo. Sobraram elogios até para a população local “gostando da cidade, pessoas solícitas”. Houve também um comentário mais crítico, sobre ter gostado das instalações, mas que “o foco devia ser onde precisa de assistência maior, como os bairros afetados pela

Braskem”, o que demonstra a repercussão do ocorrido na cidade, e dos problemas que parte da população ainda vem enfrentado.

E por fim, foram questionados de quais sugestões deixariam para a gestão da Rua Fechada e do entorno imediato. Entre as respostas, pedidos de mais banheiros e duchas na orla, pois isso foi um problema para os turistas durante a permanência nesse trecho que apresenta apenas uma locação de banheiros. Em que os mesmos, precisavam andar muito para chegar até eles, o que demonstra uma certa falta de infraestrutura para a permanência das pessoas.

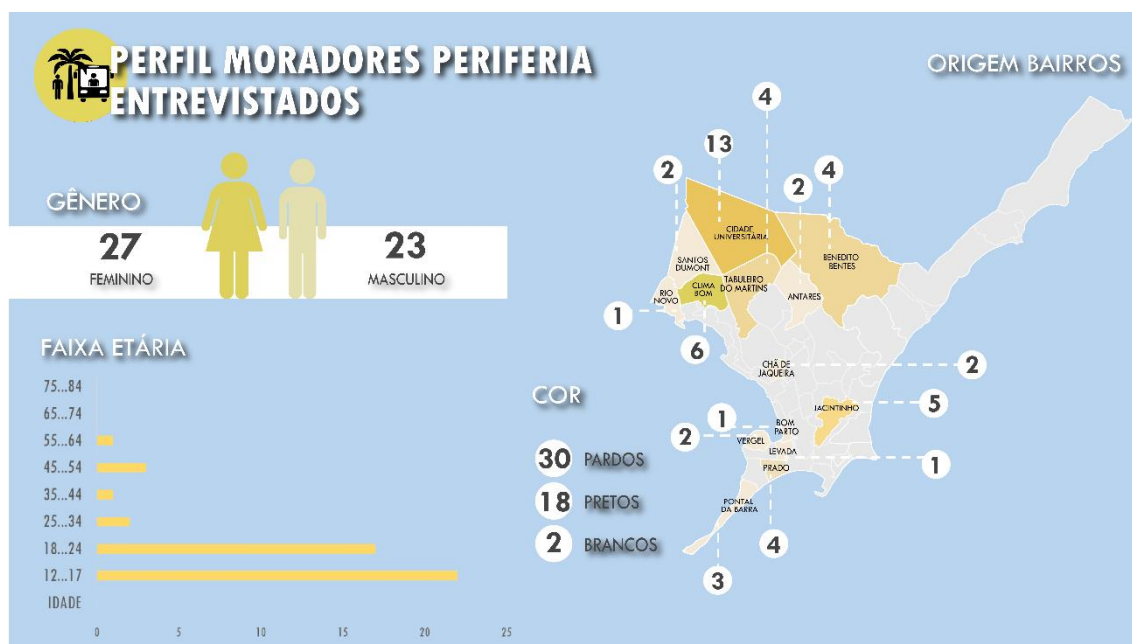
Alguns dos entrevistados relataram que a maioria dos anúncios falava que a Pajuçara era o melhor lugar para ficar, mas que não se sentiram seguros e gostaram mais da Ponta Verde. Enquanto outros, afirmaram que a gestão precisa melhorar não só esse trecho, mas a orla como um todo. Outros afirmam que precisa de mais manutenção e mais guardas no Marco dos Corais. E por fim, que deveriam fechar a rua mais dias, não só aos domingos.

Com isso, foi observado que apesar da aprovação dos entrevistados em relação a experiência deles no recorte espacial, com destaque para as instalações presentes, ainda assim, foram presenciadas críticas, em sua maioria relacionadas à estrutura do local, que precisa de melhorias para melhorar a experiência deles. Além disso, constatou-se o incômodo de alguns deles em relação ao Marco dos Corais, mesmo sendo um número pequeno entre os entrevistados.

#### **4.3.2 Moradores de bairros periféricos**

Outro grupo de entrevistados foram os moradores de bairros periféricos que frequentam a Rua Fechada e o entorno imediato. A maior parte deles estava presente no Marco dos Corais, com um total de 50 entrevistados em que 27 eram do gênero feminino e 23 do masculino. Com 30 pardos, dois brancos e 18 pretos. Em relação às idades, mais que a metade dos entrevistados possuía entre 12 e 24 anos, mostrando a predominância de adolescentes e jovens adultos. Sobre os bairros em que moram, uma parcela considerável era do bairro Cidade Universitária, como pode ser constatado na imagem a seguir (figura 35)

Figura 35 – Perfil dos moradores de bairros periféricos entrevistados



Fonte: elaboração própria (2024)

Em relação aos bairros, em que a população que não mora na orla litorânea, mas busca a mesma para as práticas de lazer, é possível observar a predominância da parte norte da cidade, que se encontra distante da sua área central, se configurando como uma zona periférica. Além disso, outros bairros, mesmo estando mais próximos do centro, acabam se configurando como periferia justamente pela ausência de infraestrutura e a baixa renda dos moradores.

A partir da caracterização dos entrevistados, as entrevistas foram iniciadas. A primeira pergunta foi relacionada ao meio de transporte utilizado por eles para acessarem a Rua Fechada. A maioria, afirmou utilizar ônibus como meio de locomoção, cerca de 38 dos 50 entrevistados. Apesar da grande adesão, as reclamações foram constantes em relação a demora para a passagem deles em relação aos dias de semana, além de estarem muito cheios. Enquanto isso, uma minoria, apenas cinco entrevistados, afirmam que é tranquilo utilizar esse tipo de transporte aos domingos, e outros cinco não opinaram sobre as condições desse meio de transporte. É possível observar que apesar da passagem de ônibus ser gratuita aos domingos, há uma redução na frota, o que acarreta essa demora maior, além da lotação destes.

Entre os relatos estavam as seguintes reclamações: “dia de domingo é o pior dia, os ônibus ficam mais cheios e demora muito pra passar”, “ônibus, demora

muito, calor, roubo, lotado, pra voltar é ainda mais complicado”. Apesar dos problemas nos finais de semana, não significa que nos dias úteis a realidade seja diferente. Maceió e o problema com a distribuição de ônibus na cidade é uma problemática antiga, que perdura há décadas. Os demais entrevistados, cerca de 10 afirmaram que utilizam carros de aplicativos, quatro deles usa carro próprio e apenas dois entrevistados utilizam moto para chegar até à rua fechada.

Já as motivações para visitar a área foram bem diversas. Em primeiro lugar foram listados a paisagem, seguidos do pôr do sol, que se encaixa também nessa categoria, já em seguida paquerar, tendo em vista que muitos desses entrevistados eram jovens, até mesmo menores de idade. Em seguida, foram relatados a calma e a “vibe” do lugar, que vão para passear e se distrair, levar os filhos, pela paz, lazer, e até mesmo pela experiência no lugar, ou apenas pela praia e sair de casa e da rotina. O que demonstra as diferentes motivações, mas que todas são relacionadas ao lazer.

Dos entrevistados, faz parte da rotina de 30 deles frequentar a Rua Fechada, principalmente aos finais de semana, com ênfase aos domingos, no turno da tarde. Apenas oito, afirmaram que frequentam às vezes, sete deles não fazem parte da rotina, e quatro frequentam qualquer dia da semana. Essa constatação consegue demonstrar, mesmo com um pequeno recorte, o domingo como parte do tempo livre da população essencial para que eles possam usufruir desse espaço. Outros elementos, como a própria Rua Fechada, torna a área ainda mais atrativa, em conjunto com a possibilidade de transporte gratuito aos domingos, mesmo com os problemas mencionados acima.

Em busca de compreender a espacialização da população moradora de outros bairros na Rua Fechada e proximidades, foi possível constatar que a maioria prefere ficar no Marco dos Corais, como já havia sido constatado nas observações na área. Seja apenas no Marco dos Corais, seguido do Kanoa e Marco dos Corais, ou da Jatiúca ao Marco dos Corais. E por fim, alguns citam que usam toda a área, ou que preferem se situar apenas na Rua Fechada, enquanto outros, num número bem menor, utilizam a Praça Gogó da Ema, ou depende muito do dia o espaço escolhido para ficar.

Quando questionados sobre se sentem seguros na localidade, a maioria das respostas foi positiva, 36 dos entrevistados. Em que alguns afirmaram que se sentiam seguros por ter policiamento na área, outros afirmavam que em grupo se sentiam tranquilos. Já oito dos entrevistados afirmaram que não se sentem seguros, um deles afirma que “muita gente bebendo e fumando” e seis dos entrevistados revelam que se sentiram mais ou menos seguros.

De certo modo, o resultado da questão mostra uma certa aprovação sobre a sensação de segurança no lugar, em que a maioria afirma que se sente tranquilo. Por outro lado, uma minoria não se sente segura, o que é importante ter também em destaque, pois trata-se da experiência individual de cada um sobre o território.

A partir disso, os entrevistados foram questionados se já se sentiram desconfortáveis ou enfrentaram algum problema ao utilizar a Rua Fechada e o entorno imediato. Vinte e oito dos entrevistados mencionam que já se sentiram desconfortáveis ou enfrentaram algum problema, 22 relataram que não, e apenas dois relataram que “mais ou menos”. Entre os problemas, foram apresentados diversos, desde brigas com outras pessoas, casos de assédio relatado principalmente pelas jovens, além de cenas inapropriadas ocorrendo na localidade. Outro fator de desconforto para os entrevistados foi referente ao uso de droga no local, e que deveria haver mais segurança na área, além da presença do que chamaram de “grupos estranhos”. Um comentário que chamou atenção foi em relação a relatarem “olhares estranhos” para com os entrevistados. Além disso, também mencionaram problemas em relação ao trânsito.

Já em relação aos entrevistados já terem presenciado alguma cena de violência na Rua Fechada, as respostas ficaram bem divididas. Vinte e quatro dos entrevistados afirmaram que sim, enquanto 26 deles afirmaram que não. Alguns dos que afirmaram que sim não explicaram o que foi visto, mas alguns deles falaram sobre brigas na área, “brigas até de quem tava comigo” disse um dos entrevistados; outros citaram que “hoje mesmo vimos uma briga com faca”. Outros afirmam terem visto assalto com abordagem policial com os envolvidos, além de grupo em conflito devido ao fato de torcerem para times diferentes.

Esse levantamento das três últimas perguntas, permite o levantamento de um cenário, apesar do recorte da pesquisa, de que há sim conflitos na área, até mesmo entre os jovens, que não se sentem seguros em sua maioria, e muitas vezes ocasionado por tensões entre diferentes grupos. E que apesar de relatarem desconfortos na área, ainda assim continuam a frequentando, pois as atratividades falam mais alto do que os conflitos, devido à escassez de opções de lazer nos bairros em que residem. Outro fato é que apesar de terem relatado se sentirem seguros no território em questão, já presenciaram cenas de violência ou se sentiram desconfortáveis no local.

E, por fim, os entrevistados foram questionados sobre o que acharam das instalações presentes. Todos responderam que gostaram, alguns relataram que poderia ter mais pontos de sombra para a permanência ou mais limpeza, mas no geral, as respostas foram positivas. Inclusive um dos entrevistados disse que “achei legal, mas tem coisas mais importantes, acredito que esse espaço é só para o turista”. De certa forma, apesar de ter gostado, mostra um pouco de insatisfação com a atenção do local que parece estar mais voltada para os turistas, em detrimento da população moradora da cidade.

Com isso, é possível observar apreço de indivíduos que residem em outros bairros de Maceió para com esse trecho da orla litorânea, sendo este loco da realização de atividades de lazer de muitos, por diversas motivações, desde a ausência de espaços tão atrativos nos bairros em que moram, até mesmo pela própria paisagem do local, que é muito atrativa, tanto para turistas quanto para residentes. Como moradores da cidade, independente do bairro em que residem, possuem o direito de usufruir desse território tão atrativo, dessa forma, o territorializando também.

O que pode ser visto de forma negativa por terceiros, justamente pelas formas de agirem e se portarem, parece não condizer com a visão dos moradores do recorte espacial, por estarem posicionados em lados opostos em relação às dinâmicas econômicas e sociais que regem a cidade, mas que mesmo assim, possuem legitimidade em usufruírem dessa parte de Maceió, se apropriando do território como opção de lazer, em uma cidade repleta de desigualdades socioespaciais.

### 4.3.3 Moradores do entorno Rua Fechada

Em relação aos moradores do entorno da Rua Fechada que foram entrevistados, a maior parte estava presente no canteiro central. Entre os 50 entrevistados, 35 eram do gênero feminino e os outros 15 eram do gênero masculino. Trinta e um deles eram brancos, 14 pardos e cinco pretos. Sobre a faixa etária, ela foi bem diversificada, como pode ser visto na imagem a seguir (figura 36).

Figura 36 – Perfil dos moradores do entorno da Rua Fechada entrevistados



Fonte: elaboração própria (2024)

A entrevista foi iniciada perguntando a respeito da opinião deles sobre o fechamento da avenida litorânea da Ponta Verde aos domingos. Todas as respostas foram positivas, alguns ressaltaram a importância desta para as famílias, crianças e animais de estimação. Outros apontaram a importância de ser mais uma opção de lazer na cidade, já que Maceió dispõe de poucos locais públicos adequados para o lazer. Um dos comentários citava que “acho a iniciativa positiva, com intuito de familiarizar, visto que muitas famílias se reúnem com as crianças para andar de bicicleta, passear com os cachorros, fazer piquenique, caminhar ou simplesmente apreciar a vista”.

Com isso, parece que há aprovação, dentro desse recorte dos 50 entrevistados dos moradores da área em relação à dinâmica do fechamento desse trecho da avenida para o lazer da população.

Já quando questionados sobre o que acham da popularização da área, surpreendentemente a maioria dos entrevistados também respondeu de forma positiva. Entre as respostas: “acho importante todos terem o acesso, pessoal que vem de locais distantes também”. Outros se referiam aos turistas “a gente vende o nosso peixe e não aproveita!”; outros comentavam sobre a gestão atual “o prefeito está trabalhando muito bem, embelezando a cidade”. Alguns dos entrevistados citaram a ausência de outros espaços de lazer na cidade, o que torna natural a busca por áreas ao ar livre, e até que é válida a popularização “pois a área não pertence apenas a quem mora no bairro, mas a todos que moram na cidade.”.

Apesar da maioria achar positiva essa popularização, surgiram também respostas controversas como “gostei! Mas a área mudou muito. Era como se fosse só nosso, mas agora é de todos. Não me incomoda!”, o que parece uma posição pessoal negativa velada aos moradores de outros bairros que frequentam a Rua Fechada. O que parece expressar o que Souza (1995) cita sobre os insiders e os outsiders no território, a diferença de nós e dos outros. Quatro dos entrevistados citaram o local ser muito cheio como algo negativo, por haver concentração de pessoas em um único local da orla. Um deles citou que “apesar de encontrar muitas famílias, vejo muitos aglomerados de jovens com som alto, fumando cigarro, o que degrada o ambiente”, o que destaca que, na visão do entrevistado, a presença desses jovens causaria incômodo por causar algum tipo de “degradação” ao ambiente.

Outro grupo de pessoas entrevistadas fala da importância da popularização, mas “falta segurança permanente. A polícia não tem autoridade, as leis tiraram os direitos da polícia”, de acordo com um dos entrevistados na área, o que demonstra sua insatisfação, mesmo com a presença constante de policiamento no recorte espacial do estudo.

Sobre o costume de frequentar a Rua Fechada no tempo livre, as respostas foram bem variadas. Vinte e sete dos entrevistados afirmaram frequentar sempre que possível, 10 deles afirmaram apenas nos finais de semana, quatro às vezes, três deles apenas dia de semana, quatro raramente e um não. Com isso é observado, não de maneira surpreendente, devido à proximidade espacial, que a população

que mora mais próxima à Rua Fechada, apresenta uma frequência maior na área em relação à população de outros bairros, não precisando necessariamente dos finais de semana para frequentar a área, por estar localizada perto dos seus lares.

Sobre a espacialidade dos moradores do entorno entrevistados, a maior parte respondeu que usava toda a área da Rua Fechada, somando 26 dos entrevistados, em que alguns deles afirmaram usar toda área justamente por realizarem atividades físicas no local, como caminhar ou ciclismo. Outros 17 entrevistados afirmaram ficar mais no canteiro central da Rua Fechada, como foi observado nas visitas no local. Um fato interessante a ser observado é que o contraste foi grande em relação aos moradores de outros bairros, que utilizam majoritariamente o trecho do Marco dos Corais. Seguido disso, quatro responderam que não utilizam a área, um fica entre os bares principais, um deles procura o espaço com menos gente para ficar.

Com isso, foram mapeadas as diferentes apropriações da área, enquanto moradores de outros bairros se apropriam prioritariamente da área do Marco dos Corais, moradores do entorno da Rua Fechada se apropriam prioritariamente de toda rua, seguido do canteiro central, o que demarca os diferentes territórios presentes nesse recorte espacial.

Quando questionados sobre o que acharam das instalações presentes para uso coletivo disponíveis, as respostas foram em sua maioria positivas. Os entrevistados ressaltaram a importância desse diferencial para atrair o turista, o que parece sugerir que há boa relação entre os residentes da orla e dos turistas. Enquanto os poucos comentários negativos se referiam a muita informação no começo “acostumei, mas inicialmente achei muita informação, mas agora já estou habituada. Mas antes achei que tirou a beleza natural da área” informou um dos entrevistados, outros responderam que “acho positivo, por exemplo Marco dos Corais. Já cadeira gigante vejo como modinha, como tem em outras cidades pelo mundo”, seguido por comentários sobre a necessidade de manutenção na área. Por fim, outro entrevistado acrescentou que além da manutenção e da necessidade de espaço para manifestação cultural, é contra a implantação da roda gigante nas proximidades, que irá encerrar as atividades na

praça multieventos, importante local para o desenvolvimento de atividades culturais na orla litorânea.

Com isso, é possível constatar que apesar da aderência da grande maioria dos entrevistados, moradores ou não da área, entre os entrevistados as respostas foram predominantemente positivas. Apesar disso, alguns moradores apresentam uma visão mais crítica, tanto em relação à necessidade de melhorias na área, mas também aos próprios objetos, principalmente os instagramáveis, como a cadeira gigante e o acúmulo de objetos na rua. Já sobre a roda gigante, mesmo não fazendo parte do recorte de estudo, – sua instalação está em andamento na Pajuçara – foi abordada, justamente por ser um assunto em voga na cidade, sobre o impacto da mesma numa área que já tem uma diversidade de atratividades. Apesar disso, sem consulta pública, já foi iniciado o processo de implantação da mesma.

Quando questionados sobre se se sentem seguros na Rua Fechada, a maior parcela dos entrevistados respondeu de forma positiva, cerca de 36 dos entrevistados moradores do entorno da Rua Fechada. Entre esses, alguns afirmaram que se sentem seguros devido a presença da ronda do bairro na área. Enquanto isso, uma outra parcela de entrevistados ficou entre o sim e o não, seis, ao relatarem que se sentem seguros, mas acham que precisa de mais policiamento na área, ou até mesmo um monitoramento feito por câmeras na localidade.

Entre esses relatos, um deles citou que “depende do horário, durante a semana ok, domingo à noite acaba que os moradores não frequentam”. Importante observar que é justamente aos domingos, no final do dia, que a presença de jovens moradores de outros bairros se intensifica, seria esse o motivador, de acordo com o entrevistado, dos moradores não frequentarem? Além disso, aproximadamente 10 dos entrevistados afirmam que não se sentem seguros, e as respostas variam entre a presença de muitas pessoas na área ou a necessidade de reforçar ainda mais a polícia na área.

Apesar dos últimos comentários, observa-se, como citado anteriormente, que a área recebe uma atenção constante dos órgãos de segurança pública. Se especializando desde em pontos fixos, como no Marco dos Corais, ou

transitando por toda a Rua Fechada. E que apesar da remoção da barraca que era sede da OPLIT, a presença da polícia no mesmo local se faz presente.

Mesmo com alguns dos entrevistados terem afirmado não se sentirem seguros na área, quando questionados se já se sentiram desconfortáveis ou se já enfrentaram algum problema no local, as respostas foram quase unânimes em dizer que não. Apenas dois dos entrevistados responderam que se incomodam com a poluição sonora dos jovens, e o outro, não se sente seguro nas ruas paralelas. O que contrasta totalmente com a experiência dos moradores de áreas periféricas na localidade, em que mais da metade já se sentiram desconfortáveis ou enfrentaram algum tipo de problema.

Sobre se as atividades que ocorrem na Rua Fechada já interferiram de alguma forma nas vivências dos entrevistados nos respectivos lares, as respostas foram que não. Apenas dois dos entrevistados mencionaram que o único problema é em relação ao trânsito ficar pesado, pois a DMTT deveria resolver lá trás, porque fica tudo impactado, de acordo com esses dois entrevistados.

Quando questionados se deixariam alguma sugestão ao poder público, caso tivessem a oportunidade, para alguma mudança ou funcionamento da Rua Fechada, os entrevistados responderam de forma bem diversificada e algumas das respostas se assemelham às dos moradores de outras partes da cidade. Enquanto uma parcela, 16 dos entrevistados não informaram sugestões. Outra parcela sugeriu em diferentes categorias.

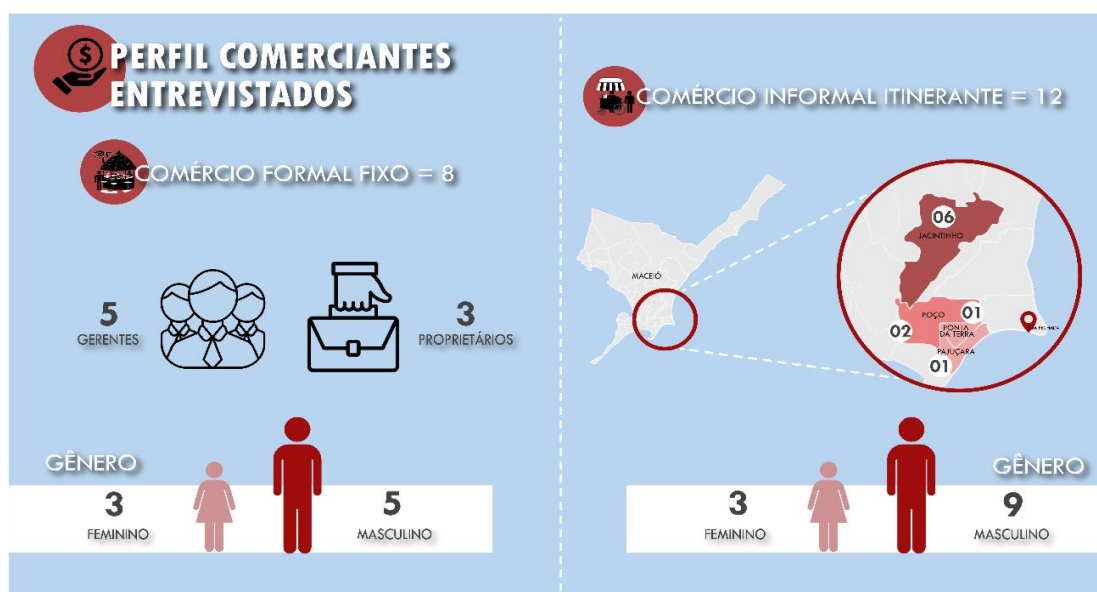
As sugestões envolvem desde melhorias na infraestrutura, como por exemplo, ter mais banheiros na área, valorização do pátio, mais bancos no canteiro central, ampliar estacionamento e melhorar iluminação. Como do ponto de vista ambiental, em relação a sugestões em relação a melhoria no saneamento básico da área para remoção das chamadas “línguas negras”. E por fim, aumentar o horário de funcionamento, um deles citou que “faria a rua fechada também aos sábados à noite na alta temporada, devido ao alto número de turistas que circulam nessa área, principalmente próximo ao natal e ano novo, fazendo o fechamento entre 18h e 24h”, outra sugestão interessante foi sobre “Ampliaria as atividades gratuitas no espaço”.

Por último, foi aberto um espaço para os entrevistados deixarem algum comentário que achassem necessário em relação aos itens que foram abordados na entrevista. Poucos deixaram comentários adicionais, entre eles citaram a importância de um espaço como a Rua Fechada para a cidade, “eu adoro, mas deveria ter mais espaço, como o corredor Vera Arruda. Deveria expandir para outras áreas da cidade, fica super lotado”; outros citaram que “acho que a questão de fechar ruas para serem ocupadas pela população é algo positivo, lembro que um tempo atrás também fechavam perto da praça centenário e também ficava cheio de gente. Deveria ser adotada por mais áreas de Maceió”. Outro entrevistado citou que “a rua fechada é uma importante área para interação e lazer para a população de Maceió, inclusive para a população dos bairros que não tem muitas opções de área de lazer”. O que demonstra a ausência de áreas como a Rua Fechada em outros pontos da cidade.

#### 4.3.4 Comerciantes

Em relação às entrevistas realizadas com os comerciantes da Rua Fechada e do entorno imediato foram divididas em dois blocos. O primeiro bloco, com os comerciantes fixos e formais, ou seja, donos de barracas, bares, bancas de revistas, ou seus respectivos gerentes. Já em relação ao segundo bloco, foi composto pelos comerciantes itinerários informais (figura 37).

Figura 37 – Perfil dos comerciantes formais entrevistados



Fonte: elaboração própria (2024)

#### 4.3.4.1 Comércio Formal

A primeira pergunta direcionada aos comerciantes formais foi em relação à opinião deles sobre o fechamento da Rua Fechada aos domingos. Todos os entrevistados responderam de forma positiva, apontando alguns atributos com esse fechamento: “possibilidade de os moradores saírem com as crianças, principalmente para quem mora em apartamento”, “é interessante, né? Porque assim, você tem mais espaço de lazer para a sua família, não tem como você ser acidentado. Tem muitas coisas, é mais seguro”, “considero de extrema importância para o comércio, o fluxo de pessoas aumenta e com isso aumentamos nosso faturamento”. Apesar disso, alguns apontaram pontos negativos com o fechamento da Rua: “acho desorganizado toda a orla”, outro afirmou que “a parte ruim é a questão de estacionamento, que fica muito ruim, porque a concorrência fica maior, fica só um pedaço do lado de lá”. No geral, parece haver alto grau de aceitação do fechamento da Rua para os veículos, pois é benéfico para o funcionamento dos próprios estabelecimentos, apesar de apresentar problemas como a falta de estacionamento nas proximidades, como mencionado por um deles.

Quando questionados sobre a opinião em relação à popularização dessa área, a maioria das respostas foi positiva, apontando os benefícios tanto para as crianças quanto para os turistas e o pessoal da parte alta da cidade. Apenas um dos entrevistados se referiu de forma negativa aos anos anteriores:

Há um tempo atrás realmente a gente tinha muito problema, que vinha realmente pessoal de periferia pra cá, ficava ao redor, ficava no parquinho, fazendo muita arruaça, muito constrangimento para os nossos clientes, e atrapalhou um pouquinho a gente. Mas de um tempo pra cá melhorou bastante. Acho que foi mais no momento que lançaram essa Rua Fechada, que virou moda mesmo e começaram a arruaçar, mas agora tá tudo mais tranquilo (Entrevistado).

Em relação ao questionamento referente à opinião dos entrevistados sobre se a Rua Fechada e o entorno imediato são um lugar seguro para as pessoas que a frequentam, a maioria das respostas foi positiva, em que citaram o policiamento constante na área como motivador da segurança na área. Apenas um dos entrevistados relatou que deveria ser mais policiado, e que está deixando a desejar. Ainda complementou informando que tiraram a OPLIT que ficava

localizada ao lado do Marco dos Corais. E que apesar da presença da Ronda do Bairro, na visão do entrevistado é insuficiente. E complementou afirmando que:

Dia de domingo sem policiamento, teve um luau a noite no domingo na semana passada com brigas no final. Tem horas que é segura, e outras não é, só até às 21 horas da noite, deveria ter policiamento 24 horas. Só quem sabe é quem fica por aqui, está perdido! Não há respeito, fica cheio de ambulantes quando sai a prefeitura, não tem cadastro dos ambulantes, gente de fora, não faz nada (Entrevistado).

Com isso, o entrevistado mostrou sua indignação com a segurança da área, apesar de ter sido observado durante as observações no local e na entrevista dos demais entrevistados a presença constante de agentes da segurança pública no recorte espacial. Porém, como afirmou o mesmo, pode ser que em horários específicos seja insuficiente, devido à demanda de pessoas no local.

Já quando questionados sobre se enfrentaram algum problema causado por frequentadores da Rua Fechada, a maioria, seis deles, responderam que não. Os outros dois relataram que poucas vezes tiveram problemas com pessoas alcoolizadas, e o outro relato foi em relação a anos anteriores “Não era o pessoal daqui, eram de áreas distantes que vinham pra fazer bagunça. Um tempo depois a polícia botou em ordem, mas eram jovens” relata o entrevistado. O último relato, demonstra que os conflitos foram mais intensificados em anos anteriores.

Outra pergunta realizada aos entrevistados foi em relação aos clientes, se estes já reclamaram sobre alguma coisa ou acontecimento que tenha ocorrido no recorte espacial. Cinco dos entrevistados responderam que não, porém os demais afirmaram que a maior reclamação é justamente a falta de banheiro e chuveiro para as pessoas no lugar, inclusive para os trabalhadores da área, que são muitos. O entrevistado complementa citando a insatisfação dos clientes em relação a isso, além da falta de saneamento básico nessa parte. “Deveria ter atendimento ao turista, fazer o direcionamento. Roubam muito o turista, totem para carregar o celular também. Tem muita coisa no Lopana, aqui nada” desabafa o entrevistado.

Outro entrevistado levanta outras questões, como a ausência de estacionamentos, e “o pessoal que vinha pra cá era muito de periferia, e acontecia muita confusão e briga aqui na frente ou ao redor e que a polícia

entrevia, mas acabava assustando os clientes”. Dessa forma, fica evidente a existência de conflitos entre a população moradora de bairros periféricos com a própria gestão local.

Quando questionados sobre se as atividades que ocorrem no recorte espacial já interferiram alguma vez de maneira negativa nos estabelecimentos, a resposta foi majoritariamente não, em que apenas dois dos entrevistados relataram dois fatos isolados. Mas a maioria foi positiva, inclusive citando que esse fechamento ajuda muito, pois há mais pessoas na localidade, enquanto as crianças brincam na Rua Fechada.

Os entrevistados responderam sobre se tivessem a oportunidade de fazer alguma sugestão ao poder público, se indicariam alguma mudança sobre o funcionamento da Rua Fechada. As respostas foram bem diversas, mas metade dos entrevistados falou que não. A outra metade sugeriu diferentes alterações, entre elas: 1. Ter mais parquinhos para as crianças e atrativos em outros pontos da Rua Fechada; 2. Que houvesse mais dias da Rua Fechada; 3. Mais opções de estacionamento; 4. Mais entretenimento voltado ao público infantil.

E, por fim, os entrevistados responderam se gostariam de fazer mais algum comentário adicional sobre as temáticas abordadas na entrevista. Cinco deles responderam que não, os demais listaram três pontos diferentes: 1. Mais policiamento na área; 2. Rua Fechada funcionando também aos sábados e feriados; e por fim, 3. Que a faixa verde que foi pintada sobre uma das faixas de rolamento, não favoreceu o trânsito, deixando uma única faixa no sentido norte, e que, por isso, já viu acidentes acontecendo na área.

A partir dos questionamentos realizados, é possível observar diferentes conflitos presentes nas respostas dos comerciantes formais, seja em relação aos comerciantes itinerantes ou aos moradores de bairros periféricos que na visão dos entrevistados causavam “arruaça” na Rua Fechada.

#### **4.3.4.2 Comerciantes itinerantes**

Sobre os comerciantes itinerantes presentes na Rua Fechada e entorno imediato, foi possível observar que a maior parte deles mora em bairros próximos aos bairros turistificados. Devido a dinamicidade dos comerciantes itinerários, foi

necessário reduzir o roteiro de entrevista para não atrapalhar as vendas dos mesmos, tendo em vista a grande movimentação durante o período de entrevistas.

A entrevista foi iniciada questionando a opinião deles sobre o fechamento da Rua Fechada aos domingos. Todos os entrevistados responderam de maneira positiva, assim como os comerciantes formais, relatando que o fechamento da rua é benéfico, pois tudo flui melhor, sem os carros, o que implica melhoras também no movimento do comércio deles, sendo financeiramente positivo para eles também.

Já em relação à popularização dessa parte da orla de Maceió, atraindo grande variedade de pessoas, as respostas também foram positivas, justamente pelo motivo anterior, mais pessoas beneficiam o movimento das vendas para eles. Afinal, estão lá para vender as suas mercadorias e contribuir para a renda familiar.

Sobre problemas enfrentados causados por outros comerciantes (formais), os entrevistados responderam em uníssono que não, sempre tranquilo. Um deles mencionou que os únicos problemas que enfrentaram foram em relação à prefeitura, pois querem o cadastramento para trabalhar na área, mas não conseguiram. Apenas quando há algum outro evento na cidade, eles conseguem. Outro informou que quando a prefeitura definiu o local onde cada um dos comerciantes deveria ficar, os conflitos se encerraram, o que indica a importância da presença do poder público de maneira mais direta na gestão da Rua Fechada.

Quando questionados se tivessem a oportunidade de fazer alguma sugestão à prefeitura sobre a Rua Fechada ou alguma mudança que achassem necessária, as respostas também foram unânimes. Todos os comerciantes itinerantes revelaram que há a necessidade da instalação de mais banheiros e duchas na orla, e que esse fato é fonte de reclamações comuns entre os turistas e a população mais idosa. Outro ponto abordado foi a necessidade do cadastramento dos antigos ambulantes, além de melhorias no calçamento.

Sobre preconceitos ou conflitos na Rua Fechada contra algum frequentador, a maior parte dos comerciantes afirmou que não presenciaram. Uma parte deles

afirmou que sempre há arruaceiros, mas que sempre se resolve; outros afirmaram que aos domingos, geralmente há briga entre jovens “bebedeiros”.

Em relação a comentários adicionais, a maioria dos entrevistados não quis fazer. Mas apesar disso, alguns relataram que gostariam de mais segurança no domingo à noite, principalmente as comerciantes do gênero feminino, que não se sentem tão seguras.

Um fato importante a ser observado durante as entrevistas com os comerciantes itinerantes, foi a gratidão dos mesmos por terem uma área como essa como local de trabalho. Essa gratidão também se refere à movimentação da área que os ajuda com as vendas, graças à popularização da área por diferentes atores. Um ponto relevante a ser mencionado aqui, é semelhança das respostas dos comerciantes itinerantes em relação às respostas dos comerciantes formais da área.

#### **4.4 Discussão dos conflitos à luz do direito à cidade e ao território**

Este estudo da Rua Fechada confirma a importância dos espaços livres como local essencial para a urbanidade, tanto do ponto de vista das possibilidades de usufruir desses espaços para práticas de lazer e de sociabilidade, quanto como locus de manifestação do próprio direito à cidade. Como afirma Macedo (2014), na sociedade brasileira conflituosa e excludente, esses espaços são ainda mais necessários, e a cidade de Maceió, assim como nas demais cidades brasileiras, tem nesses espaços junto à orla marítima mais valorizados em relação a espaços em localidades periféricas da cidade.

Assim, a Rua Fechada e o seu entorno imediato, recorte de estudo, se configuram como um importante espaço para a sociabilidade em Maceió, devido aos diversos atrativos que a mesma apresenta, mesmo que muitos destes sejam instalados justamente visando a atratividade turística. Entretanto, eles são apropriados também pela população que usufrui da área como todo. Assim, diferentes atores sociais se apropriam do mesmo recorte espacial, o que propicia a existência de múltiplos territórios, conceito discutido por Haesbaert (2008), ao comentar o espaço urbano. A importância dos atores no território é enfatizada por Gottman

(2012), quando afirma que esse é gerado por indivíduos organizando os espaços de acordo com os seus próprios objetivos.

Esse estudo constatou que todos os atores sociais entrevistados aprovam o fechamento do tráfego da Avenida Silvio Carlos Viana, para que a população possa usufruir da Rua Fechada e do seu entorno imediato. Porém, foi observado que a popularização da mesma, pelos diferentes grupos sociais, ocasionou conflitos, principalmente no discurso dos moradores do entorno e dos comerciantes, ao relatarem problemas com a presença dos "outsiders" (Souza, 1995) ou seja, dos jovens que não moram na região. Essa constatação reforça a discussão inicial neste estudo sobre a Rua Fechada: é aberta para toda a população ou apenas para aqueles que possuem poder econômico social para usufruí-la?

Como defende Pedro Jacobi (2011), com base em Lefebvre (2001), todos possuem direito à cidade, mas na prática, nem sempre é o que ocorre, e que a cidade possui interesses conflitantes. Assim, foi observado que a população que enfrenta diversos problemas no seu cotidiano, quando buscam o lazer, também enfrentam barreiras. Como é o caso dos jovens moradores de bairros periféricos, que de alguma forma têm o seu direito à cidade negado, simplesmente por serem quem são.

Houve o entendimento de que o recorte espacial é utilizado como cartão postal para a divulgação da cidade para o turismo, a partir de ações do super marketing que vem sendo empregado pelo município para o marketing do destino Maceió, e que este é efetivo, devido a aprovação dos turistas em relação a esse espaço, e que muitos foram atraídos para a cidade justamente por essa divulgação. Essa movimentação é aceita ao visualizar que não há conflitos entre os outros atores sociais para com os turistas. Porém, o fato desses mesmos atrativos atraírem a parcela da população moradora de bairros periféricos, os conflitos se manifestam.

Este fato, nos faz retornar ao exemplo dos rolezinhos que ocorreram nos shoppings centers de diversas capitais do Brasil, como afirmam França e Dornelas (2014), quando jovens passam a ocupar um espaço que comumente é utilizado por outras classes socioeconômicas, gerando conflitos, mas também

reflexões sobre a sociabilidade no Brasil. Aqui, no caso da Rua Fechada e da presença de jovens moradores de bairros periféricos, se caracteriza como um abismo ainda maior frente ao fato de que este é um espaço público, e não privado, e que assim seria legítimo que ele possa ser usado por todos que fazem a cidade.

Foi constatado que o espaço público, assim como afirma Mitchell (2003), é visto como um gerador de medos, por justamente se opor ao espaço privado, devido à ausência de controle, com um discurso de insegurança ancorado pela própria mídia, como afirma Gehl (2015). E que, como observa Gomes (2019), é utilizado esse discurso de medo e insegurança justamente para segregar e discriminar as pessoas.

A partir disso, quando questionados sobre se sentiram seguros, cada grupo social se posicionou de uma forma. A maioria dos turistas afirmou que se sentiram seguros. Enquanto moradores dos bairros periféricos a maior parcela afirmou que sim, mas que já enfrentaram problemas de natureza diversa ou se sentiram desconfortáveis, ou até mesmo presenciaram cenas de violência na Rua Fechada e entorno. Enquanto isso, moradores do entorno em sua maioria se sentem seguros, apesar disso, ao contrário dos moradores de outros bairros, praticamente nenhum deles enfrentou problemas no local, apenas dois que se incomodaram com a poluição sonora. E mesmo assim, relatam a necessidade de mais policiamento na área.

Sobre problemas enfrentados na localidade, foi constatado que o principal problema foi relacionado à ausência de melhor infraestrutura para atendê-los, mais especificamente a ausência de banheiros e duchas, o que acaba afetando a expectativa criada pelo turista sobre o local visitado, pois como argumenta Urry (1996), o turista vive uma experiência extraordinária, isto é, está de férias, o que ele o grau de expectativa em relação ao destino visitado. Esse problema também afeta os comerciantes, principalmente os itinerantes. Enquanto isso, os moradores do entorno em sua maioria, relataram que a Rua Fechada não atrapalha as atividades do seu lar, apesar da proximidade. Já os moradores dos outros bairros, a maioria relatou que o meio de transporte utilizado, o ônibus,

apesar de ser gratuito aos domingos, tem a frota reduzida, o que torna o acesso até o local precário, e acaba se configurando como uma barreira.

Os turistas aprovaram as instalações presentes, assim como os moradores de bairros periféricos. Já os moradores do entorno, a maioria aprova, porém apresentam alguns comentários críticos, justamente por morarem nesse entorno, e se sentirem prejudicados, com algumas instalações que são feitas sem a consulta à população.

Outro aspecto que precisa ser discutido aqui diz respeito ao fato de que, apesar de todos estarem presentes no mesmo recorte espacial, há a diferenciação de cada um dos múltiplos territórios existentes, por meio de cada grupo social que faz parte. Assim, enquanto os turistas são frequentemente vistos presentes nos pontos instagramáveis, os moradores de bairros periféricos em sua maioria estão no Marco dos Corais, já os moradores do entorno frequentam o canteiro central, e afirmam utilizar toda área principal para realização das atividades físicas.

Outro fator observado foi que os moradores de bairros periféricos, em sua maioria frequentam a Rua Fechada e o entorno imediato majoritariamente aos domingos, no período da tarde, justamente por ser a disponibilidade de tempo livre. Enquanto isso, a população local frequenta sempre que possível, não apenas nos finais de semana, em sua maioria, justamente pela proximidade com as suas residências, o que exige pouco tempo para o deslocamento até o lugar.

Outro ponto que merece destaque é que, apesar de em algumas destinações turísticas o turismo ser visto hoje pelos moradores como algo negativo, principalmente na Europa, onde são vistos protestos como o “not in my backyard”. Nesse trecho da cidade de Maceió, não foram apontadas problemáticas em relação à presença turística no local, e que para os comerciantes, principalmente, é visto como algo positivo, e para os moradores das diferentes áreas também.

Assim, os conflitos realmente são vigentes na Rua Fechada entre as diferentes classes sociais que a frequentam, como pode ser demonstrado neste capítulo. O que não é surpresa numa sociedade capitalista, em que uma cidade apresenta grandes contrastes socioespaciais, à medida que favorece áreas, e

respectivamente as pessoas que nelas vivem, que fazem parte de determinados grupos, enquanto outras pessoas são excluídas.

Quando Pedro Jacobi (2011) propõe que o direito à cidade apresenta a possibilidade de transformar o nosso cotidiano, de forma que cada habitante possa de fato habitar e participar plenamente do espaço onde vive, é possível relacionar que realmente, para os moradores da orla, o direito à cidade é uma realidade, até mesmo para os turistas, residentes temporários. Porém, para os moradores de bairros periféricos não se aplica plenamente, ao constatar as limitações ao acesso à Rua Fechada, devido a deficiências no transporte urbano aos fins de semana. Além disso, observou-se que a população moradora da orla é atuante em reivindicar os seus direitos, justamente por o reconhecê-los, ao contrário do que Kliass e Magnoli (2006) observam em grupos menos favorecidos.

Assim, conclui-se que apesar do lazer ser direito de todos os cidadãos, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, esse acesso é negado de alguma forma, para uma parte da população, que não possui o próprio direito à cidade, tanto do ponto de vista do acesso quanto em relação a sua capacidade em reivindicá-la. Jan Gehl (2015), como foi visto, reforça a necessidade da "sustentabilidade social", para que todos tenham oportunidades iguais de acesso ao espaço público e à própria cidade.

É importante que a gestão local continue atuando na área, mas sem diferenciar brancos de pretos, ricos de pobres, para que haja um controle das atividades que ocorrem nesse espaço de forma pacífica e democrática. Mas que, ao mesmo tempo, sejam criados incentivos para desenvolver outros espaços de lazer na cidade, além das áreas turistificadas, que muitas vezes, nem são utilizadas pela população da cidade como um todo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto atual da sociedade, após a pandemia da Covid-19, os espaços livres se tornaram cada vez mais desejados pela busca de territórios para apropriação, tanto do ponto de vista de sociabilidade quanto para a realização de práticas de lazer. Em contraponto, como foi constatado, cada vez mais, esses espaços se tornam “privilegiados”, devido à espacialização em grande parte, em áreas já consolidadas, como ocorre na cidade de Maceió.

Em paralelo a isso, a capital alagoana se consolida cada vez mais como destinação turística, novos hotéis são criados nos bairros turistificados, enquanto outros bairros entram no processo de turistificação, como os bairros do litoral norte da capital alagoana. Com isso, a busca por lazer pela população em Maceió, que já apresenta precariedades em relação ao panorama geral, acaba coincidindo com esta crescente demanda turística, que tem como um dos principais geradores, além das belezas naturais da cidade, o próprio *super marketing* que a então destinação turística vem promovendo por meio da gestão pública municipal e estadual.

Esses bairros turistificados da cidade também se conformam como “área nobre” ao ser constatado o padrão socioeconômico da população local, além da infraestrutura que estes possuem, dessa forma, as intervenções voltadas para o turismo acabam favorecendo a população do entorno. É nesse contexto que pode ser observado que a cidade apresenta contrastes socioespaciais, e que enquanto é convidativa para os turistas, alguns segmentos sociais, como os moradores de bairros periféricos, enfrentam limitações de acesso a essas áreas.

A pesquisa se propôs buscar compreender, no recorte da Rua Fechada e entorno imediato, as dinâmicas das relações entre os atores sociais presentes no território dessa parte da cidade, com foco na existência de possíveis conflitos socioespaciais na área estudada. A “Rua Fechada” mesmo sendo classificada como um Espaço Livre Público, tendo uma oferta de serviços e comércios já consolidada, e a existência de pontos interativos, assim como o surgimento de novos atrativos, nem sempre acolhe plenamente todos os públicos da cidade de Maceió.

Foi a partir desse contexto que foi gerada a hipótese de que em Maceió o direito à cidade, para o residente, torna-se de alguma maneira comprometido na medida em que a cidade se turistifica, uma vez que o uso dos espaços valorizados pelo turismo e o mercado imobiliário tornam-se mais restritivos para os residentes de menor poder aquisitivo, particularmente na Rua Fechada, área densamente frequentada por turistas.

O estudo confirma a hipótese inicial proposta, por meio das entrevistas realizadas e de observações in loco, com seus resultados discutidos à luz da literatura pertinente e com análise de pesquisas em diferentes plataformas sobre temas semelhantes. Assim, foi confirmado que nesse trecho da cidade de Maceió, território turistificado, o direito à cidade se torna de alguma maneira restritivo para os moradores que possuem menor poder aquisitivo, num recorte espacial que é pensado e planejado em primeiro plano para o residente do entorno e para os turistas.

Adicionalmente, o estudo analisou os diferentes usos sociais que ocorrem na Rua Fechada, em Maceió – AL, com base na noção de múltiplos territórios, em busca de compreender possíveis implicações para o direito à cidade em relação aos múltiplos atores sociais que a frequentam.

Entre os objetivos específicos propostos, estava a compreensão da importância da espacialização das relações sociais que ocorrem no território. Com isso houve a constatação de que a Rua Fechada está inserida nesse território turistificado, mas que também faz parte da área nobre da cidade, que vem recebendo diversas intervenções e zelo do poder público, mas que com a chegada dos moradores da periferia, começam a surgir conflitos. Com base em Santos (2005), fica claro que o espaço urbano, na forma que ele assume na Rua Fechada, atende a função de lazer de maneira diferenciada, segundo as classes sociais, o que denota a estrutura do espaço geográfico em sociedades capitalistas. Por outro lado, se constatou que com o passar do tempo, os conflitos socioespaciais na Rua Fechada apresentam diferenças em relação a anos atrás.

Com o estudo da Rua Fechada e entorno imediato, foram identificados os seus usuários, observando-se como ocorre a territorialização por parte dos diferentes atores sociais que usam a área. Nesse caso, foi possível verificar

diferentes formas de apropriação da Rua Fechada nas formas de espacialização de cada grupo de atores sociais a partir do mapeamento das dinâmicas espaciais dos grupos.

Sobre a constatação dos conflitos socioespaciais associados à disputa pelo território da Rua Fechada pelos diferentes usuários, estes também foram constatados. A partir dos diferentes territórios que se formam nesse recorte espacial por meio dos diversos atores sociais que convergem suas relações sociais, e assim, concomitantemente também as suas relações de poder. Porém é justamente nas diferenças que os conflitos foram vistos, principalmente entre a população, comércio e gestão do entorno, em relação a moradores de bairros periféricos. Devido, muitas vezes, a uma visão higienista construída com base em estereótipos que marginalizam tudo aquilo que não se enquadra, e que a própria mídia colabora nesse tipo de discurso, se constatou incômodos por parte de entrevistados em relação aos moradores da periferia da cidade que buscam usufruir dessa parte da cidade de Maceió aos domingos.

Foram também observados conflitos entre os próprios comerciantes itinerantes em relação à disputa espacial para comercialização. Já em relação aos turistas, no discurso de todos os grupos sociais, não foram constatados conflitos, o que demonstra que a sociedade em geral abraça a demanda turística da cidade, e vê como algo positivo.

Com isso, fica evidente que o território aqui não é unifuncional, e sim múltiplo, ao apresentar diferentes territorialidades de acordo com o grupo de atores sociais que se apropriam e se relacionam no mesmo recorte espacial. Com isso, foi observado que mesmo se tratando de um espaço livre, voltado para o lazer, tem como prioridade o lazer do turista e do residente do entorno, devido às barreiras enfrentadas pelos moradores de bairros periféricos nessa localidade.

Vale ressaltar que a luta de classes faz parte do panorama da cidade de Maceió, devido aos índices de desigualdades sociais, presentes também nas formas de apropriação do espaço. As barreiras existentes de acesso dos menos favorecidos a áreas nobres da cidade, como é o caso da Rua Fechada, podem se manifestar de diferentes formas, incluindo comentários pejorativos em redes sociais. Ou até mesmo do uso da segurança pública contra esses jovens, a partir do discurso de

insegurança e violência na cidade, com o objetivo de legitimar ações voltadas à exclusão e segregação de pessoas que já estão à margem de tantas coisas.

Ao se analisar como se manifesta a questão do direito à cidade em Maceió, com base no estudo da Rua Fechada, foi observado que o poder público e o mercado se esforçam para que a cidade tenha os seus espaços consumidos pelo turista, que poderiam ser vistos como os “outsiders” na área estudada, mas que na verdade, são acolhidos. Enquanto isso, esses espaços exercem função contrária em relação à população local socioeconomicamente desfavorecida, na busca de se apropriar desses espaços, tem o seu direito ao território negado, tendo, respectivamente, o seu direito à cidade também negado. População essa que já enfrenta diversas barreiras em suas vivências, não sendo diferente nos seus momentos de lazer.

Os resultados do estudo expõem a necessidade de o lazer na cidade não ser visto apenas para determinado grupo social, mas para a população como um todo. Pois usufruir do lazer faz parte do direito do cidadão à cidade, independentemente da classe social, cor ou credo. Com isso, precisa-se buscar meios de garantir que os espaços livres sejam acessados, mas também reivindicados pela população como um todo, e que as relações nesses territórios sejam relações pacíficas, com interação entre os diferentes grupos, pois o convívio social é uma importante esfera da sociedade, nos espaços urbanos, para onde, segundo Santos (2005), convergem diferentes direitos e interesses sociais.

Sobre as limitações enfrentadas nesta pesquisa, destaca-se o tipo de amostragem utilizado para as entrevistas, isto é, uma abordagem não probabilística, embora esse procedimento tenha sido amplamente usado por pesquisas de cunho qualitativo. Além disso, o número de entrevistados também foi pequeno, em relação à quantidade de pessoas que frequentam esse recorte espacial, mas ao considerar o prazo limitado para a elaboração da pesquisa, e a aplicação das entrevistas, não pôde ter o número aumentado. As próprias condições climáticas também foram limitadores da pesquisa, como as entrevistas eram realizadas aos domingos, quando a Rua Fechada se espacializa, em dias de chuva não havia condições para aplicação dos questionários. Além

disso, podemos citar a ausência de dados oficiais atualizados sobre o turismo na cidade, em que o próprio Mapa do Turismo apresenta lacunas.

Um fato importante a ser ressaltado é que durante o transcurso da pesquisa, a Rua Fechada se caracterizava de forma predominante na cidade em relação ao lazer. Mas recentemente, outros lugares foram revitalizados em Maceió, se configurando como importantes para o lazer. Apesar disso é a Rua Fechada que apresenta essa multiplicidade de territórios e conflitos entre os diferentes atores sociais que a frequentam.

Essa pesquisa trouxe alguns questionamentos que podem ser sanados em pesquisas futuras como por exemplo, um aprofundamento de como se manifesta o lazer na cidade mais amplamente, pois foi observada a ausência de discussões acadêmicas sobre essa temática. Outro ponto, também relacionado ao lazer e ao direito à cidade e se as atratividades turísticas da cidade, como um todo, são apropriadas pela população local, se faz parte da rotina deles frequentar esses espaços. E se os conflitos socioespaciais observados na Rua Fechada também se perpetuam em outras partes da cidade.

Com isso, essa pesquisa traz como principais contribuições a discussão sobre os conflitos que ocorrem na sociedade nos espaços livres públicos, que muitas vezes não são vistos, justamente por se manifestarem contra a esfera que já enfrenta tantos outros problemas no seu cotidiano. Além disso, abordar a importância do turismo, mas que esse não pode ser utilizado como um impedimento para a manifestação do direito à cidade do residente. E também a importância do lazer para a sociedade, e que a democratização no acesso e na reivindicação dos espaços livres é essencial. Ou seja, permitir o acesso dos espaços livres tanto existentes, mas também a criação de novos espaços, nas áreas que carecem desses.

Um ponto essencial é a necessidade de se pensar a cidade em conjunto com a população, de forma mais participativa, com o objetivo de que cada vez mais esses conflitos sejam minimizados. E que não só os moradores que possuem poder econômico possam influenciar os processos de decisão, mas a sociedade como um todo.

Numa sociedade em que muitos são impedidos de sonhar, devido à realidade difícil em que vivem, o lazer pode se configurar como uma alternativa lúdica para fugir do cotidiano. Assim, o lazer se configura como um importante aliado para o desenvolvimento da sociedade, a partir de políticas públicas que favoreceram os espaços livres e evoquem o direito à cidade para todos. Para que, independentemente de qual grupo de atores sociais estejamos falando, todos tenham a possibilidade de viver com dignidade.

## REFERÊNCIAS

AIRBNB. Airbnb revela as previsões de viagem para 2024. **Newsroom Airbnb**, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://news.airbnb.com/br/airbnb-revela-as-previsoes-de-viagem-para-2024/>. Acesso em: jan. 2024.

ALMEIDA, F. O conceito de lazer: uma análise crítica. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 9, n. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/norus.v9i16.21887>. Acesso em: jan. 2024.

ARAUJO, L. M.; MOURA, F. B. P. A expansão do turismo na zona costeira nordestina: crescimento econômico, degradação ambiental e erosão cultural. In: CORIOLANO, L. N.; VASCONCELOS, F. P. (orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza**. Fortaleza: Eduece, 2007. p. 94-114.

ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: UnB, 1985.

ASCOM SETUR; ANJOS, P. dos. Decolar: capital alagoano ocupa 2 lugar no ranking dos 20 destinos mais procurados para viagens em 2024. **Alagoas.al.gov.br**, 6 ago. 2024. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/decolar-capital-alagoana-ocupa-2-lugar-no-ranking-dos-20-destinos-mais-procurados-para-viagens-em-2024#:~:text=O%20estudo%20destaca%20o%20crescimento,Todres%2C%20diretor%20geral%20da%20Decolar>. Acesso em: 9 set. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS DE ALAGOAS (ABIH-AL). **DataTur Alagoas Turismo Data Driven**. 2021. Maceió: ABiH, 2021. Disponível em: <https://www.abihal.com.br/projetos-e-pesquisas/todos/>. Acesso em: jan. 2024.

ATLAS BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil**. 2021. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/270430>. Acesso em: fev. 2023.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELANDI, C. Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012. **Agência IBGE Notícias**, 5 dez. 2022, 13:06. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012>. Acesso em: abr. 2023.

BENI, M. C.; MOESCH, M. M. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo – Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p430-457>. Acesso em: nov. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: jun. 2024.

BRASILEIRO, M. D. S. O Lazer e as transformações socioculturais contemporâneas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 1, n. 12, p. 90-108. 2013.

BROWN, M. **Da ponte pra cá**. São Paulo. Zimbabwe Records: 2002. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9i-G4dP0w\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=9i-G4dP0w_w). Acesso em: jul. 2024.

CADA MINUTO. Alagoanos lembram com saudade do Maceió Fest e outros carnavais fora de época. **Cada Minuto**, 23 jan. 2011, 03:44. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2011/01/23/alagoanos-lembram-com-saudade-do-maceio-fest-e-outros-carnavais-fora-de-epoca>. Acesso em: jan. 2024.

CADA MINUTO. Após liderar ranking por anos, Maceió sai da lista das 100 cidades mais violentas do país. **Cada Minuto**, Maceió, 17 jul. 2021, 11:29. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2021/07/15/apos-liderar-ranking-por-anos-maceio-sai-da-lista-das-100-cidades-mais-violentas-do-pais>. Acesso em: julh. 2023.

CADA MINUTO. “Sem curtir” movimentação causada pela cadeira gigante moradores da Ponta Verde acionam o MP contra fechamento da rua. **Cada Minuto**, 2022. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2022/01/13/sem-curtir-movimentacao-causada-pela-cadeira-gigante-moradores-da-ponta-verde-acionam-mp-contr-fechamento-de-rua>. Acesso em: jan, 2023.

CARVALHO, C. A economia. In: SIMÕES, L. **Maceió 200 anos**. Maceió: Instituto Arnon de Melo, 2015. p. 108-156.

CASADO, C. **A invenção da praia e o viver nas alturas em Maceió – AL**. Curitiba: CRV, 2022.

CASTAÑEDA, E. A. Análise conceitual de turismo: para a sua visão ontológica. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 391-405, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/163505>. Acesso em: nov. 2023.

CAZUZA. **Burguesia**. Universal: 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E-tSjlxQfGM>. Acesso em: jun. 2024.

CORBIN, A. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CRESWELL, J. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ, R. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

DEGREAS, H. N.; RAMOS, P. G. Espaços livres públicos: Formas urbanas para uma vida pública. In: COLÓQUIO QUAPÁ SEL II – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL E SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES, 10., Brasília, 2015. **Anais...** São Paulo: FAUUSP, 2015.

DENCKER, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura 1998.

DUARTE, G.; SIQUEIRA, M.; DUARTE, M. As cidades contemporâneas e suas transformações. **Dimensões**, São Paulo, v. 40, p. 65-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/20444>. Acesso em: ago. 2023.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução: Sílvia Mazza e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FARIA, G. M. G.; CAVALCANTI, V. R. Sistema de Espaços Livres da Cidade de Maceió. **Paisagem e Ambiente**, n. 26, p. 7-28, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77318>. Acesso em: 2022.

FARIAS, M.; BATISTA, R. Fezes se acumulam na porta e 'a gente tem que limpar todo dia', diz morador de Maceió, uma das piores em saneamento no Brasil. **G1**, 23 mar. 2022, 06:29. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/03/23/entre-os-piores-do-pais-problema-do-saneamento-de-maceio-tem-raiz-no-crescimento-desordenado.ghtml>. Acesso em: jan. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, V. V.; DORNELAS, R. No Bonde da Ostentação O que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira? **Eco-Pós**, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/1384](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1384). Acesso em: jan. 2023.

FUINI, L. L. Território e geografia no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Formação (Online)**, v. 1, n. 21, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2661>. Acesso em: nov. 2023.

G1 AL. Festival Maceió Verão não vai ser realizado em 2019, diz prefeitura. **G1 AL**, 19 dez. 2018, 10:28. Disponível em:

<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2018/12/19/festival-maceio-verao-nao-vai-ser-realizado-em-2019-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em: jan. 2024.

G1 ALAGOAS. Manifestantes protestam contra a ação truculenta da PM na Ponta Verde. **G1 AL**, 18 dez. 2016, 18:27. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/12/manifestantes-protestam-contr-a-acao-truculenta-da-pm-na-ponta-verde.html>. Acesso em: jan. 2022.

GAZETA WEB. Instituto vê discriminação em reação contra luau na orla marítima de Maceió. **Gazeta Web**, 14 out. 2020, 7:39. Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/maceio/instituto-ve-discriminacao-em-reacao-contr-a-luau-na-orla-maritima-de-maceio>. Acesso em: jan. 2024.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, C. A. R. **Discurso de medo e insegurança como produtores de exclusão e segregação no espaço urbano**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762>. Acesso em: dez. 2023.

GOMES, C. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos de Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GONÇALVES, F. M. Sistema de Espaços Livres e Vida Pública e Econômica das Cidades no Brasil. SEMINÁRIO CIDADE DAS (IN)DIFERENÇAS, 2. Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Urbanos – LEUrb/UFRGS, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IO\\_k4C2FwN0](https://www.youtube.com/watch?v=IO_k4C2FwN0). Acesso em: jan. 2023.

GONÇALVES, H. Mortes violentas em Alagoas têm redução de 46,5% em uma década. **G1 AL**, 7 fev. 2023, 11:01. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/02/07/mortes-violentas-em-alagoas-tem-reducao-de-465percent-em-uma-decada.ghtml>. Acesso em: setembro, 2023.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, p. 523-545, 2012.

GOVERNO FEDERAL. **Relatório Mapa do Turismo**. 2023. Disponível em: <https://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home>. Acesso em: jan. 2024.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001.

HAESBAERT, R. A corporificação “natural” do território: do terricídio à multiterritorialidade da terra. 2021. **Geographia**, v. 23, n. 50. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/48960/29143/171196>. Acesso em: nov. 2023.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói (RJ): EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P. da.; PIRES, C. L. Z.; UEDA, V. **A emergência da multiterritorialidade**: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: UFRGS; Ulbra, p. 19-36, 2008.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i28.a13641>. Acesso em: ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama Cidades Maceió**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama>. Acesso em set. 2023.

JACOBI, P. A cidade e os cidadãos. **Lua Nova**, v. 2, n. 4, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/n4c8N3vHX8QLRyvYK75fC7P/?lang=pt>. Acesso em: out. 2022.

JORNAL DE ALAGOAS. Moradores de prédio de luxo na Ponta Verde jogam água em foliões que revidam com pedras. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldealagoas.com.br/policia/2023/02/05/4786-moradores-de-predio-de-luxo-na-ponta-verde-jogam-agua-em-folios-que-revidam-com-pedras-veja-video>. Acesso em: out. 2023.

KLIASS, R. G.; MAGNOLI, M. M. Áreas Verdes de Recreação. **Paisagem e ambiente**, n. 21, p. 245-256, 2006.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 25. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, V. T. C. ; MANHAS, A.C.B.S. ; MANHAS, M. P. G. A identificação dos moradores com os novos espaços urbanos que promovem a imagem turística de Maceió (AL). In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM, 3., 2010, São Paulo – SP. **Anais...** São Paulo: [s.e.], 2010.

MACEDO, S. S. Cidade brasileira, habitação e espaços livres. **Contraste**, São Paulo, v. 3, p. 280-293, 2014.

MACEIÓ ORDINÁRIO. **Multidão faz encontro no Marco dos Corais e chama atenção**. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9uahBgRmlR/> Acesso em: jul. 2024.

MADEIRO, C. Sucesso nas redes cadeira de praia gigante de Maceió é alvo do MP. **Notícias UOL**, 14 jan. 2022, 4:00. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/01/14/sucesso-nas-redes-cadeira-de-praia-gigante-em-praia-de-maceio-e-alvo-do-mp.htm>. Acesso em: jan. 2023.

MAGNOLI, M. Espaço Livre – objeto de trabalho. **Paisagem Ambiente**, São Paulo, n. 21, p. 175-198, 2006.

MAIA, L. Maceió é a 4º capital mais desigual do país. **Agência Tatu**, 9 dez. 2021, 19:08. Disponível em: <https://www.agenciatatu.com.br/noticia/maceio-e-a-4a-capital-mais-desigual-do-pais-entenda/>. Acesso em: jun. 2023.

MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer & esporte: políticas públicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, J. C. **A emergência da urbanização turística com base na rede hoteleira na cidade de Maceió Alagoas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

MITCHELL, D. **The right to the city: social justice and the fight for public space**. Nova York: Guilford, 2003.

NASCIMENTO, F. P. **Metodologia da pesquisa científica: teoria e prática – como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do Turismo**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1995.

PARK, R. **On Social Control and Collective Behavior**. Chicago: Chicago University Press, 1967.

PEREIRA, D.; SILVA, A. Um panorama do mercado de trabalho em Maceió no período de 2000 a 2010. In: SILVA, A. **Economia de Maceió**: diagnósticos e proposições de uma nova realidade. Brasília: Edufal, 2013. p. 41-55.

PÉREZ, R. B. I.; VILLA, C. V. **Teoría General del Turismo**: un enfoque global y nacional. La Paz: Universidad Autónoma de Baja California Sur, 2011.

PREFEITURA DE MACEIÓ. Maceió é Massa. Disponível em: <https://maceioemassa.com.br/>. Acesso em: dez. 2022.

PRIBERAM Dicionário. Instagramável. 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/instagram%C3%A1vel>. Acesso em: jan. 2023.

QUEIROGA, E. F. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo**: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-07122016-101803/publico/QUEIROGA.pdf>. Acesso em: nov. 2022.

QUEIROGA, E. F. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 25-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645703>. Acesso em: nov. 2022.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, M. G. **Destinação turística Maceió**: ciclo de vida e perspectivas de crescimento nos próximos anos. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente: Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

REDAÇÃO M&E. Porto Seguro, Maceió, Recife, Fortaleza e Salvador lideram procura no verão, diz CVC. **Mercados e eventos**, 14 dez. 2023, 16:29. Disponível em: <https://www.mercadoeventos.com.br/noticias/agencias-e-operadoras/cvc-divulga-os-destinos-mais-procurados-para-o-verao/#:~:text=e%20Operadoras%20%2F%20Destinos-,Porto%20Seguro%2C%20Macei%C3%B3%2C%20Recife%2C%20Fortaleza%20e%20Salvador%20lideram,procura%20no%20ver%C3%A3o%2C%20diz%20CVC&text=A%20CVC%20acaba%20de%20divulgar,temporada%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20passada>. Acesso em: jan. 2024.

REDAÇÃO TNH1. Operação “Área de Lazer” faz megarevista e apreende 150 pessoas na Rua Fechada, Ponta Verde. **TNH1**, 29 ago. 2016, 17h18. Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/operacao-area-de-lazer-faz-megarrevista-e-apreende-150-pessoas-na-rua-fechada-em-ponta-verde/>. Acesso em: jan. 2022.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SAMPAIO, E. A. A. Cientificidade nos estudos do turismo: teorias, dicotomias e o desafio da consolidação epistemológica. **Pasos Turismo y Patrimonio Cultural**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 577-586, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2022.20.040>. Acesso: nov. 2023.

SANTOS, F.; ARAUJO, L. O Instagramável no Marketing de Destinos Turístico. **Geo UERJ**, n. 42. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/70362>. Acesso em: set. 2023.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. **O papel ativo da geografia um manifesto**. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, 2000.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina**, CLACSO, v. 6, n. 16, p. 255-261, 2005.

SECOM MACEIÓ. Cadeira de praia gigante conquista público e alcança 10 milhões de views e tres dias. Prefeitura de Maceió. 8 jan. 2022. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/secom/cadeira-de-praia-gigante-conquista-publico-e-alcanca-10-milhoes-de-views-em-tres-dias>. Acesso em: jan. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO (SECOM/AL). Maceió confirma liderança nacional e segue como destino mais procurado do Brasil. **G1 AL**, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/especial-publicitario/secom-secretaria-de-comunicacao-social/trabalha-maceio/noticia/2024/01/10/maceio-confirma-lideranca-nacional-e-segue-como-destino-mais-procurado-do-brasil.ghtml>. Acesso em: fev. 2024.

SEMTEL. Ações de marketing colocam Maceió na vitrine das principais operadoras de turismo. **Tribuna Hoje**, 28 dez. 2020. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/turismo/2020/12/28/93623-acoes-de-marketing-colocam-maceio-na-vitrine-das-principais-operadoras-de-turismo>. Acesso em jan. 2024.

SESC TV. **O direito à cidade**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nt5B8ptyTdM&t=9s>. Acesso em: jan 2023.

SILVA, D.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H.; MARCELLINO, N.; MELO, V. **Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Ideal, 2011.

SILVA, H. de A.; BARROS FILHO, M. N. M. Morfologia Urbana e Espaços Livres (Públicos e Privados) em Campina Grande, PB. In: COLÓQUIO QUAPÁ SEL, 10., Brasília, 2015. **Anais...** Brasília: [s.d.], 2015.

SILVA, M. S. **Parque de Nós**: uma proposta paisagística no bairro Tabuleiro do Martins. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Maceió, 2021.

SOARES, D. Baculejo coletivo na orla de Maceió foi pirotecnia. **Diário do poder**, 1 ago. 2016, 11:28. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/brasil-e-regioes/baculejo-coletivo-na-orla-de-maceio-foi-pirotecnia>. Acesso em: jan. 2024.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

TICIANELI. Alagoas Iate Clube, o Alagoinha da Ponta Verde. História de Alagoas. **História de Alagoas**, 30 dez. 2017. Disponível: <https://www.historiadealagoas.com.br/alagoas-iate-clube-o-alagoinha-da-ponta-verde.html>. Acesso em: jul. 2023.

TV PAJUÇARA. **Homem faz pichação no Marco dos Corais e posta nas redes sociais**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5KHe5IMVMc>. Acesso em: jul. 2024.

URRY, J. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 1996.

VARGAS, P. Fortaleza tem 3 bairros entre os 10 mais caros do Nordeste veja ranking. **Diário do Nordeste**, 8 maio 2024, 09:00. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/fortaleza-tem-3-bairros-entre-os-10-mais-caros-do-nordeste-veja-ranking-1.3509417>. Acesso em: maio 2024.

VASCONCELOS, D. A. L. de. **Sol, praia e a “destinação” da cidade**: compreendendo a turistificação de Maceió-Alagoas-Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

VASCONCELOS, D. A. L.; GASTAL, S.; ARAUJO, L. M. Para além de um destino turístico: contradições territoriais em Maceió? Alagoas – Brasil. **CULTUR**, v. 17, p. 1-26, 2023.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: uma esperança condicional. São Paulo. Global universitária, 2003.

## APÊNDICE

| ENTREVISTA – População Entorno Rua Fechada |                                                                                                                                                                                                   |
|--------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Gênero:                                    |                                                                                                                                                                                                   |
| Faixa etária:                              |                                                                                                                                                                                                   |
| Cor:                                       |                                                                                                                                                                                                   |
| 1.                                         | O que você acha do fechamento da avenida na Ponta Verde aos domingos?                                                                                                                             |
| 2.                                         | O que você acha da popularização dessa área da cidade de Maceió?                                                                                                                                  |
|                                            | Você costuma frequentar a Rua Fechada no seu tempo livre?<br>Se sim: Em quais dias e horários?<br>Se não: Por que não?                                                                            |
| 3.                                         | Você usa todo o espaço da Rua Fechada ou se limita a alguma área ou áreas em particular?<br>Se se limitar a alguma área ou áreas: A qual ou quais áreas se limita e por que?                      |
| 4.                                         | O que você acha das instalações presentes, para uso coletivo disponíveis na Rua Fechada?                                                                                                          |
| 5.                                         | Você se sente seguro(a) na Rua Fechada?<br>Se não: Por que não?                                                                                                                                   |
| 6.                                         | Já se sentiu desconfortável ou enfrentou algum problema na Rua Fechada?<br>Se sim: Por favor, comente.                                                                                            |
| 7.                                         | As atividades que ocorrem na Rua Fechada já interferiram de alguma forma a sua vivência no seu lar?<br>Se sim: Por favor, comente.                                                                |
| 8.                                         | Se você tivesse a oportunidade de fazer alguma sugestão ao poder público, você indicaria alguma mudança sobre como a Rua Fechada funciona?<br>Se sim: Por favor, comente.<br>Se não: Por que não? |
| 9.                                         | Você gostaria de fazer algum comentário adicional que lhe parece importante para essa conversa?                                                                                                   |

| ENTREVISTA – População Maceió (outros bairros)                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------------|
| Gênero:                                                                               |
| Faixa etária:                                                                         |
| Raça:                                                                                 |
| Bairro:                                                                               |
| 1. Qual é o meio de locomoção utilizado para chegar na Rua Fechada?                   |
| 2. O que te motiva a frequentar a rua fechada?                                        |
| 3. Faz parte da sua rotina frequentar a rua fechada? Quais dias e horários?           |
| 4. Você usa todo o espaço da rua fechada ou se limita a alguma área?                  |
| 5. Você se sente seguro aqui?                                                         |
| 6. Já se sentiu desconfortável ou enfrentou algum problema ao utilizar a Rua Fechada? |
| 7. Você já presenciou alguma cena de violência na Rua Fechada?                        |
| 8. O que você acha das instalações presentes?                                         |

| ENTREVISTA – Turista                                        |
|-------------------------------------------------------------|
| Gênero:                                                     |
| Faixa etária:                                               |
| Raça:                                                       |
| Cidade:                                                     |
| 1. Esse espaço de lazer supriu as suas expectativas?        |
| 2. O que te motivou visitar esse espaço?                    |
| 3. Você enfrentou algum problema ao visitar a rua fechada?  |
| 4. Você se sentiu seguro aqui?                              |
| 5. Você presenciou alguma cena de violência na Rua Fechada? |
| 6. O que você achou das instalações presentes?              |
| 7. Qual sugestão você deixaria para a gestão desse local?   |
|                                                             |
| ENTREVISTA – Barracas e quiosques                           |

|                                                                                                                                                                                                      |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Gênero:                                                                                                                                                                                              |
| 1. O que você acha do fechamento dessa parte da orla da Ponta Verde aos domingos?                                                                                                                    |
| 2. Qual a sua opinião sobre a popularização dessa parte da orla de Maceió?                                                                                                                           |
| 3. Em sua opinião, a Rua Fechada é um lugar seguro para as pessoas que a frequentam?<br>Se não: Por que não?<br>Se sim: Por favor, explique por que.                                                 |
| 4. A barraca/O quiosque de vocês já enfrentou algum problema causado por frequentadores da Rua Fechada?<br>Se sim: Por favor, comente.                                                               |
| 5. Algum cliente já reclamou a vocês sobre alguma coisa ou acontecimento que tenha ocorrido na Rua Fechada?<br>Se sim: Por favor, comente.                                                           |
| 6. As atividades que ocorrem na Rua Fechada já interferiram alguma vez de maneira negativa na barraca/quiosque de vocês?<br>Se sim: Por favor, comente.                                              |
| 7. Se você tivesse a oportunidade de fazer alguma sugestão ao poder público, você indicaria alguma mudança sobre como a Rua Fechada funciona?<br>Se sim: Por favor, comente.<br>Se não: Por que não? |
| 8. Você gostaria de fazer algum comentário adicional que lhe parece importante para essa conversa?<br>Condição do(a) entrevistado(a):<br>( ) Dono(a)<br>( ) Gerente<br>( ) Outro:                    |

| ENTREVISTA - Barracas e quiosques                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Gênero:                                                                                           |
| Bairro:                                                                                           |
| 1. O que você acha do fechamento dessa parte da orla da Ponta Verde aos domingos?                 |
| 2. Qual a sua opinião sobre a popularização da Rua Fechada, atraindo grande variedade de pessoas? |

|                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>3. Você já enfrentou algum problema causado por frequentadores da Rua Fechada?</p> <p>Se sim: Por favor, comente.</p>                                                                                        |
| <p>4. Você já enfrentou algum problema causado por donos dos bares de praia ou donos de quiosques de sorvete ou bancas de jornais?</p> <p>Se sim: Por favor, comente.</p>                                       |
| <p>5. Se você tivesse a oportunidade de fazer alguma sugestão à prefeitura, você indicaria alguma mudança sobre como a Rua Fechada funciona?</p> <p>Se sim: Por favor, comente.</p> <p>Se não: Por que não?</p> |
| <p>6. Você já viu algum tipo de preconceito ou conflito contra algum tipo de frequentador da Rua Fechada?</p> <p>Se sim: Por favor, comente.</p>                                                                |
| <p>7. Você gostaria de fazer algum comentário adicional que lhe parece importante para essa conversa?</p>                                                                                                       |